

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS: TRAJETÓRIA E REPRESENTAÇÃO NA CIDADE IMPERIAL
IMPrensa E IDENTIDADE DE PETRÓPOLIS EM 100 ANOS DE JORNAL LOCAL

APRESENTADO POR
VERÔNICA SOARES DA COSTA

Rio de Janeiro, Março 2011

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO:
PROF. DR. FERNANDO LATTMAN-WELTMAN

VERÔNICA SOARES DA COSTA

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS: TRAJETÓRIA E REPRESENTAÇÃO NA CIDADE IMPERIAL
IMPrensa E IDENTIDADE DE PETRÓPOLIS EM 100 ANOS DE JORNAL LOCAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, Março de 2011

Costa, Verônica Soares da

Tribuna de Petrópolis : trajetória e representação na cidade imperial : imprensa e identidade de Petrópolis em 100 anos de jornal local / Verônica Soares da Costa. – 2011.

107 f.

Dissertação (mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: Fernando Lattman-Weltman.

Inclui bibliografia.

1. Tribuna de Petrópolis (Jornal). 2. Imprensa – Petrópolis (RJ) – História. 3. Petrópolis(RJ) – História – Fontes. 4. Identidade social. I. Lattman-Weltman, Fernando. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III.Título.

CDD – 079.8153

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS: TRAJETÓRIA E REPRESENTAÇÃO NA CIDADE IMPERIAL
IMPrensa E IDENTIDADE DE PETRÓPOLIS EM 100 ANOS DE JORNAL LOCAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADA POR
VERÔNICA SOARES DA COSTA

E APROVADO EM 25 DE MARÇO DE 2011
PELA BANCA EXAMINADORA

PROF. ORIENTADOR DR. FERNANDO LATTMAN WELTMAN
(CPDOC/FGV)

PROF^a. DR^a MARIETA DE MORAES FERREIRA (CPDOC/FGV)

PROF^a. DR^a. ANA PAULA GOULART (ECO/UFRJ)

PROF. DR. BERNANRDO BUARQUE DE HOLLANDA (SUPLENTE)
(CPDOC/FGV)

RESUMO

Fundada em 1902, a *Tribuna de Petrópolis* acumula 108 anos de publicação na cidade serrana do interior do Estado do Rio de Janeiro. Sendo um jornal local, de circulação restrita aos limites do município, sua existência por mais de um século reflete o esforço de seus diretores pela superação de crises e também pela manutenção de um poder simbólico de identidades sobre a cidade. Analisa-se a trajetória do jornal a partir de três fases de existência e da relação que o mesmo estabeleceu com Petrópolis em cada uma delas: no início do século XX, quando de sua fundação, momento em que representa o reposicionamento político do Grupo de Petrópolis após a perda da capital para Niterói; na metade do século, entre os anos 1950 e 1970, quando o jornal atravessa uma profunda crise e tem sua falência decretada; e nas décadas finais do século XX, quando o veículo se reorganiza e, sob o comando de herdeiros da Família Imperial, constrói para si uma nova relação de identificação e representação com a cidade de Petrópolis. Como jornal-empresa e parte de um conglomerado de comunicação, a *Tribuna de Petrópolis* chega ao século XXI e se estabelece como instituição pautada por escolhas e decisões estratégicas de administração e relacionamento com o mercado local de anunciantes.

PALAVRAS-CHAVE: jornal local, memória da imprensa, identidade

ABSTRACT

Founded in 1902, the *Tribuna de Petropolis* has accumulated over 108 years of publication in the city of Petropolis, state of Rio de Janeiro. Being a local newspaper, sold only within the limits of the city, its existence for more than a century reflects the efforts of its owners and directors to overcome crises and maintain the symbolic power of identity over the city. This research examines three main periods of the newspaper and its relationship with Petropolis. In the beginning of the 20th century, *Tribuna* represented the search for a new political position for the Group of Petropolis, after the loss of the capital to Niteroi. In the middle of the century, between 1950 and 1970, the newspaper runs through a deep crisis and declares bankruptcy. In the final decades of the 20th century, the newspaper is reorganized and, under the command of heirs of the Imperial Family, builds a new relationship of representation and identification with the city of Petropolis. As a newspaper-company and a part of a major conglomerate of communication, the *Tribuna de Petropolis* reaches the 21st century and establishes itself as an institution guided by strategic choices and administrative decisions, as well as by a straight relationship with the local market for advertising.

KEYWORDS: local press, identity, memory of the press

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu orientador, professor Fernando Lattman-Weltman, e aos professores da banca de qualificação, pelas sugestões e opiniões que me guiaram pela pesquisa e me deixaram mais familiarizada com os temas e os debates na área de História, Cultura Política, Memória e Identidade. Foi uma longa caminhada de aprendizado.

Agradeço também a todos os professores com quem pude adquirir conhecimentos ao longo do curso, em especial à professora Marieta de Moraes Ferreira, por me ajudar com as primeiras questões do projeto, à professora Ângela Maria de Castro Gomes, por uma das melhores aulas das quais já participei na minha vida, e também ao professor Paulo Fontes, por sempre me incentivar e partilhar conhecimentos.

Obrigada também a todos os funcionários da Fundação Getúlio Vargas, principalmente os da biblioteca, do laboratório de informática e da secretaria, que quase diariamente ajudavam com informações precisas e muita simpatia e gentileza.

Agradeço aos colegas de turma pelas trocas de experiência, pelo entusiasmo, e por me fazerem gostar ainda mais do Rio de Janeiro e dos cariocas. Sentirei saudade de vocês.

Agradeço à minha prima Thais Soares Kronemberguer e ao Felipe Zani, pelos livros emprestados, pelos lanches da tarde e pelos conselhos de quem já passou pelo mestrado. Eu me inspiro muito em vocês.

Um agradecimento especial aos profissionais da *Tribuna de Petrópolis*, em especial à Andréa Kreischer, do Marketing, ao Sr. Sylvio Carvalho do departamento comercial, e a Francisco de Orleans e Bragança, que, gentilmente, cederam seu tempo para que eu realizasse as entrevistas que constam na pesquisa, além de terem colaborado para que eu compreendesse mais e melhor a trajetória do jornal.

Agradeço também aos funcionários e estagiários da Biblioteca Municipal Gabriela Mistral, em Petrópolis, pelas horas e dias em que passei no Arquivo Histórico solicitando obras e vasculhando jornais. Muito obrigada pela compreensão.

Por fim, agradeço a Deus pelos dons necessários ao entendimento e ao desenvolvimento desse e de outros projetos, e à minha família pelo apoio incondicional, aos amigos que se interessaram pelo meu tema de estudo, ao Gabriel pela troca de ideias constantes e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que o trabalho chegasse ao final. Todo o meu amor para vocês.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - De 1830 a 1910: Breve histórico: Petrópolis e a imprensa local	13
1.1 A fundação da Cidade Imperial e os primeiros jornais da serra	13
1.2 A República e a imprensa em Petrópolis	23
1.3 Perde-se a capital, ganha-se um jornal	28
1.4 As cartas ao General Quintino	35
CAPÍTULO 2 – De 1910 a 1960: Os anos de decadência	46
2.1 Arthur Barbosa e os primeiros anos de crise	46
2.2 D. Pedro Gastão e o tortuoso caminho da inadimplência	54
2.3 A primeira reforma gráfica	60
2.4 Da falência à recuperação	69
CAPÍTULO 3 – De 1970 aos anos 2000: A era Francisco de Orleans e Bragança	78
3.1 Um jornal para os petropolitanos	78
3.2 O Grupo Tribuna e a estratégia de sobrevivência do jornal local	86
3.3 O centenário, as edições especiais e o futuro do jornal	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
APÊNDICE A – CRONOLOGIA	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeira edição da <i>Tribuna de Petrópolis</i> , publicada em 09/10/1902	29
Figura 2 – Hermogênio Silva, “o prestigioso chefe político”	44
Figura 3 – Arthur Barbosa, diretor da <i>Tribuna de Petrópolis</i>	46
Figura 4 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1912	47
Figura 5 – Petrópolis Elegante e a influência européia	51
Figura 6 – Inauguração da sede da Tribuna de Petrópolis	52
Figura 7 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1922	53
Figura 8 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1932	55
Figura 9 – O aumento do preço do papel	57
Figura 10 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1942	62
Figura 11 – Primeiras charges publicadas na <i>Tribuna</i>	64
Figura 12 – A nova fase da <i>Tribuna de Petrópolis</i>	65
Figura 13 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1952	67
Figura 14 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1962	71
Figura 15 – D. Pedro Gastão, o príncipe dos petropolitanos	73
Figura 16 – Anúncios de falecimento, sempre publicados na primeira página	74
Figura 17 – O protagonismo de D. Pedro Gastão	75
Figura 18 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1972	77
Figura 19 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1982	81
Figura 20 – O plebiscito de 1993	83
Figura 21 – A coroa representa o jornal da Cidade Imperial	84
Figura 22 – Capa da <i>Tribuna</i> quando da morte de D. Pedro Gastão	84
Figura 23 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 1992	87
Figura 24 – Os cadernos do <i>Grupo Tribuna</i>	91
Figura 25 – <i>Tribuna de Petrópolis</i> em 2002	94

INTRODUÇÃO

Peter Fritzsche (1998), em seu livro *Reading Berlin 1900*, propõe um estudo que relacione os conceitos de cidade como lugar geográfico e como narrativa textual, no qual as duas representações definem-se mutuamente e estão em constante dinâmica. Para seu trabalho sobre Berlin, o autor explora os jornais diários da cidade na virada do século XIX para o século XX e descobre nas páginas dos periódicos os caminhos percorridos pelos berlinenses para se encontrarem *na* cidade ao mesmo em que formatam *a* cidade.

O argumento de Fritzsche considera que os atos de ler e escrever *na* e *sobre* a cidade tornam-se um convite à movimentação popular *pela* cidade, e passam a modificar a dinâmica do espaço urbano. Os jornais permitiriam aos cidadãos conhecer possibilidades de utilização do espaço e modificar as estruturas sociais e políticas vigentes.

O presente trabalho apresenta a história da *Tribuna de Petrópolis* e sua relação com a cidade de Petrópolis. Diferentemente dos berlinenses, os moradores da cidade serrana não encontravam nas páginas do jornal um guia para exploração da cidade, mas narrativas sobre a Petrópolis construída sobre a aura Imperial. A identidade e o “modo de usar” da cidade já estavam pré-definidos nos primeiros dias de sua fundação, quando imaginada por D. Pedro II. Mas as representações da imprensa sobre Petrópolis não eram um fato dado, e sim um argumento construído com o passar do tempo.

Assim como Peter Fritzsche observou na Berlin de 1900 que os textos eram importante instrumento para compreensão da cidade, a leitura da *Tribuna de Petrópolis* nos inspira o conhecimento da Cidade Imperial ao longo do século. Periódico de circulação local fundado em 1902, a *Tribuna*, faz parte de um grupo cada vez mais raro no jornalismo brasileiro e internacional, de jornais impressos que sobrevivem às evoluções tecnológicas e às crises do mercado de comunicação.

Os motivos que teriam levado um jornal local a completar mais de um século de existência são investigados por meio da leitura da trajetória da *Tribuna*, que permitiu a percepção das variações de relações identitárias estabelecidas entre o jornal e a cidade no século XX. Entre crises políticas e financeiras, uma nova Petrópolis emerge das páginas do jornal: de refúgio do Imperador, ela passa a capital perdida. De cidade em desenvolvimento industrial, enfrenta períodos de crise. E, nos anos que antecedem o centenário do jornal, a cidade ressurgiu como centro monárquico do Brasil, representando os herdeiros da Coroa que no século XXI ainda se valem da herança imperial para gerar valor simbólico para seu veículo de imprensa.

Qualquer texto sobre a cidade tem potencial para sugerir ou subverter percepções, e o jogo de poder se torna o objetivo final dos discursos narrativos: “*texts in the city were at once orderly and disruptive, they reframed and juxtaposed and reiterated and left unsaid, they led as well as misled, and worked for and against concretions of power*”¹ (FRITZSCHE, 1998:3). Esse poder se justifica nas dinâmicas percebidas entre a cidade *que se é* e a cidade *que se vê* (ou *que se lê*) nas páginas dos jornais.

Em Petrópolis, a cidade das narrativas jornalísticas faz parte da cidade real, na qual se convive com a herança do Império, e onde as noções de progresso e modernidade ditaram por muitos anos o perfil de seu discurso narrativo. Na atualidade, entretanto, é a “cidade real” que se pretende retratar nas páginas do periódico, com destaque para o dia-a-dia do cidadão comum que convive diariamente com as mazelas urbanas. Que poder simbólico estaria por trás dessas escolhas de representação? Que interesses podem ser identificados na releitura das edições do passado?

A fim de situar o leitor, este trabalho parte de um período da história de Petrópolis que antecede a fundação da *Tribuna de Petrópolis* e é profundamente marcado pela presença constante e pela forte relação emotiva da Família Imperial com a cidade. Esse traço afetivo que relaciona a cidade aos Orleans e Bragança é fator indispensável para a compreensão da trajetória da cidade e do jornal, e também se estabelece como um eixo central da atual relação dos herdeiros da família Imperial com o jornal e a cidade.

Contextualizam-se os períodos históricos que antecederam a fundação do jornal, destacando primeiramente o surgimento da imprensa local durante o Império e o surgimento de um círculo de imprensa que, embora pequeno, abrange, inclusive, os colonos alemães fundadores da cidade. Já nos primeiros anos após a Proclamação da República, o jornalismo em Petrópolis passou por um momento de intensa atividade, com o surgimento de diversos periódicos com temáticas variadas. Poucos, entretanto, mantiveram-se em circulação por mais de alguns anos. As narrativas a respeito da trajetória do jornal e da imprensa local, de modo geral, reforçam aspectos da cidade relativos à nova realidade política, social e econômica, sem referência direta aos anos de Império em que Petrópolis servia ao deleite e aos prazeres do Imperador.

¹ Em tradução livre, “Textos na cidade foram, em algum tempo, ordenados e disruptivos, recompunham e rearranjavam e reiteravam e deixavam o discurso aberto, guiavam e também confundiam, funcionavam a favor e também contra a concretização do poder”.

Ainda no Capítulo 1, o trabalho busca relembrar os anos da fundação da *Tribuna de Petrópolis*, momento de desgaste político na cidade graças à perda do status de capital do Estado do Rio de Janeiro para Niterói, em 1903. Instrumento político de valorização do poder simbólico, a *Tribuna* surge como arma de defesa de um grupo que se sentia prejudicado em relação às decisões tomadas em âmbito Estadual.

No capítulo seguinte, investigam-se os anos de crise financeira e administrativa enfrentados pelo jornal, nos quais o discurso político já não bastava para a manutenção do periódico em circulação e a administração abria mão do conteúdo jornalístico a fim de que o espaço do jornal fosse ocupado pelo maior número possível de classificados. Na busca pela superação da crise, que se estendeu por décadas, entra em cena a figura de D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, herdeiro de D. Pedro II, que assume o cargo de síndico de inadimplência para salvar a *Tribuna* de seus anos de má administração.

Seguindo essa trajetória histórica, no Capítulo 3 apresentam-se os acontecimentos ocorridos após a entrada de outro herdeiro do Império, D. Francisco de Orleans e Bragança, na administração do jornal. Filho de D. Pedro Gastão, o atual diretor da *Tribuna* é tido como o responsável pelas renovações tecnológicas e pela recolocação do jornal em posição de destaque na sociedade petropolitana. A trajetória do jornal se fixa aos herdeiros da Família Imperial, tendo na imagem de D. Pedro Gastão e na administração de D. Francisco as principais armas de reposicionamento do jornal na cidade.

Ao longo da trajetória do jornal, percebem-se inúmeros usos da imprensa, seja como instrumento político, como centralizador de ofertas e demandas do mercado local ou como representante das necessidades da comunidade local. As mudanças do papel do jornal na sociedade petropolitana são fluídas, mas representam estratégias articuladas com os acontecimentos locais, que resultam não só na manutenção do veículo, como também em um processo de identificação com o público leitor.

O trabalho baseou-se primeiramente em uma pesquisa exploratória a partir do método bibliográfico, especialmente no que se refere a análises sobre cultura política e identidades, além dos demais conceitos ligados aos estudos da imprensa. Além disso, o Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal Gabriel Mistral, em Petrópolis, proporcionou o acesso às fontes primárias, edições da *Tribuna de Petrópolis* desde seu primeiro número, em 1902, até anos mais recentes.

A escolha das edições a serem selecionadas baseou-se, primeiramente, em datas sugeridas na edição comemorativa dos 100 anos do jornal, publicada em 2002 sob o título *Tribuna de Petrópolis, 100 anos em Revista*. A partir daí, a pesquisa seguiu uma cronologia de acontecimentos relevantes na cidade de Petrópolis e na biografia dos diretores do jornal, muitos deles retratados como notícia nas páginas da própria *Tribuna*.

Em seus primeiros anos, o jornal publicava uma edição especial todo dia 01 de janeiro, data do início de sua publicação diária em 1908. Nessas edições, constavam não só uma retrospectiva do ano anterior, com destaque para as principais realizações do município e acontecimentos de relevância mundial, como também pequenos resumos da história da *Tribuna* e de seus colaboradores. Apenas anos mais tarde o jornal passou a publicar a edição comemorativa de aniversário em 09 de outubro, data de sua fundação.

Além da consulta a fontes primárias, foram realizadas duas entrevistas exploratórias: a primeira, com o atual gerente comercial da *Tribuna de Petrópolis*, Sylvio Carvalho, e a segunda, com o atual diretor e proprietário do jornal, Francisco de Orleans e Bragança. Graças aos depoimentos colhidos nessas entrevistas, foi possível situar os momentos mais importantes da história recente da *Tribuna* e as decisões institucionais que motivaram mudanças na relação do jornal com a sociedade petropolitana.

Boa parte da produção acadêmica localizada sobre Petrópolis prioriza aspectos históricos e políticos da cidade, estudos sobre planejamento urbano e turismo. Não foi localizado trabalho que tratasse da história da *Tribuna de Petrópolis*, embora algumas dissertações e teses consultadas trouxessem informações valiosas sobre a imprensa local e sobre o resgate da memória da cidade por meio do jornal. Assim, a pesquisa sobre a trajetória da *Tribuna* preenche também uma lacuna em meio às produções que têm a cidade como objeto, e ajuda a construir um panorama da realidade da imprensa local.

De todos os jornais fundados em Petrópolis no início do século XX, a *Tribuna de Petrópolis* é o único ainda editado atualmente. Sua trajetória reflete o desenvolvimento da cidade e resume seus principais acontecimentos, dando maior ou menor destaque a determinados grupos políticos e sociais ao longo dos anos. Em determinados momentos, remonta a uma Petrópolis que já pertenceu mais a quem era “de fora” (veranistas, turistas, autoridades em visita); em outros, valoriza o potencial do jornal local e as representações “de dentro” (moradores, políticos e administradores locais). Entende-se, portanto, as múltiplas possibilidades de se falar *de* Petrópolis e *para* Petrópolis, em um veículo cuja configuração atual prioriza a estrutura administrativa de jornal-empresa e as narrativas sobre a “Petrópolis real” dos petropolitanos.

CAPÍTULO 1 – De 1830 a 1910: Breve histórico: Petrópolis e a imprensa local

1.1 A fundação da Cidade Imperial e os primeiros jornais da serra

O território onde hoje se localiza a cidade de Petrópolis, antes conhecido como Fazenda do Córrego Seco, foi adquirido em 6 de fevereiro de 1830 por D. Pedro I, que pretendia construir ali seu palácio de verão. Essa residência particular seria o destino da Família Imperial nos meses de calor que assolavam o Rio de Janeiro, e local onde os filhos do Imperador poderiam se recuperar de doenças, graças ao clima ameno da serra.

Os planos de D. Pedro I foram abortados quando de sua abdicação, em 1831. Com a morte do Imperador, em setembro de 1834, a Fazenda foi avaliada e destinada ao débito de dívidas acumuladas pelo Monarca. As questões deste inventário só foram solucionadas em 1840, período em que o governo brasileiro pagou na justiça o valor da fazenda e esta, “simbolicamente, foi doada como presente da Nação Brasileira ao jovem Imperador por ocasião de sua Maioridade” (RABAÇO, 1985:39). Esta doação é o início da íntima relação de *pertencimento* que a cidade de Petrópolis estabeleceu com a Família Imperial, pois, embora incorporada ao patrimônio nacional, a Fazenda passava a ser, de fato, um bem de D. Pedro II e seus sucessores.

Sob o comando de D. Pedro II, a Fazenda do Córrego Seco passa à nomenclatura oficial de Fazenda Imperial de Petrópolis. O Imperador propôs-se a construir no local uma residência onde a corte se protegeria de possíveis invasões, de pestes ou de inimigos, além de servir para o refúgio do calor do Rio de Janeiro. Mais do que isso, D. Pedro II realizou na construção de Petrópolis a idealização de um universo próprio, detalhadamente planejado para ser o local onde tudo deveria lembrar o Velho Continente. O clima naturalmente ameno, as construções e até o traçado da cidade transformavam Petrópolis no refúgio europeu do jovem Imperador.

Em 16 de março de 1843, foi assinado o Decreto Imperial 155, elaborado pelo Mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa, que previa a fundação da “povoação-palácio Petrópolis”, plano que incluía a edificação do Palácio, a povoação por arrendamento de lotes e a construção de um cemitério e da igreja em homenagem a S. Pedro de Alcântara. Um grupo pioneiro de 161 colonos alemães chegou a Petrópolis em 29 de junho de 1845, um ano após a primeira demarcação dos terrenos. Fossem escravos, nobres ou colonos, os primeiros habitantes encontravam na serra mais uma faceta da representação pública de D. Pedro II (SCHWARCZ, 1998:338), que transformara a cidade na grande vitrine da realeza.

Os direitos e deveres para o uso da terra por parte dos colonos eram estabelecidos em termos bastante claros: “tinham o domínio útil da terra; já do senhorio, o domínio direto era do Estado” (SCHWARCZ, 1998:233). Para o aforamento, era cobrado o valor do *emphyteusis* perpétuo, e em caso de venda da propriedade, haveria a cobrança do laudêmio, no valor de 2,5% do total à Casa Imperial.

Petrópolis sempre conviveu com a necessidade de se fazer perceber como o local onde a realeza reencontrava suas raízes e representava seu poder e influência. Seus colonos eram constantemente lembrados, por meio da cobrança do laudêmio e da enfiteuse, de que a cidade não lhes pertencia. Ainda nos dias atuais, a cobrança desses impostos é uma maneira – não apenas simbólica – de lembrar à população que as terras pertencem aos herdeiros da Família Imperial, e que a cobrança é um direito garantido por lei².

Tudo em Petrópolis deveria remeter à presença do Imperador. Ainda durante o processo de construção, já ostentava o chamariz da Cidade Imperial do Brasil, não porque fosse a única cidade na qual o Imperador, sua família e toda a corte haviam habitado³, mas por ter sido projetada e construída para o exclusivo fim de receber a realeza e representar os valores vigentes à época.

A idealização e a construção de Petrópolis foi possível graças à harmonia administrativa entre o Imperador D. Pedro II, o Mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa, e o Major Júlio Frederico Koeler, no cargo de diretor da colônia. Os três personagens planejaram e executaram a cidade para que se projetasse na história do Brasil como “Capital Social do Império” (RABAÇO, 1985:55), reunindo em um mesmo território o convívio da família Imperial, da nobreza da corte, do corpo diplomático estrangeiro e da população local, constituída de colonos e alguns escravos.

Durante quarenta verões, nos meses de novembro a maio, a Cidade Imperial se tornava a capital do Império e se revestia da forte tendência aristocrática, levada por D. Pedro II serra acima. Em 1856, o Palácio Imperial já estava pronto, e sua localização privilegiada permitia ao Imperador vislumbrar as maravilhas de sua cidade serrana e acompanhar a construção dos palacetes e mansões dos nobres que o acompanhavam na comitiva da corte:

² Conforme destaca Schwarcz, “até hoje os moradores da região central de Petrópolis e dos bairros Quitandinha, Mosela, Itamarati, pagam à Companhia Imobiliário de Petrópolis, da família Orleans e Bragança, a enfiteuse perpétua e o laudêmio” (SCHWARCZ, 1998:587).

³ Paulo Roberto Martins de Oliveira, em seu artigo “A história e o turismo em Petrópolis”, afirma que “A primeira cidade brasileira a receber tal título foi Niterói - RJ, pelo Decreto n.º 93 de 22/08/1841. [...] A Imperial Cidade de Petrópolis foi assim denominada apenas em 28/03/1981” (OLIVEIRA, 2004).

Na jovem urbe que se erguia segundo os traços designados pelo projeto urbanístico de Koeler, pululavam ruas largas e arborizadas, residências, hotéis e lojas, tendo o palácio um espaço simbólico de destaque (...), imponente, no centro de uma área mais elevada, de onde era possível vislumbrar a cidade que se erguia (ALMEIDA, 2005:26).

A corte mantinha uma relação bastante informal com a cidade, e o Imperador permitia que Petrópolis fosse o local onde as preocupações com compromissos oficiais não eram prioridade. Na serra, D. Pedro II poderia se afastar das responsabilidades protocolares e da rotina formal e rígida que lhe era exigida na capital.

Para fazer da estadia da corte uma experiência plena, muito era investido na infraestrutura urbana de Petrópolis. Não apenas a cidade nasceu do primeiro Plano Regional de Urbanismo do país, mas desde seus primeiros anos já apresentava jôquei clube, hipódromo, serviços de água e esgoto, iluminação a gás e ruas largas e arborizadas (ALMEIDA, 2005:28). Não eram medidos esforços ou investimentos na manutenção do status, pois, conforme observa Schwarcz, inspirada por Norbert Elias, “os gastos para a manutenção dos símbolos da monarquia são, dentro da lógica de uma sociedade de corte, inerentes à sua existência; nesse sentido, não há luxos nem desperdícios” (SCHWARCZ, 1998:239).

Em 1857, Petrópolis passava de povoado a cidade e sua população fixa era de pouco menos de 3 mil habitantes, fora da temporada de veraneio. O desenvolvimento da cidade podia ser medido pelo crescimento do comércio local. Naquele ano, o centro contava com 72 lojas e armazéns, seis hotéis, dois açougues, três botequins com bilhares, treze salões de bilhares e seis cocheiras para aluguel de montarias. Além do comércio, 97 indústrias já funcionavam na região (incluindo os estabelecimentos de artesanatos) e a cidade contava com seis fábricas de cervejas, uma de licor, uma perfumaria, uma tinturaria e dois moinhos de fubá (SANTOS, 2007:08).

O desenvolvimento do comércio e da sociedade preparou o caminho para o nascimento da imprensa petropolitana, seguindo os moldes do que já acontecia no restante do país. De modo geral, a imprensa desenvolvida no Brasil a partir da segunda metade do século XIX espelhava a tranquilidade e a segurança transmitidas pelo Império no país. Conforme afirma Nelson Werneck Sodré, nesse período “o Império está com a sua estrutura articulada e firme: consolidou-se para uma larga etapa e tudo ganha aspectos duradouros, parece definitivo” (SODRÉ, 1966:213).

O panorama histórico do surgimento da imprensa em Petrópolis é absolutamente favorável no que se refere aos aspectos de consolidação da comunicação e circulação de informações. Pela proximidade da cidade com a capital e pelos fortes laços do Imperador com sua Petrópolis, a imprensa rapidamente se beneficiou de algumas das mais importantes transformações da época:

(...) Começam a aparecer as ferrovias, enquanto a navegação a vapor e encurta as distâncias marítimas e permite aumentar o volume das trocas com o exterior e entre as províncias. Pouco depois, é o cabo submarino que liberta a informação externa da subordinação dos paquetes, e o telegrafo une progressivamente as zonas mais próximas ao centro (SODRÉ, 1966:214).

Foi a elevação de Petrópolis à categoria de cidade que deu o pontapé inicial para o surgimento do periodismo local⁴, na figura do jornal *O Mercantil*. Fundado em 03 de março de 1857, o periódico monarquista era fruto do desejo do português Bartholomeu Pereira Sudré de continuar exercendo sua profissão de tipógrafo-jornalista, ao mesmo tempo em que abraçava a causa do seu conterrâneo, Amaro Emílio da Veiga, na luta pela elevação do povoado de Petrópolis a cidade (SANTOS, 2007:20).

Editado sempre às terças, quintas e sábados, o jornal *O Mercantil* servia também como um forte instrumento a favor da abolição da escravatura, tendo apoiado incondicionalmente a Princesa Isabel na libertação dos escravos petropolitanos em 1º de abril de 1888. Em seu editorial de apresentação, o jornal assumia uma postura de defesa dos interesses locais e colocava como suas propostas:

Pugnar pelo desenvolvimento do comércio, da indústria e da agricultura; pelo engrandecimento material de Petrópolis e verdadeiros interesses da sociedade; pelos direitos do povo; pelo respeito ao cidadão honesto e à família; também sustentar a autoridade dignamente credora; difundir a ilustração e todos os conhecimentos úteis, por ser essa a gloriosa missão concedida pela Providência ao exercício da Imprensa (SANTOS, 2007:21).

Bartholomeu Sudré ocupou cargos na Câmara durante o período de existência do jornal, chegando a alcançar a Presidência da instituição em 1884. Com seu falecimento no ano de 1891, *O Mercantil* foi transformado na *Gazeta de Petrópolis*, tendo como redator em sua primeira fase Hermogênio Pereira da Silva, também futuro presidente da Câmara Municipal e líder político do chamado “grupo de Petrópolis”, grupo político que mais tarde viria a lutar pela permanência da capital do Estado na cidade (FERREIRA, 189:120).

⁴ Na Cronologia disponível no Anexo 1 é possível visualizar a intensa movimentação da imprensa local com a criação de periódicos na segunda metade do século XIX.

A *Gazeta de Petrópolis*, por sua vez, foi editada já no período republicano, entre 02 de junho de 1892 e 28 de dezembro de 1904 e, além de Hermogênio Silva, teve em sua redação o Dr. Arthur de Sá Earp, a partir de 1898. A saída de Sá Earp trouxe para a direção do jornal o Capitão Martinho Simões, partidário do General Quintino Bocaiúva, futuro Presidente do Estado. A chegada do Capitão marcou também uma mudança da postura política do jornal, que passou de oposicionista a situacionista, em apoio a Bocaiúva.

Quintino Bocaiúva foi também sócio do jornal *O Paraíba*, fundado em 1858 por Emílio Zaluar. O jornal teve apenas um ano de circulação, mas no período de sua existência refletiu a notoriedade e a influência da figura de Bocaiúva na história da imprensa e na política fluminense. Grande defensor da causa republicana, o General foi também diretor do jornal *O País* (1884) até 1901, continuando a exercer influência sobre a linha editorial mesmo após sua saída (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO, 2010).

A *Gazeta de Petrópolis*, por sua vez, reforçava o discurso de uma elite republicana em busca de poder, interessada em disseminar narrativas que destacavam “a glória, o glamour, o privilégio de se estar no topo da hierarquia social” (ALMEIDA, 2005:41). Em suas páginas, reconstituíam-se as características da Petrópolis feita para o veraneio de privilegiados, narrativas que “atrelam a imagem de Petrópolis à identidade do grupo que frequenta seus salões, clubes, ruas e parques” (ALMEIDA, 2005:43). A partir do surgimento da *Tribuna de Petrópolis*, em 1902, a *Gazeta* travou intensas batalhas pela defesa de espaços políticos da cidade, deixando de existir no ano de 1904, período em que a *Tribuna* já se consolidava no jornalismo local (SILVEIRA FILHO, 2007).

Boa parte do círculo da imprensa petropolitana desse período formava também o corpo político da cidade. Ao assumir posições na Câmara Municipal ou em outras instâncias do governo Estadual, os diretores e editores dos veículos locais viam-se diante da oportunidade de decidir o futuro da cidade em nome da elite que também representavam em seus jornais. Essa Petrópolis dos privilegiados, que tem espaço cativo na imprensa local do Império e nos primeiros anos da República, não aparecia, entretanto, nas publicações voltadas para os colonos estabelecidos na cidade.

Veiculados em alemão, esses periódicos buscavam registrar a voz e os anseios dos colonos fundadores. A *Brasília*, fundado em 1858, surgiu graças à sociedade de comerciantes, industriais e colonos alemães. Era impressa na tipografia do jornal *O Mercantil* e publicado na quarta página do mesmo, com diversas interrupções, até 1862, quando encerrou sua publicação.

Também circulou em Petrópolis, no final do século XIX, o periódico *Germânia*. Publicado pela primeira vez em 17 de janeiro de 1864 por Pedro Müller, que mais tarde foi também eleito vereador, destacou-se na luta pela defesa dos direitos dos colonos e seus descendentes. O *Germânia* foi editado por um período total de 10 anos, passando a pertencer a Richard Matthes em janeiro de 1874, residente na cidade do Rio de Janeiro. Na capital, foi publicado com o título *Algemeine Deutsche Zeitung*, encerrando sua existência no ano de 1888 (SILVEIRA FILHO, 2007).

Nos últimos anos do século XIX, Petrópolis vivia uma fase de prosperidade que também se registrava no quadro econômico da capital e de toda a região fluminense. A atividade cafeeira, que representava o setor mais dinâmico da economia nacional, era a principal fonte de recursos do Estado no período: “as fazendas do Rio, na segunda metade do século XIX, produziam 78% do café brasileiro, enquanto as propriedades rurais de São Paulo, apenas 12%” (ALMEIDA, 2005:52).

As atividades industriais representavam também uma excelente fonte de insumos econômicos nos idos de 1880. O quadro industrial do período era promissor, com destaque para as indústrias têxteis em Petrópolis. A presença da corte na cidade e o mundo sociocultural que a acompanhava eram alguns dos aspectos da cidade que seriam fatores positivos para reforçar essa tendência, entre eles:

A regularidade da comunicação com o Rio, o que facilitava o escoamento da produção e a compra de matérias-primas; a salubridade, o que impulsionava os moradores da capital a se refugiarem em Petrópolis contra as pestes que assolavam o Rio no verão; a abundância de água e a topografia da cidade, que facilitavam a produção de energia para alimentar as indústrias, e o custo de vida inferior ao da capital (ALMEIDA, 2005:55).

Esse quadro econômico favorável, somado à proximidade da cidade com a Família Imperial, delimitava o perfil do público leitor dos primeiros jornais da serra, ao mesmo tempo em que direcionava a imprensa local a se aproximar de temáticas mais abrangentes. Expandindo seu conteúdo para além dos limites geográficos de Petrópolis, a imprensa local dava conta de fornecer informações sobre os acontecimentos da capital e o desenrolar de decisões políticas.

Assim, havia nos primeiros exemplares da imprensa petropolitana “uma preocupação em atrair leitores sofisticados e em conferir prestígio àqueles veículos e à cidade que os acolhia” (ALMEIDA, 2005:56), pois “vivia-se em Petrópolis com os olhos voltados para o Rio, porém sob a proteção de uma aura de superioridade européia que encobria a cidade e a mantinha resguardada” (ALMEIDA, 2005:57).

Entretanto, a imprensa de meados do século XIX ainda apresentava técnicas artesanais e um sistema de produção que nem de longe se assemelha à estrutura empresarial da comunicação conforme a conhecemos hoje. Gisela Taschner cita Juarez Bahia ao afirmar que o período entre 1880 e 1930 “é a fase da aventura e da consolidação industrial” do jornalismo, que ainda não era concebido dentro dos moldes do jornal-empresa (TASCHNER, 1992:31). Isso porque a indústria cultural ainda vivia no Brasil sua pré-história, e estava longe da acepção na qual era concebida como:

um conjunto de complexos empresariais, altamente concentrados do ponto de vista técnico e centralizado do ponto de vista do capital, que produzem e distribuem em grande escala, empregando métodos muitas vezes (...) marcados por um alto grau de divisão do trabalho, baseado em fórmulas, e tendo em vista a rentabilidade econômica, objetos culturais (TASCHNER, 1992:18).

Ao contrário, a imprensa desse período caracteriza-se “por um grande envolvimento com as disputas políticas, atuando como uma espécie de tribuna de luta contra ou a favor das diversas causas que empolgam o país” (TASCHNER, 1992:28). Em Petrópolis, especificamente, a imprensa na transição do século XIX para o XX estava mais preocupada em expressar interesses individuais ou de grupos políticos do que em atender às expectativas de seu público leitor. Por isso, não se encaixava no perfil de uma imprensa de massa, e sua lógica era determinada pela elaboração de uma mensagem política.

Paralelamente aos avanços da imprensa local e ao desenvolvimento econômico, a partir da década de 1870 começaram a surgir os primeiros sintomas da crise do Segundo Reinado, entre eles o início do movimento republicano e os atritos do Império com o Exército e a Igreja. O encaminhamento da escravidão no país também foi um fator central no desgaste das relações entre o Estado e suas bases de apoio (FAUSTO, 2002:121). Assim caracterizavam-se os grupos do Republicanismo:

A base social do republicanismo urbano era constituída principalmente por profissionais liberais e *jornalistas*, grupo cuja emergência resultou do desenvolvimento das cidades e da expansão do ensino, além dos militares. Os republicanos do Rio de Janeiro associavam a República à maior representação política dos cidadãos, aos direitos e garantias individuais, à Federação, ao fim do regime escravista (FAUSTO, 2002:127) [*grifo nosso*].

Sodré (1966) reforça esta impressão ao afirmar que, de 1870 a 1872, surgiram mais de vinte jornais republicanos no país. Assim, o ideal republicano “ganhou a consciência da camada culta do país, estudantes, intelectuais, militares, padres” (SODRÉ, 1966:245). É a abertura de uma fase de destaque na imprensa brasileira, que, além de fecunda, levava os melhores jornais e jornalistas a refletirem sobre a mudança do regime.

Entre as posições defendidas sobre como deveria ocorrer a passagem da Monarquia para a República, concentrava-se na figura de Quintino Bocaiúva o grupo que defendia uma transição pacífica, preferindo aguardar a morte natural do Imperador. Na tomada de decisões que levou à queda do regime monárquico, Bocaiúva uniu-se a figuras políticas como Rui Barbosa e Benjamin Constant, para convencer o marechal Deodoro a liderar o movimento contra o Império (FAUSTO, 2002:132).

Quando, em 1889, a campanha republicana já estava fortalecida no Brasil, D. Pedro II, já com a saúde fragilizada, se exilou em Petrópolis com sua família. Em 11 de novembro daquele ano, era em Petrópolis que o Imperador se encontrava antes de descer ao Rio de Janeiro para participar do Baile da Ilha Fiscal, que ficou conhecido como o símbolo do final da monarquia no país (SCHWARCZ, 1998:453-54).

Ao retornar a Petrópolis, apenas quatro dias depois, o Imperador recebeu a notícia da formalização do regime republicano e do banimento da Família Imperial do país. Em 15 de novembro foi instituído o governo provisório republicano, que contava com a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca e de outras figuras como o Marechal Floriano Peixoto e os ministros Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Campos Sales, e outros.

De acordo com Antônio Eugênio Taulois (2007), temia-se que a cidade de Petrópolis sofresse retaliações republicanas após a proclamação do novo regime, uma vez que os interesses agora tenderiam para diminuir o prestígio imperial. Mas Petrópolis seguiu seu caminho com as funções administrativas comandadas por intendentess nomeados pelo Governador do Estado até 1892, quando passou a ser governada pela Câmara Municipal.

A preocupação em “ocultar” ou “transformar” os símbolos do Império em lembretes da vitória republicana veio por outros meios, como a mudança da nomenclatura das ruas da cidade. A “Rua do Imperador” passou a se chamar “Av. 15 de novembro”, enquanto a “Rua da Imperatriz” tornava-se “Av. 7 de setembro”, por exemplo. Maíra Carvalho Carneiro Silva (2009), em sua análise sobre o processo de mudança de nomes das ruas de Juiz de Fora (MG) no mesmo período, afirma que essa atitude era uma forma de tentar transformar a cidade em uma Cidade Republicana, adaptando o espaço público à nova ordem. Assim, a Cidade Imperial se tornava um espaço próprio do novo regime. A mudança dos nomes das ruas era também um instrumento das elites para impor e tornar clara a cultura política dominante a partir daquele momento.

Com a República, Petrópolis passou a contar com um número cada vez maior de periódicos⁵, a maioria de existência breve e com perfis e objetivos variados. Embora extensa, na lista de jornais do período são poucos cuja trajetória ultrapassou alguns anos de vida. É neste aspecto que a *Tribuna de Petrópolis* (1902) se destaca como o periódico mais longo e de edição mais consistente no jornalismo local no último século.

Essa multiplicação de jornais era um reflexo direto das transformações que o país enfrentava na transição do Império para a República. Conforme afirma Sodré (1966), esta é a fase da imprensa brasileira em que se busca a superação da estagnação imperial. A multiplicação de órgãos de imprensa de vida efêmera é comum, e que tanto o surgimento quanto o desaparecimento desses periódicos é absolutamente circunstancial (SODRÉ, 1966:287). O autor afirma ainda que:

O que mais se fazia, naquela fase, era precisamente discutir, pôr em dúvida, analisar, combater. Combater a pretensa sacralidade das instituições: da escravidão, da monarquia, do latifúndio. E a imprensa tinha, realmente, em suas fileiras, grandes combatentes, figuras exemplares, como homens de jornal e como homens de inteligência ou de cultura (SODRÉ, 1966:268).

Na edição comemorativa dos 80 anos da *Tribuna*, esboçam-se alguns motivos que teriam justificado o desaparecimento da maioria dos órgãos de imprensa do início do século XX na cidade. Segundo o artigo, que refaz a trajetória da *Tribuna* até 1982, houve um tempo em que “Petrópolis já não comportava mais esses jornais de cidades atrasadas, reclamando a população uma imprensa de normas apuradas e elevadas que é, aliás, a única que medra no nosso ambiente” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1982).

⁵ Listagem de periódicos surgidos nos primeiros anos do século o XX, fruto de pesquisa realizada por Silveira Filho (2007): “*O Povo* em 1902; a *Tribuna de Petrópolis*, 1902; o *Jornal de Cascatinha*, 1927; *Nachrichten*, 1900 (o segundo e mais importante jornal de língua alemã da história do município e do Estado), o *Jornal de Petrópolis* (que durante décadas foi uma sombra concorrida da *Tribuna*), 1924; *A Faísca*, 1915; *Rio-Petrópolis* (o primeiro a ser distribuído gratuitamente aos veranistas), 1911; *O Clarão*, 1919; o operário *A Alvorada*, 1921; o também operário *A Ordem*, 1917 (...); a *Gazeta de Petrópolis*, 1892; a *Tribuna Popular*, 1901; o humorístico *O Arara*, 1906; *O Tempo*, 1914; *A Fortaleza*, 1925; *A Gazeta*, 1921; a *Gazeta Fluminense*, 1905; o queridíssimo órgão da Liga do Comercio *Folha Comercial*, 1925; o recreativo do Colégio Sylvio Leite *O Acadêmico*, 1929; *O Eco*, 1916; *O Diário*, 1914; *Correio de Petrópolis*, 1893; *O Estudante*, 1909; *O Estado*, 1897; *O Echo*, 1904; *O Typo*, 1903; *O Chôro*, 1917; *O Bohemio*, 1903; *O Arauto*, 1922; *O Grito*, 1926; *Jornal Sportivo*, 1916; *O Comércio*, 1911; *Tribuna Popular*, 1901, *O Mensageiro*, 1916; *Segunda-Feira*, 1927; *O Século*, 1920; *O Arara*, 1906; *Estado do Rio*, 1901; *Portugal-Brasil* (comemorativo), 1900; *I° Anniversario*, 1906; *Regeneração Nacional*, 1919; *O Rio Preto* (junto ao *Jornal de Cascatinha*, um pioneiro digno na representação jornalística distrital em Petrópolis), 1908; *O Cruzeiro* (outro combativo rival da *Tribuna*), 1908; *Vida Esportiva*, 1926; *O Kosmos*, 1914; *O Penetra*, 1916; *O Popular*, 1899; *O Centro*, 1913; *Diário da Tarde*, 1918; *Diário da Manhã*, 1916; *Cidade de Petrópolis*, 1902; *O Sport*, 1918; *Echo Lusitano*, 1899; *Diário de Petrópolis*, 1911; *Crítica*, 1922; *Cinema-Jornal* (símbolo estonteante de uma época do cinema-mudo e seus primeiros sucessos norte-americanos, quem sabe um pioneiro no Brasil?) 1910; *A Tarde*, 1912; *A Pátria*, 1910; *A Opinião*, 1916; *A Lucta*, 1908 e *A Hora*, 1926” (SILVEIRA FILHO, 2007).

Assim, o desaparecimento dos jornais poderia estar atrelado a uma distância entre sua prática e o que os leitores esperavam encontrar em um veículo de qualidade, de acordo com os novos padrões surgidos na época. Infere-se dessa declaração que o jornalismo local já se preocupava em oferecer algo além da veiculação de uma determinada mensagem política, pois importante era também atender às expectativas do público leitor. Esta declaração também demonstra uma postura do jornal que enxerga certa “superioridade” de Petrópolis: a Cidade Imperial não poderia ficar “atrasada”.

Como era de se esperar em uma edição comemorativa do próprio jornal, a *Tribuna* é apresentada então como o veículo que viria a quebrar com os antigos paradigmas, trazendo uma nova concepção de jornalismo para a cidade e para um público ávido por informação. Mesmo assim, havia ainda um abismo entre os jornais que circulavam nas capitais e aqueles do interior:

[a imprensa] de caráter artesanal subsistia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servindo às lutas locais, geralmente virulenta; nas capitais já não havia lugar para esse tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca (SODRÉ, 1966:314).

Quanto à pretensa evolução dos jornais em direção a uma estrutura capitalista e empresarial, Taschner (1992) alerta que é preciso tomar com cautela as orientações que consideravam esse avanço da imprensa, especialmente nos primeiros anos do século XX: “É claro que os jornais eram mercadorias nessa época, como, aliás, o era toda a imprensa desde a sua introdução no Brasil. Mas daí a pensá-los, de saída, como empresas nitidamente estruturadas em moldes capitalistas, vai uma distância” (TASCHNER, 1992:35).

Sendo assim, pode-se considerar que o século XX inaugurou no Brasil uma fase da *imprensa em transição*, na qual já era possível observar, especialmente nas capitais, indícios de uma modernização técnica e organizacional, mas que ainda não passavam de um ponto embrionário, longe de ser despolitizado. Alguns veículos já investiam em propaganda, preocupavam-se com a apresentação e a intenção de agradar o leitor. Mas a “ideia do lucro” ainda incomodava, pois, “as práticas mercantis não tinham sido totalmente sancionadas de um ponto de vista ético, e menos ainda quando referentes à mercantilização do trabalho intelectual” (TASCHNER, 1992:37).

1.2 A República e a imprensa em Petrópolis

Salvo as observações feitas anteriormente, a imprensa brasileira do início do século XX “aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e características peculiares a uma sociedade burguesa” (SODRÉ, 1966:298), afastando-se gradativamente da imprensa artesanal típica dos primeiros jornais brasileiros, especialmente aqueles que ainda eram produzidos nas cidades do interior, fora das influências dos grandes centros. Tendo em vista que a cidade de Petrópolis foi capital do Estado do Rio de Janeiro nos anos que antecederam a fundação da *Tribuna de Petrópolis*, seria possível considerar o jornal como um representante da nova fase da imprensa industrial?

Para responder a esta pergunta, é preciso compreender o contexto de surgimento da *Tribuna* e o envolvimento de seus diretores nas lutas políticas do início do século XX. Convém salientar aspectos da nova realidade política e econômica que se formava a partir de novembro de 1889. Se a cultura política estava em transição e o jornalismo local parecia se expandir, a situação econômica da região enfrentava também grandes transformações.

Conforme afirma Marieta de Moraes Ferreira (1994), a partir da Proclamação da República, as elites fluminenses passaram a enxergar no apogeu da cafeicultura uma “Idade do Ouro”, criando uma mentalidade política que associava a conjuntura do café ao status e ao bom desempenho econômico do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que buscava resgatar esse momento de pleno desenvolvimento. Entretanto, era inevitável que, com a República, o Rio de Janeiro se transformasse. Assim,

De principal pólo econômico do país e mais forte base de apoio político da monarquia, o estado perdeu o *status* “grande província imperial” com a implantação do regime republicano, inaugurando um longo período de dificuldades econômicas e políticas (FERREIRA, 1994:08).

Passava a ser necessário diferenciar os relacionamentos estabelecidos entre a capital federal e os governos Estaduais, especialmente devido à fragilidade das ideias republicanas no Rio de Janeiro. Outra questão que colaborava para a problemática encontrada no Estado era a tendência à nacionalização que rondava a vida política no Rio, capital do Brasil. Ao longo do período Monárquico, a cidade do Rio de Janeiro não desenvolveu uma mentalidade política voltada para os problemas regionais fluminenses, e grande parte dessa atitude se deve à “mentalidade cosmopolita” (FERREIRA, 1989:21) assumida por suas lideranças políticas.

Testemunhava-se também no interior do Estado uma movimentação ligada a dois grupos distintos, o Partido Republicano Fluminense (PRF), fundado em 1888, às vésperas da Proclamação, e o Partido Republicano do Estado do Rio de Janeiro (PRRJ), fundado em 1899. O PRF não se constituía como um partido forte, e não agrupava os interesses dominantes de modo a solucionar os problemas do Estado: “na verdade, o primeiro governo republicano fluminense, chefiado por Francisco Portela, nada mais fez do que subordinar-se ao governo federal e solapar as frágeis bases dos republicanos históricos” (FERREIRA, 1989:14).

Já a fundação do PRRJ se deu quando Alberto Torres, já como Presidente do Estado, em 1899, preferiu aliar-se a forças do norte fluminense ao invés de acirrar as disputas entre seu governo e aqueles grupos. Assim, o Presidente “rompeu com o PRF, que passou à oposição, e fundou o PRRJ, Partido Republicano do Rio de Janeiro, o novo partido da situação” (FERREIRA, 1989:16).

Neste período de transição entre os séculos XIX e XX, grupos concorrentes disputavam quem iria preencher o vazio de poder surgido com a queda da Monarquia, uma vez que “não havia partidos políticos em condições de exercer o papel unificador que até então coubera ao Imperador e à sua burocracia” (LEMOS, 1989:44). O quadro de disputas pelo domínio político local estabeleceu-se, em 1889, com a nomeação, por decreto do Presidente da República, de Francisco Portela, político de tradição campista⁶, para presidente do agora Estado do Rio de Janeiro.

O nome de Francisco Portela surgiu por indicação do novo ministro de Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva, que deixou de fora José Tomás da Porciúncula, “talvez o republicano de mais sólidas bases políticas regionais, consolidadas durante vários mandatos que exercera como deputado provincial” (LEMOS, 1989:45). Porciúncula tinha em Petrópolis uma de suas fortes bases políticas. Entretanto, a delegação federal para que Portela assumisse o cargo não garantiu o fim da disputa pela direção política estadual:

A disputa entre Portela e o Partido Republicano pela direção política do Estado chegou ao auge quando entraram em pauta as eleições dos deputados à Assembléia Nacional Constituinte, convocada desde dezembro de 1889 para reunir-se em 15 de novembro de 1890. A legitimidade da República começava a construir-se com esse pleito, marcado para 15 de setembro de 1890, e o desempenho eleitoral das facções políticas estaduais seria o principal indicador das perspectivas que estas poderiam começar a traçar em relação ao acesso ao poder (LEMOS, 1989:49).

⁶ Da cidade de Campos dos Goytacazes, localizada ao norte do Estado do Rio de Janeiro.

Ao longo do processo da Constituinte, “Portela se desgastou profundamente, isolando-se das principais chefias políticas estaduais” (LEMOS, 1989:53), mas manteve-se no cargo até 1891. Posteriormente, em 1892, o antes preterido José Tomás da Porciúncula foi eleito presidente do Estado do Rio de Janeiro. Além do desgaste com a Constituinte, outro acontecimento contribuiu para o isolamento político e a queda de Portela: a decisão de mudança da capital do Estado, de Niterói para outra cidade do interior.

Entre os diversos motivos apontados para a retirada da capital de Niterói, estavam “o alheamento da heterogênea população de Niterói (...) em relação aos interesses do Estado, sua submissão aos interesses da vizinha capital federal e a ameaça à autonomia do estado que essa proximidade representava” (FERREIRA, 1994:106). A primeira opção para a nova capital era representada pela cidade de Teresópolis que, embora ainda sem estrutura e distante do que, na época, poderia ser considerado o ideal para uma capital, “refletia o desejo do governador [Portela] de constituir um núcleo de sustentação política livre de quaisquer influências” (LEMOS, 1989:53).

Embora fosse tema central nos debates políticos, a mudança da capital só se consolidou em 1893, com a eclosão da Revolta da Armada, que colocou Niterói sob forte ameaça. Foi graças a essa situação política no Estado do Rio de Janeiro que Petrópolis recebeu, provisoriamente, a autorização para sediar as bases do governo estadual.

Além de possuir as condições materiais necessárias para receber a estrutura de administração pública do Estado – comércio, indústria e toda a herança cultural e social dos tempos do Império –, Petrópolis era também a base política de José Tomás da Porciúncula, à época presidente do Estado. Em 1894 a transferência foi realizada, e lá permaneceu, até 1903, ano em que Niterói passou a ser capital novamente, por imposição do recém-eleito presidente do Estado, Nilo Peçanha. (FERREIRA, 1994:107).

No período em que foi capital do Estado, Petrópolis registrou aproximadamente 29 mil habitantes, número que chegava a 35 mil nos períodos de veraneio. Com o status da capital, chegaram também novos investimentos e tecnologias: a cidade recebeu energia elétrica, e, em 1896, chegaram seus primeiros bondes elétricos (TAULOIS, 2007). Destacam-se também os esforços pela manutenção da vocação turística da cidade:

Ficou preservado o seu ambiente culto, aristocrático e refinado. Durante o verão, no início da noite, a estação ferroviária se transformava num “point” social, repleta com as famílias esperando a chegada do “trem dos maridos”. (...). Nos anos seguintes, com exceção de Floriano Peixoto, Delfim Moreira e Castello Branco, todos os presidentes da República, desde Deodoro da Fonseca até Costa e Silva, veranearam em Petrópolis (TAULOIS, 2007).

A partir de 1897, o então Presidente do Estado, Alberto Torres, lutava contra uma maioria oposicionista que era fiel ao PRF, e tinha o apoio de uma minoria situacionista. Os conflitos tornavam-se geograficamente localizados, e o grupo de apoio de Alberto Torres incluía o chamado “Grupo de Petrópolis”:

Convém notar que o novo situacionismo contava, sobretudo, com representantes do 1º distrito, sediado em Niterói, cujo chefe político incontestável era Martins Torres, pai do presidente do estado; do 4º distrito, sediado em Petrópolis, liderado por Hermogênio Silva, um dos principais articuladores políticos de Alberto Torres, e do 5º distrito, sediado em Resende, onde se destacava a figura do deputado Alberto Whately (LAMARÃO, 1989:100).

A situação mudaria com a candidatura de Quintino Bocaiúva para presidente do Estado, proposta por Nilo Peçanha ao presidente Campos Sales, em uma estratégia de “congraçamento político em torno de uma grande figura nacional” (LAMARÃO, 1989:109). Bocaiúva havia se mantido alheio à cisão do PRF e era também uma das figuras mais importantes do periodismo republicano, com autêntica vocação para o jornalismo e a política. Era um “republicano convicto, com os maiores e mais antigos serviços à causa do novo regime, em cujos princípios ficou fiel ao longo de toda a sua existência” (SODRÉ, 1966:288). Sua escolha para suceder Alberto Torres no governo do Estado envolvia disputas políticas diretamente ligadas ao grupo de Petrópolis, uma vez que Torres havia indicado Hermogênio Silva para seu sucessor:

Quintino Bocaiúva despontava como um candidato de conciliação, capaz de oferecer uma solução satisfatória à sucessão fluminense. O PRF divulgou oficialmente seu apoio à candidatura Quintino em 18 de junho de 1900 (...). Dois dias depois, a comissão executiva do PRRJ lançou manifesto indicando Quintino, o que implicou a retirada da candidatura de Hermogênio Silva (LAMARÃO, 1989:109).

Assim, Bocaiúva concorreu como candidato único e foi eleito presidente do Estado em dezembro de 1900, beneficiando o posicionamento político de seu articulador, Nilo Peçanha, na política fluminense. Este foi um momento de grande prejuízo para o grupo de Petrópolis, representado nas figuras derrotadas de Alberto Torres e Hermogênio Silva.

O Estado do Rio de Janeiro apresentava uma crítica situação econômico-financeira em janeiro de 1901, quando Quintino Bocaiúva foi empossado, e esse quadro devia-se principalmente à acentuada queda dos preços do café. Além disso, o presidente do Estado teria que enfrentar “as feridas abertas pela recente luta partidária” (LAMARÃO, 1989:117), que estavam longe de cicatrizar.

As discussões políticas após a posse de Bocaiúva passaram a girar em torno do retorno da capital de Petrópolis para Niterói, conflito que cavou “uma profunda divisão na ALERJ, opondo *grosso modo* os seguidores de Hermogênio Silva e os de Nilo Peçanha” (LAMARÃO, 1989:118), ou seja, o Grupo de Petrópolis e o Grupo de Campos.

A vertente política que era contra o retorno da capital para Niterói defendia os interesses do líder Hermogênio Silva, chefe político de Petrópolis e herdeiro político de Alberto Torres, que fora eleito em novembro de 1900 o vereador mais votado da Câmara Municipal de Petrópolis. Mas o movimento antimudancista perdia espaço para os partidários da mudança que, apoiados por Nilo Peçanha, aprovaram o retorno da capital para Niterói em lei promulgada em 4 de agosto de 1902:

O triunfo de posição mudancista no episódio da transferência da capital contribuiu para clarear os contornos do quadro político fluminense. Ao mesmo tempo em que o grupo nilista se afirmava como força hegemônica, a derrota de Hermogênio Silva lançava-o na oposição e comprometia mais uma vez suas pretensões à presidência do estado na sucessão de Quintino Bocaiúva (LAMARÃO, 1898:121).

Considerada a cidade com maior vocação para ser capital, Petrópolis viu-se envolvida em uma estratégia política de redefinição de poderes entre as elites fluminenses. Para muitos, inclusive, Petrópolis não teria desejado receber o título de capital do Estado quando da Revolta da Armada, mas, uma vez escolhida, assumiu sua vocação e agarrou-se a essa nova identidade perante as lideranças fluminenses:

Esta cidade jamais almejou ser capital. Sua população, seus industriais e comerciantes foram indiferentes à mudança ocasional, mas, uma vez tornada esta efetiva, com gastos enormes para as finanças públicas, instalações luxuosas, não era justo que dez anos depois voltasse tudo para Niterói. Assim, defendeu Petrópolis seu direito até quando pôde (FRÓES, 1952).

Mesmo com a iminência da perda da capital, a cidade era sinônimo de expansão, símbolo do desenvolvimento e da modernidade, e assim buscava ser retratada a fim de manter seu status político e social. Os 276 funcionários mantidos pelo Estado em Petrópolis eram partidários unânimes da permanência da capital na serra, pois aqui se encontravam “comodamente instalados em clima salubérrimo, com os filhos matriculados em bons colégios, muitos deles pertencentes a famílias genuinamente petropolitanas, que (...) viam na mudança para Niterói os maiores inconvenientes” (FRÓES, 1952).

Apesar deste aparente movimento a favor da permanência da capital por parte dos funcionários do governo, a mudança definitiva ocorreu em junho de 1903, com a transferência do Poder Executivo. A mobilização Estadual, que tinha por objetivo fortalecer a posição dos municípios frente à capital federal, acabou por não se mostrar eficiente, pois “mesmo durante a permanência da capital em Petrópolis as relações entre a cidade e o estado do Rio não mudaram de forma substancial” (FERREIRA, 1994:107).

1.3 Perde-se a capital, ganha-se um jornal

Petrópolis passava, portanto, por um período de tensão social e política no início do século XX, pois perdia seu status de capital do Estado. Por algum tempo, manteve todo o corpo diplomático e uma extensa cadeia de cultura e entretenimento, além das fábricas, indústrias e comércio de alto nível que atendiam a esse público exclusivo.

Foi em meio a essas transformações políticas que, em 09 de outubro de 1902 (Figura 1), surgiu a *Tribuna de Petrópolis*, primeiramente publicada às quintas e domingos e, em 1908, passando a ser o primeiro jornal local diário da cidade. Foi fundado para substituir *O Povo*, periódico bissetanal criado em junho do mesmo ano a fim de publicar serviços editoriais da Assembléia Legislativa Estadual e da Câmara Municipal.

A *Tribuna de Petrópolis* foi lançada como uma propriedade de Oliveira & Cia, tendo como diretor o leiloeiro Antônio Martins de Oliveira, e como chefe de redação G. Nogueira, que deixou o cargo apenas duas semanas após o nascimento do jornal. Nogueira foi substituído por Arthur Barbosa, que à época era funcionário do Estado, e escrevia sob o pseudônimo de Carlos Ferraz. Nascido em Niterói a 17 de maio de 1868, Barbosa é considerado o pai da imprensa diária em Petrópolis.

Quando Barbosa assumiu o jornal, os vencimentos de pagamentos dos funcionários do governo do Estado estavam atrasados em 10 meses, fato que o levou a deixar de vez o emprego público para se dedicar integralmente à *Tribuna* (FROIS, 1957). Sua carreira jornalística iniciara-se anos antes de ser nomeado funcionário do Tribunal da Relação, tendo participado de periódicos como o *Diário Popular*, *Correio Paulistano* e *Diário Mercantil*. Fundou também, com Olavo Bilac, a *Vida Semanária*, revista ilustrada de propriedade de Castro Lima (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2000:3).



Figura 1 – Primeira edição da *Tribuna de Petrópolis*, publicada em 09/10/1902
 FONTE: Tribuna de Petrópolis – 100 anos em Revista, 2002

Em Petrópolis, a carreira jornalística de Arthur Barbosa iniciou-se na *Gazeta de Petrópolis*, ao lado de Martinho Morais, Hermogênio Silva e Artur de Sá Earp. Daí surgiram seus vínculos partidários com o “Grupo de Petrópolis”, que mais tarde viria a defender nas páginas da *Tribuna*. Apesar de niteroiense, era a favor da permanência da capital do Estado na serra.

Em seus primeiros anos, a *Tribuna de Petrópolis* caracterizava-se por uma linha editorial preocupada em retratar questões como a dependência econômica do exclusivismo cafeeiro e os problemas enfrentados pelo município após a mudança da capital. Na edição de seu centenário, assim é retratado este período:

A situação deste período era angustiante. Em suas edições, o desafio “*Agonia nacional, para quem apelar?*”, eram farpas endereçadas aos políticos de então que trocavam gentilezas e favores ao administrador fluminense Quintino Bocaiúva (SILVEIRA FILHO, 2002:5).

A *Tribuna* parecia defender um ponto de vista diferente dos grupos que ainda se viam presos às áureos tempos da expansão do mercado do café. Afirmava-se preocupada em retratar os problemas sociais e chamar atenção para o descaso que a cidade enfrentava naqueles anos. Nesse sentido, o editorial de apresentação do primeiro número do jornal, intitulado *Nosso Objetivo*, é bastante esclarecedor:

Só nos preocupa o interesse público. É assim que não nos cansaremos em pugnar pela prosperidade desta formosa e encantadora Petrópolis – verdadeira jóia deste torrão americano, que devia ser cuidada com todo carinho por todos os fluminenses, por todos os brasileiros. Infelizmente, parece, assim não vai sucedendo (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1902:1).

Destaca-se neste trecho o descontentamento com a situação de abandono e descaso que a cidade estaria enfrentando com a mudança da capital para Niterói. Pode-se aproximar esse descontentamento com o resgate do ideal da “idade do ouro”, conforme apresentado por Ferreira (1994). O papel da *Tribuna* seria lembrar os tempos de glória da capital social e cultural do Império. O jornal assume a responsabilidade de defender a cidade, vítima do jogo político fluminense, e assim se refere à perda da capital para Niterói:

Inda há pouco dela arrancaram a capital do Estado – e já se pensa em privar do auxílio público alguns de seus úteis estabelecimentos de educação popular. Alimentamos, entretanto, a esperança de que este segundo ato não se realizará. Os nossos legisladores hão de refletir, e reconhecerão que não existe motivo para tamanha guerra a esta cidade – que não pesa sobre o Tesouro Estadual – por ser a mais bela, e mais asseada, e mais salubre de suas irmãs. Em todo o caso, façam o que quiserem, Petrópolis não morrerá. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1902:1).

Esse caráter tão personalista da opinião política expressa no editorial adequava-se ao movimento da imprensa brasileira no período. Na transição do século XIX para o XX, há uma preocupação dos jornais com o fato político, aquele que ocorre em área restrita, ocupada pelos políticos e por aqueles ligados ao poder (SODRÉ, 1966:317). A mudança da capital e o pretense abandono da cidade ganham característica de fato político por estarem ligados às mudanças do jogo de poder no Estado. Nessa dimensão, “as questões são pessoais, giram em torno de atos, pensamentos ou decisões de indivíduos que protagonizam o fato político” (SODRÉ, 1966:317), e há uma tendência à personalização e individualização que também influencia a linguagem da imprensa.

Schudson (1978) alerta para que esse caráter personalista não seja mal interpretado como uma fraqueza ou incapacidade do repórter/jornalista, uma vez que não raro os editores e redatores dessa imprensa eram muitas vezes subservientes aos seus mestres políticos e, ao mesmo tempo, poderiam ter visões limitadas a respeito do que seria adequado para publicação (SCHUDSON, 1978:16). Em um período no qual as regras editoriais ainda não haviam se estabelecido no país, torna-se ainda mais importante relativizar as relações o uso de linguagens diversas na imprensa, especialmente seu posicionamento político a partir de modos de dizer.

Nesse sentido, a linguagem da *Tribuna de Petrópolis*, no momento de seu surgimento, ainda está distante do que se convencionou chamar “imprensa industrial” ou do jornal como empresa capitalista. A posição da *Tribuna* configura-se como um “servidor de um poder” que, segundo Sodré (1966), corresponde a relações predominantemente pré-capitalistas. De fato, é um momento de transição no qual as contradições parecem aflorar ainda mais nítidas, revelando a realidade do quadro, um momento em que, simultaneamente, via-se:

O aparecimento de jornais de virulenta oposição, confrontando aqueles jornais que se subordinam ao poder; as campanhas sucessórias extremadas, sem correspondência com o caráter e o programa das correntes em choque, sem as grandes diferenças que poderiam justificar exteriormente a violência com que se defrontam; a necessidade, para os detentores de poder, de comprar opinião na imprensa (SODRÉ, 1966:316).

A bandeira da oposição levantada pela *Tribuna de Petrópolis* em suas primeiras edições é um marco tão forte de sua trajetória que pauta boa parte das edições comemorativas em anos seguintes. Mais adiante, o texto do editorial da primeira edição destaca a preocupação em situar os problemas da cidade em um universo político maior:

Mas como os interesses de uma cidade, de um município, se ligam, se prendem aos do Estado, assim como os deste aos da União, e aos desta ao movimento geral da humanidade, ninguém estranhará que destas colunas nos ocupemos com outros e vários assuntos que afetarem o progresso da terra e fluminense e o futuro e a grandeza a nossa Pátria e o progresso dos homens (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1902:1).

Pode-se dizer que a postura assumida pelo jornal em seu primeiro editorial muito bem ilustra a postura política que seria defendida em seus primeiros anos: ser um jornal para falar em nome dos petropolitanos e colocá-los novamente no centro do debate político nacional, lutando contra as perdas sentidas em consequência da mudança da capital. Ao mesmo tempo, havia na *Tribuna* espaço para a realidade lúdica que a cidade ostentava no início do século XX, aspecto que é constantemente destacado como uma vocação intrínseca à cidade, graças aos anseios do Imperador D. Pedro II:

A *Tribuna* não retratava somente os problemas de Petrópolis, registrava também divertimento e cultura. Era o encontro de profissionais e correspondentes da imprensa que formariam mais tarde o Círculo da Imprensa, era os saraus, bailes e eventos esportivos (SILVEIRA FILHO, 2002:5).

Assim, entre a missão de dar voz a um grupo político e a uma elite que acabavam de perder status e poder, a *Tribuna* nasceu também com o objetivo de resgatar a Petrópolis do Imperador, no sentido de registrar em suas páginas tudo o que de belo, lúdico e importante viria a acontecer na cidade naquele tempo. Em Petrópolis, os jornalistas assumiram-se como porta-vozes da elite, “homens-memória com a missão de selecionar o que deveria ser lembrado, ressaltado, e de omitir o que se queria esquecido, em prol do bem-estar público” (ALMEIDA, 2005:58).

Se Petrópolis perdia a chance de ser capital do Estado, ganhava um jornal cujos representantes estavam dispostos a se reerguer, se não pelo poder político, pelo poder simbólico atribuído a jornalistas e editores e a suas palavras, opiniões e representações de mundo registradas no papel.

O jornal como instrumento de comunicação e de conhecimento se torna um sistema simbólico capaz de cumprir sua função política de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação (BOURDIEU, 2007:11). Fica claro nos discursos que circulavam pela cidade neste período que “Petrópolis estava ao alcance de poucos afortunados” (ALMEIDA, 2005:39), que apresentava tudo o que era belo, fino, culto e dominante na sociedade.

Ainda segundo Bourdieu:

As relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulados pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações (BOURDIEU, 2007:11).

Observa-se que “a cidade como paradigma do cosmopolitismo da burguesia urbana em ascensão coaduna com seu retrato em fina publicação” (ALMEIDA, 2005:39-40). Essa burguesia republicana buscava também copiar a velha corte e seu sistema de significação europeu, na tentativa de manter em Petrópolis os hábitos e as características que a consagraram em seu período Imperial. Mas como já não estava ligado à presença do Imperador, o espaço público passa a apresentar novas formas de sociabilidade.

A imprensa registrava cada uma dessas marcas e prognósticos das transformações sociais, em uma “narrativa midiática legitimadora” (ALMEIDA, 2005:42). E essa estratégia de legitimação via nos jornalistas os personagens centrais para que as narrativas sobre a cidade fossem acreditadas e propagadas pela sociedade. Almeida destaca ainda que “os jornalistas da cidade se armam de conceitos racionalizantes e de palavras de impacto para confirmar a importância de sua ação como sensores sociais” e, nesse sentido, a imprensa cumpria também “sua função de legitimadora do poder” (ALMEIDA, 2005:58).

Resgata-se aqui a teoria de Castells (2007) a respeito da construção social de identidades, que sempre ocorre em contextos marcados por fortes relações de poder. Sendo a formação da identidade um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras formas de significado” (CASTELLS, 2007:3), tem-se que elas podem ser formadas a partir de processos distintos, resultando em três tipos de identidade: a *legitimadora*, a *de resistência* e a *de projeto*.

A primeira, *legitimadora*, é aquela introduzida pelas instituições dominantes a fim de expandir e racionalizar sua dominação. Ela daria origem a uma sociedade civil, ou seja, a “um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural”. (CASTELLS, 2007:04).

A segunda, *de resistência*, é criada por sujeitos que se encontram em posições desvalorizadas pela lógica da dominação e buscam resistir e sobreviver de acordo com princípios diferentes ou opostos aos das instituições – são os próprios indivíduos. Segundo o autor, essa identidade dá origem às formas de resistência coletiva de uma opressão que, do contrário, não seria suportável (CASTELLS, 2007:4-5).

A terceira forma de identidade, a de *projeto*, é aquela em que qualquer tipo de material cultural é utilizado a fim de construir uma nova identidade e redefinir a posição do indivíduo na sociedade. Essa é a identidade que produz *sujeitos* que, segundo o autor:

(...) não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência. Neste caso, a construção da identidade consiste em um projeto de vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido de transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade. (CASTELLS, 2007:05).

Embora a teoria de Castells a respeito dos processos de desenvolvimento de identidades tenha sido formulada a partir de um contexto específico, que é o da sociedade em rede, é possível utilizar suas definições para refletir sobre o processo de formação da identidade local quando do surgimento da *Tribuna de Petrópolis*.

Tendo sido fundado em um momento de relevantes tensões políticas, o jornal tanto pode ter se constituído a partir de uma *identidade de resistência*, no sentido de originar uma forma de resistência coletiva diante da opressão sofrida pelas autoridades políticas locais, quanto pode ter sido fundado com base em uma *identidade de legitimação*, a partir da qual a herança histórica de Petrópolis seria reivindicada para reafirmar a dominação dos grupos políticos locais em relação aos demais grupos no poder. Até mesmo a *identidade de projeto* poderia se adequar à situação do nascimento da *Tribuna*, no sentido da busca por uma redefinição da posição social de um grupo de indivíduos naquela sociedade.

Entretanto, o jornal não nasceu como uma “instituição dominante”, capaz de impor seus ideais legitimadores, e mesmo ao longo de toda a sua existência não manteve essa postura de legitimação e identificação com a população local de maneira homogênea. Ao contrário, ao analisarmos a trajetória do veículo na imprensa local, nota-se que por determinados períodos a *Tribuna de Petrópolis* não conquistou uma posição relevante ao longo de sua história e de sua atuação política na cidade. Por isso, é provável que essas características tenham se misturado e que a identidade do jornal tenha se desenvolvido a partir de uma fluída transição entre um modelo e outro:

Obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar por resultar em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em entidades legitimadoras para racionalizar sua dominação. De fato, a dinâmica de identidades a longo desta sequência evidencia que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode construir uma essência, e nenhuma delas encerra, por si só, valor progressista ou retrógrado se estiver fora do seu contexto histórico (CASTELLS, 2007:5).

Essa fluidez de características das identidades deve-se também ao fato de serem formadas pela “história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 2007:4). Porém, todos esses elementos têm seus significados processados e reorganizados pelos indivíduos e por seus grupos sociais.

Com relação a esta primeira fase de existência da *Tribuna*, a identidade de resistência é, entretanto, mais adequada para caracterizar as intenções políticas do grupo que fala pelo jornal. Unidos da arma simbólica da imprensa, Arthur Barbosa e seu grupo de apoiadores político buscavam, declaradamente, lutar contra a perda de posições, status e valores da sociedade petropolitana. Tinham no jornal o potencial necessário para que sua mensagem de insatisfação chegasse aos ouvidos daqueles que haviam transformado Petrópolis, de capital do Estado, novamente a uma cidade do interior.

1.4 As cartas ao General Quintino

As primeiras edições da *Tribuna* continham artigos escritos por Arthur Barbosa endereçados ao administrador fluminense Quintino Bocaiúva. Essas colunas, assinadas por Carlos Ferraz, pseudônimo de Arthur Barbosa, acusavam diretamente a “falta de visão” do secretariado daquele chefe do executivo fluminense, (SILVEIRA FILHO, 2002:5). A “Carta ao General Quintino I”, publicada em 23 de outubro de 1902, assim avaliava a relação de Bocaiúva com a política do Estado:

Manda a verdade, porém, que se diga que ninguém melhor do que vós encontrou os elementos indispensáveis a um bom governo, a despeito mesmo da crise financeira porque atravessa o Estado, corolário lógico do desequilíbrio orçamentário mantido desde os primeiros anos da então província. Apoiado por todos os partidos existentes na terra fluminense, tendo ao vosso lado auxiliares de primeira ordem, a vossa obra seria imperecível, digna de todos os respeitos, se, em um dado momento, a politicagem não viesse tocá-la. A ambição de mando e de posições políticas foi o móvel único do que assistimos atualmente, com desprestígio para as instituições democratas, de que sois, pelo vosso passado, guarda fiel (FERRAZ, 1902a).

O papel conciliador e as tentativas de Bocaiúva de acalmar os ânimos políticos no Estado não pareciam satisfazer os ideais do grupo de Petrópolis, e a *Tribuna* continuou a direcionar cartas de ataque ao seu governo por pelo menos outras cinco edições do jornal. O periódico naturalmente toma para a si a responsabilidade de se dirigir a Bocaiúva em nome de uma população que acabara de perder o prestígio de sediar a capital do Estado.

Na “Carta ao General Quintino III”, o tema em debate é a resolução da Assembléia Legislativa visando à reforma da Administração Pública no Estado, assunto sobre o qual Carlos Ferraz tece os seguintes comentários:

No entanto, era nossa convicção que submetido ao vosso estudo o resolvido pela Assembléia, não lograria a reforma o concurso do Executivo para transformar-se em lei, servindo de razões do *veto* as reflexões expostas com sinceridade na Mensagem especial que acompanhou o projeto do Governo. (...) Ainda: Se não prevalecesse essa razão de ordem superior, havia outras que exigiam a repulsa do Executivo ao projeto. E, no entanto, nada vos demoveu, concorrendo tudo isto, que assistimos, para o desenvolvimento da descrença pública pelo sistema republicano, cada vez mais cavada e mais profunda em nosso Estado. Desde que o Executivo não opõe uma barreira aos erros do Legislativo, é cruzar os braços e deixar que outros tempos melhores nos forneçam os meios de corrigi-los (FERRAZ, 1902b).

Publicada no sétimo número da *Tribuna de Petrópolis*, em 30 de outubro de 1902, esta III Carta ao General Quintino reflete uma profunda descrença com as decisões do responsável político do Estado, e uma suposta esperança de tempos melhores que viriam para “corrigir” os erros do passado.

Os apelos registrados nas cartas endereçadas a Quintino Bocaiúva eram, primordialmente, referentes aos interesses de um grupo desprivilegiado no embate político Estadual. Mas, ao mesmo tempo, a *Tribuna de Petrópolis* se colocava também como porta-voz dos petropolitanos e de suas necessidades locais. Verifica-se nos primeiros números do jornal que, entre as críticas, registravam-se as reclamações quanto às questões sócio-operárias, ao serviço público de transporte, aos bondes, ao atraso dos trens, ao excesso de mendigos e vagabundos que circulavam pelas ruas (SILVEIRA FILHO, 2002:5). Tais reclamações refletem um crescimento acelerado e desordenado de Petrópolis no início do século XX, mas que não ganham destaque nas cartas direcionadas a Bocaiúva.

Infere-se daí que a importância da publicação das Cartas ao General Quintino fugia da exclusividade de reivindicações e identificações locais e buscava também debater os aspectos macro da política e da sociedade fluminense, reafirmando a postura do jornal na defesa do Grupo de Petrópolis, que buscava uma nova identidade simbólica de poder.

Não bastava à *Tribuna* ser um veículo puramente local, que se limitava a narrar os acontecimentos sociais e políticos na cidade. Mais ainda, sua intenção era causar *incômodo político* naqueles que poucos meses antes haviam sido responsáveis por retirar de Petrópolis o título de capital do Estado do Rio de Janeiro. Não só a cidade havia perdido esse status, mas também muitos indivíduos já não dispunham dos benefícios de outrora.

Fica claro, nesse momento, que o surgimento da *Tribuna de Petrópolis* teve por objetivo dar voz a essa elite esquecida na serra, que passava a ver as decisões sobre o Estado e até mesmo sobre o destino do país serem tomadas sem seu conhecimento ou consenso. Veículo político por excelência, a *Tribuna* buscava mobilizar a opinião pública, talvez na esperança de que essas reivindicações poderiam trazer de volta a glória perdida junto com o título de capital.

Essa postura foi possível porque “havia lugar para que um indivíduo, um jornalista, um político (...) utilizasse a mídia como *instrumento declarado de ação política*, para criar, a partir de seu prestígio e poder enquanto jornalista/político, o seu próprio jornal” (LATTMAN-WELTMAN, 1994, grifo do autor). Mesmo que essa abordagem política não tenha sido declarada explicitamente nas páginas do jornal, é possível afirmar que Arthur Barbosa se utilizava do personagem Carlos Ferraz para falar em nome do Grupo de Petrópolis e que o jornal foi conduzido em seus primeiros anos para este fim.

Na “Carta ao General Quintino V”, publicada no número 9 da *Tribuna*, em 6 de novembro de 1902, a reforma constitucional que seria mais tarde implementada pelo sucessor de Quintino Bocaiúva, Nilo Peçanha, já era tema de insatisfação no jornal:

A escolha do nome ilustre do Dr. João Rodrigues da Costa para exercer o cargo de Secretário Geral do Estado, quando o partidarismo indicava outros; [...] foi uma verdadeira surpresa para todos que acompanharam a elaboração da reforma. Entre os interesses do Estado e as vantagens pessoais inerentes à conservação de empregos, não hesitastes. O partidarismo encontrou em vosso modo de entender o regime republicano um obstáculo às suas aspirações de momento. (FERRAZ, 1902c).

Essa interpretação da realidade política resguarda-se o direito de opinar sem justificar ou contextualizar, característica comum à imprensa panfletária que ainda guardava resquícios de uma imprensa artesanal, não preocupada com o rigor de apuração e contextualização dos fatos. As “Cartas ao General Quintino”, muito mais do que colunas opinativas, configuraram-se como a síntese da proposta da *Tribuna de Petrópolis* no momento de sua fundação, refletindo a necessidade urgente de reposicionamento do grupo de oposição na política fluminense e a legitimação da voz da sociedade local.

Essa legitimação, mais do que o conteúdo das cartas, é o que garantiu a continuidade dos discursos nesse período tumultuado, uma vez que o poder simbólico “só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário”, definindo-se “numa relação determinada – e por meio desta entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos” (BOURDIEU, 2007:14).

As “Cartas ao General Quintinho” não são opiniões inventadas para beneficiar o jornal, nem têm como objetivo apenas marcar sua postura política. Mais do que isso, refletem uma opinião coletiva adequada ao tratamento jornalístico do período, construindo um discurso mais consistente e representativo, mesmo que passional e, em alguns casos, exagerado. Mesmo assim, o discurso da *Tribuna* não deixa de estar adequado aos interesses daquele setor que o jornal representava.

Nessa lógica, pode-se afirmar que a *Tribuna* se torna responsável pela fabricação coletiva de uma representação social, legitimando os fatos sem permitir correções ou retificações, mesmo quando estes não condizem exatamente à realidade. Cumprindo seu papel de imprensa, o jornal “nada mais faz, na maioria das vezes, que reforçar as interpretações espontâneas e mobiliza, portanto, os prejulgamentos e tende, por isso, a redobrá-los” (CHAMPAGNE, 2003: 64).

A partir da edição número 11 da *Tribuna de Petrópolis*, publicada em 13 de novembro de 1902, a coluna “Cartas ao General Quintino” passa a ser substituída pelo editorial “Modos de ver – O nosso”. Embora não mais diretamente direcionada ao chefe do Estado fluminense, a coluna “Modos de Ver” era também assinada por Arthur Barbosa / Carlos Ferraz e reforçava uma opinião política do jornal contrária às decisões tomadas na capital Niterói. Assim diz a primeira coluna publicada:

Na República não temos tido partidos políticos fortes e bem organizados. O que tem aparecido, com um rótulo qualquer, não passa de uma coligação de elementos de várias matizes, ávidos de posições governamentais, sem obediência a programas nem a chefes, capazes de uma orientação partidária. (...). Dada a cisão do Partido Republicano Fluminense, cujo chefe incontestavelmente era o Senador Porciúncula, procuraram os que se separaram dele por amor à lei fundamental do Estado, organizar um novo partido. A mudança da Capital do Estado e a reforma da Administração, são obras da desarmonia que há 1 ano reina no seio do partido, e onde à falta de coesão transparece a ambição de posições políticas, com sacrifício dos interesses fluminenses (FERRAZ, 1902d).

O posicionamento da *Tribuna de Petrópolis*, manteve-se contrário à política do Estado e às decisões que passaram a vigorar após o retorno da capital para Niterói, fato que compreensivelmente reflete a opinião dos grupos que estavam perdendo espaço e poder, e buscavam manobras de reposicionamento no jogo político estadual.

Pouco tempo depois, em 1903, a política fluminense se preparava para as eleições que escolheriam o próximo governador do Estado, substituto de Bocaiúva. O próprio lançou, em fevereiro daquele ano, a candidatura de Nilo Peçanha a sua sucessão. Essa candidatura era aguardada desde a eleição de Quintino, e nos anos seguintes foi confirmada pela ascendência de Nilo na política estadual.

De acordo com Lamarão (1989:123), em dezembro de 1902, segundo um ritual já tradicional nos processos sucessórios, Nilo recebeu manifestações de apoio das ‘bases municipais’ e, a partir do primeiro mês de 1903, já trabalhava para ganhar o apoio político de grupos fluminenses. Seu objetivo era colocar em prática a reforma da Carta Estadual, a fim de dinamizar a administração pública e alcançar a recuperação econômica, quadro que não havia registrado melhoras durante o governo Bocaiúva.

Em 18 de fevereiro daquele ano, realizavam-se as eleições federais, que, conforme descreve Lamarão, foram marcadas por violentos distúrbios em Petrópolis, que culminaram com a invasão e a destruição parcial do prédio da Câmara Municipal. Os periódicos locais da época registraram que um grupo encapuzado assassinou o vigia e depredou todo o mobiliário, destruindo arquivos importantes da instituição.

As consequências desse ato de vandalismo extrapolaram os limites municipais e passaram a ser tema central de debates e acusações, em uma busca pelos culpados. Em meio ao caos, ocorria mais uma transformação do corpo político em nível federal, que viria também a modificar as dinâmicas no âmbito do Estado:

Os resultados do pleito foram os esperados. À chapa oficial foi integralmente eleita e reconhecida, passando a bancada fluminense a abrigar cinco deputados miguelistas, em contraste com a legislatura anterior, na qual o PRF contou com apenas um representante. Para o Senado foi eleito Nilo Peçanha, derrotando por ampla margem de votos Francisco Portela (LAMARÃO, 1989:123).

Quanto à invasão da Câmara, tanto o governo quanto o grupo hermogenista trocaram acusações, responsabilizando-se mutuamente pelos incidentes. Mas nunca houve comprovação quanto aos verdadeiros responsáveis pelo ocorrido. Devido à movimentação política causada pela invasão à Câmara, a *Tribuna de Petrópolis* prontamente se manifestou, acusando os partidários de Quintino Bocaiúva de serem responsáveis pelos danos à sede da política local, passando a sofrer contínuas ameaças e tendo, inclusive, sua publicação suspensa por alguns dias. Assim o jornal noticiou, no dia seguinte ao ataque:

É geral a reprovação dos habitantes dessa cidade aos atos de banditismo praticados na tarde do 18 do corrente pelos amigos do General Quintino Bocaiúva, com o assentimento deste, tanto mais responsável quanto foge a cumprir as leis, negando-se obstinadamente a tomar uma providência que faça ao menos escurecer de leve o procedimento das autoridades criminosas. Não há mais dúvidas sobre o atentado. Ele foi combinado antes do pleito, pois o chefe da polícia afirmou em palácio ao General Quintino Bocaiúva na tarde do ataque, quando o Dr. Hermogênio Silva reclamava providências, que o grupo ia depor a Câmara. Essa é a maior prova da cumplicidade do governo no atentado, e que faz com que se vote à execração pública, o general Quintino Bocaiúva, o algoz dos fluminenses (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1903a, p. 1).

Na mesma edição, o jornal reproduz notas de outros órgãos de imprensa, como o periódico *A Notícia* e *O Correio da Manhã*, reforçando a impressão de que os responsáveis pelos atos de violência seguiam ordens vindas do governador do Estado:

Acreditamos traduzir fielmente a impressão de toda população de Petrópolis, dizendo que foi de pasmo e de revolta o sentimento pelo espetáculo que ontem apresentou aquela cidade, sede do governo do Estado, habitada por uma sociedade das mais cultas, centro da diplomacia estrangeira e onde as mais intensas lutas políticas jamais chegaram ao grau de violência de que são tristíssimas provas os fatos de ontem (A NOTÍCIA apud TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1903a, p. 1).

De acordo com as narrativas, a reputação de Petrópolis havia sido novamente manchada pelas atitudes políticas dos grupos dominantes. Nos dias seguintes ao atentado, a *Tribuna* chegou a apontar o nome de Victor Francisco de Braga Mello como o responsável pelo vandalismo, “praticando toda sorte de violências, como represália à derrota que sofrera nas urnas” (TRIBUNA, 1903b, p. 1). Mais adiante, acusa o envolvimento direto do general Quintino Bocaiúva: “O ataque à Câmara tem sido muito comentado pelas pessoas mais gradas dessa cidade; tanto mais quanto é sabido que esse ato de vandalismo foi praticado por amigos do governo do Sr. General Quintino” (TRIBUNA, 1903b, p. 1).

O assunto percorreu semanas em destaque nas primeiras páginas da *Tribuna de Petrópolis*, que inclusive publicou trechos do livro de assinaturas da Câmara, com depoimentos indignados dos visitantes que foram conferir os destroços que restaram após a invasão do prédio em 18 de fevereiro. O posicionamento radical e as acusações ao governo do Estado fizeram com que o jornal passasse a sofrer ameaças de invasão, o que levou seus dirigentes a suspenderem sua circulação por alguns dias. Na edição de 21 de março de 1903, o jornal esclarece os motivos da suspensão de sua circulação:

Em 22 de fevereiro último fomos obrigados a suspender a publicação da *Tribuna de Petrópolis*. A falta de garantias de vida e de propriedade em que nos achávamos então, após os tristes sucessos da tarde de 18 daquele mês, nos compeliu a este procedimento. Não fantasiamos. Era público e notório que a autoridade policial permitia nesta cidade elementos perturbadores da ordem, ameaçando a todos quanto não pactuam com os atos do governo do Estado. (...). Ocorre que a tipografia onde se imprimia a *Tribuna de Petrópolis* é propriedade de respeitável firma comercial e se achava juntamente ameaçada de um assalto. Evitar mais este atentado à propriedade era um dever nosso. Eis porque não hesitamos em suspender temporariamente a publicação da folha, que, segundo declaramos, continuaria a publicar-se uma vez cessada a coação que estávamos sofrendo. E como hoje, graças à intervenção benéfica do honrado senhor Presidente da República, acreditamos ter voltado o regime da ordem a esta cidade, resolvemos publicar novamente a *Tribuna de Petrópolis* (...). (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1903c, p. 1).

Foi com toda essa mobilização e luta política que a *Tribuna de Petrópolis* completou um ano em circulação. Seu primeiro ano pode ser resumido como um período de forte atuação política, no qual seus dirigentes e redatores, especialmente a figura de Arthur Barbosa, não mediram esforços para demonstrar sua insatisfação com o governo Estadual e seu interesse de levar o “Grupo de Petrópolis” novamente ao poder. Na edição do aniversário do jornal, em 10 de outubro de 1903, esse discurso político é destacado como a verdadeira vocação da folha, e motivo maior de sua existência:

Traçado o nosso programa, temos procurado cumpri-lo com a maior religiosidade possível, em nome da causa sacrossanta que abraçamos e que foi a defesa do brio e da honra da terra fluminense, cujos legítimos interesses eram desprezados diariamente por um governo desorientado e sem escrúpulos de qualquer espécie (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1903d, p.1).

Após um ano, a *Tribuna* já se consagrava como um jornal que falava em nome da sociedade local e defendia seus interesses como nenhum outro veículo havia feito anteriormente. Munida de um dever santificado auto-intitulado, a *Tribuna* se consolidou:

como órgão de defesa dos mais sagrados interesses deste pedaço do torrão nacional, aviltado num período político, por um homem que mentiu ao seu passado de propagandista do regime proclamado em 15 de novembro de 1889!” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1903d, p.1).

Em dezembro de 1903, Nilo Peçanha assumiu o cargo de Presidente do Estado, substituindo Quintino Bocaiúva e dando continuidade ao projeto da reforma constitucional que previa o fortalecimento do Executivo Estadual e a centralização da administração, restringindo a ação das Câmaras e afetando decisivamente a autonomia dos municípios (LAMARÃO, 1989:124). De acordo com a reforma, o Executivo Estadual poderia intervir na administração municipal nomeando prefeitos nos municípios em que o estado arcasse com os serviços de infra-estrutura. Este fato desencadeou um grande descontentamento na oposição, que o considerou um atentado à autonomia municipal.

Um dado fundamental para a compreensão das consequências dessa medida é o fato de que “os municípios passíveis de sofrer intervenção na época eram Niterói, Campos e Petrópolis, exatamente os três principais centros políticos e econômicos do estado” (LAMARÃO, 1989:126). A fim de manter uma política de conciliação com esses que eram seus grandes centros opositores, Nilo Peçanha “conferenciou com Hermogênio Silva acerca da conveniência da medida e do nome indicado para ocupar o cargo em Petrópolis, reduto político do hermogenismo” (CASTRO, FEIJÓ, 1989:134).

Os partidários de Hermogênio firmaram posição contra a intervenção do presidente do Estado, e Nilo Peçanha desistiu de criar a prefeitura em troca do compromisso de que Hermogênio Silva não deflagraria a oposição ostensiva a seu governo. Nesse período, a *Tribuna de Petrópolis* manteve a postura política que havia marcado seu primeiro ano em circulação, mas com discurso menos agressivo e não direcionado a um ator político específico do governo estadual (ou seja, Nilo Peçanha não era alvo dos ataques do jornal como seu antecessor). O segundo ano em circulação serviu para a consolidação de seu público leitor e afastamento das questões ligadas à perda da capital para Niterói, em 1902.

Em 1907, em seu aniversário de 5 anos, o jornal reafirma a predisposição para travar batalhas políticas a fim de defender os interesses locais, sempre colocando “os interesses de Petrópolis” como justificativa para sua postura oposicionista:

Toda ela [a nossa obra] tem sido a defesa dos interesses vitais da nossa cidade, sem o descaramento, entretanto, dos magnos problemas de cuja solução tem dependido o engrandecimento e a felicidade da República (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1907).

A trajetória da *Tribuna* nesses primeiros anos se confunde com os posicionamentos políticos assumidos por seu diretor Arthur Barbosa, especialmente no que se refere aos interesses dos grupos políticos locais que haviam sofrido pretensos ataques por parte da administração estadual.

Entretanto, foi apenas em seu primeiro ano de existência que o jornal cumpriu com o papel de enfrentar a autoridade máxima do governo estadual de frente. Nos anos seguintes, a relação de Barbosa com seu jornal era tão íntima que chegou a ser claramente descrita pelo jornalista Álvaro Machado em artigo de comemoração dos 5 anos da *Tribuna*:

Exultante de contentamento deve estar hoje Arthur Barbosa, o valente palinuro da *Tribuna*, contemplando esse ano decorrido – ano todo de trabalho constante, mas que assinala diversas vitórias alcançadas nos combates do pensamento em que Arthur Barbosa já está habituado a vencer, tal o vigor de sua inteligência, os recursos e a lógica do seu másculo talento. Militante na imprensa, em escala descendente, mas sabendo bem avaliar os esforços que são necessários reunir para manter-se em uma empresa jornalística, embora pequena (...). (MACHADO, 1907).

Tomando para si a responsabilidade de defender os interesses locais, Arthur Barbosa não mediu esforços para tornar a *Tribuna* um veículo diário: “empreendimento tido como inviável até 1908, o jornal diário transformou-se, entretanto, dali por diante, num elemento indispensável à vida a cidade” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1982).

Barbosa é tido como o grande responsável pelo sucesso editorial da *Tribuna*, pois “conseguiu consolidar a folha diária, enraizá-la na comunidade” (SILVEIRA FILHO, 2002:8). Narrativas de reconstrução da memória da *Tribuna de Petrópolis* em suas edições comemorativas destacam que este era um momento no qual “a *Tribuna* se orgulhava de ser um grande jornal e “alma” da comunidade petropolitana” (SILVEIRA FILHO, 2010:94).

Na data da celebração dos seis anos de existência do jornal, as palavras da coluna comemorativa destacam o caráter representativo da *Tribuna de Petrópolis* na luta pelos direitos da sociedade petropolitana. Mais do que isso, o texto exalta os dissabores enfrentados pelos profissionais da imprensa naqueles primeiros anos para que suas tarefas diárias de produção do jornal possam ser realizadas:

(...) se recordamos a data em que esta folha fez o seu aparecimento nos arraiaes da imprensa nacional, é porque não queremos deixar de obedecer à praxe estabelecida e não porque a julgemos festiva para nós, taes os dissabores e odiosas injustiças que se têm antolhado em nossa passagem pela estrada que vimos percorrendo, e na qual, em lugar de flores, só temos encontrado a mais terrível urze. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1908).

Nota-se uma preocupação em lembrar aspectos de luta e resistência que, embora presentes em episódios marcantes, como a invasão da Câmara Municipal e a suspensão da circulação do jornal naquele período, não são apresentados nas edições passadas como os acontecimentos de maior destaque e rememoração. Ao contrário, poucas são as menções a casos de retaliação e vingança por parte dessa elite no poder.

O texto comemorativo dos seis anos de jornal continua, com revelações importantes sobre uma nova postura assumida naquele momento e, especialmente, determinando uma relação direta da atividade do jornal com Petrópolis. Passava a ser ainda mais importante destacar e fortalecer os laços do veículo com a cidade. A razão de ser da *Tribuna* passava a ser declara como a defesa dos interesses da Cidade Imperial, órgão propulsor do desenvolvimento local:

Não fosse a confiança no futuro, não nos prendesse a essa bela terra um extraordinário afeto, e de há muito já teríamos abandonado o campo de batalha, deixando a outros, mais valorosos e competentes, a conquista da vitória. (...) Por maiores, porém, que sejam as nossas desilusões, não nos arrependemos nunca da posição que assumimos, procurando dotar Petrópolis com um jornal independente que fosse o órgão legítimo dos interesses da cidade, o propagandista indefeso de seus ideais, o propulsor de todos os melhoramentos que se fazem necessários em centros cultos como o nosso. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1908).

Ao completar seis anos em circulação e tornar-se um veículo diário, parece interessante à *Tribuna* assumir, ao mesmo tempo, uma postura defensiva e acuada no campo da batalha política, talvez prevendo a futura saída de Hermogênio Silva do poder, em 1910 – logo ele, que, apoiador da folha, teve um papel importância em sua manutenção nesses primeiros anos (Figura 2). Há também uma confiança institucional estabelecida que permite ao jornal relacionar seus feitos ao bom desenvolvimento da cidade naqueles anos:

E quem quiser dar-se o trabalho de pesquisar os benefícios e melhoramentos obtidos pela cidade, neste últimos anos, há de certificar-se que todos eles se acham ligados a esta folha, que os reclamou, que os aplaudiu, em defesa única dos interesses do povo petropolitano. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1908).

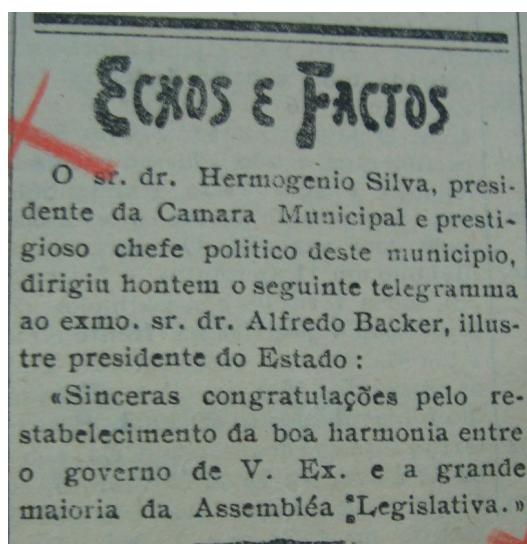


Figura 2 – Hermogênio Silva: “o prestigioso chefe político”
FONTE: Tribuna de Petrópolis, 28 ago. 1908

Tendo em vista o posicionamento declarado de Arthur Barbosa diante da realidade política fluminense daqueles anos, há de se ressaltar que a declaração de defesa dos interesses do povo petropolitano reforça a identidade de jornal como porta-voz da sociedade. Uma vez que a “a mídia doravante faz parte integrante da realidade ou, se preferir, produz efeitos de realidade criando uma visão mediática da realidade que contribui para criar a realidade que ela pretende descrever” (CHAMPAGNE, 2003:75), a *Tribuna de Petrópolis* reivindica para si os ônus e os bônus do enfrentamento político simbólico que se deu naquele embrião de veículo de imprensa diária que surgiu em 1902.

Entretanto, poucas relações podem ser estabelecidas entre as lutas ideológicas da *Tribuna de Petrópolis* na primeira década do século XIX e as mudanças ocorridas na cidade no mesmo período. Não há documentos que comprovem que o jornalismo local, na figura da *Tribuna*, tenha sido responsável pelo desenvolvimento urbano.

Mesmo a luta maior do jornal, centralizada nos debates sobre a perda definitiva da capital em 1903, não resultou no retorno do poder político e econômico dos quais Petrópolis havia se beneficiado nos anos anteriores. Assim, pode-se afirmar que a fundação da *Tribuna de Petrópolis*, embora tenha sido atrelada a uma mudança na postura política local, não desencadeou um movimento de mudança dos cidadãos petropolitanos pelas causas apresentadas em suas páginas.

Ao mesmo tempo, ao contrário das características da maioria dos jornais surgidos no período, a *Tribuna* foi criada ainda dentro de um paradigma artesanal e, de certa forma, amador no modo de fazer jornalismo. Tanto em relação à sua temática (basicamente tratava de conflitos políticos entre os grupos locais e os da capital), quanto ao gênero informativo (preocupava-se mais em doutrinar do que em informar) e quanto ao seu estilo redacional (personalista, encarnado na figura de Arthur Barbosa), a *Tribuna* neste primeiro ciclo de sua existência era um instrumento de comunicação que construía uma imagem parcial da Petrópolis do início século XX.

Nesse sentido, a imprensa, mesmo que local e pequena, exercia uma imensa influência no meio em que circulava. Sendo os jornais e as associações as duas grandes armas utilizadas pelos partidos políticos na busca pela vitória (TOCQUEVILLE, 2005:206), a *Tribuna* cumpria seu papel de órgão de partido, defendendo interesses políticos e lutando pela sua sobrevivência em um mercado que se tornava cada vez mais capitalista.

CAPÍTULO 2 - De 1910 a 1960: Os anos de decadência

2.1 Arthur Barbosa e os primeiros anos de crise

Após uma bem sucedida primeira fase como porta-voz dos interesses políticos locais, a *Tribuna de Petrópolis* se tornou um veículo diário e perdeu parte do seu fôlego inicial, passando a enfrentar dificuldades para sobrevivência. No ano de 1910, depois da saída de Hermogênio Silva da administração municipal, a existência da *Tribuna* foi posta em xeque pela primeira vez. O jornal estava intimamente relacionado com o apoio oficial de membros de partidos e autoridades políticas, e a saída de Hermogênio Silva mexeu com as estruturas financeiras do veículo.

As edições daquele período não mencionam as dificuldades enfrentadas pelo jornal, mas a releitura da trajetória da *Tribuna* destaca que, neste momento de crise, Arthur Barbosa (Figura 3) permaneceu firme no propósito de manter o jornal em circulação, não deixando que seus leitores fossem atingidos pelas dificuldades pelas quais a instituição passava (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1982). Mesmo assim, a crise financeira que se iniciou em 1910 arrastou-se ao longo de décadas, marcando a trajetória do jornal até meados de 1950.

Antes disso, entre os anos de 1913 e 1915, Arthur Barbosa foi eleito chefe do executivo municipal em Petrópolis, tornando-se responsável por obras memoráveis no centro histórico, como a construção da Praça da Liberdade e as obras da Avenida 15 de Novembro, atual Rua do Imperador. Mesmo fora do jornal, Arthur Barbosa continuava sendo uma figura de referência para a publicação, que se manteve em circulação sem grandes feitos, como se esperasse o retorno de seu grande jornalista à direção do jornal.



Figura 3 - Arthur Barbosa, diretor da *Tribuna de Petrópolis*
FONTE: Tribuna de Petrópolis – 100 anos em Revista, 2002



Figura 4 - Tribuna de Petrópolis em 1912
FONTE: Tribuna de Petrópolis - 100 anos em Revista, 2002

Na década de 1920, o país passava por uma fase de transição para novas formas de acumulação, um novo arranjo que traria outras concepções sobre as classes sociais (TASCHNER, 1992:25). Já após a I Guerra, a imprensa entra em uma nova fase, marcada pelos movimentos militares e campanhas políticas que eclodiriam na Revolução de 1930:

Se, com o após-guerra, profundas alterações se denunciam na vida brasileira, tais alterações, para a imprensa, acentuam rapidamente o acabamento da sua fase industrial, relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas (SODRÉ, 1966:409).

É preciso relativizar a afirmação de Sodré (1966), no sentido de tomar as transformações da imprensa como mudanças gradativas. A fase industrial começava, mas as empresas jornalísticas ainda não se encontravam tão estruturadas. E embora a imprensa nacional começasse a trilhar seus caminhos para a fase do jornal-empresa, a *Tribuna de Petrópolis* ainda enfrentava problemas que a impediam de desenvolver-se no mercado capitalista.

Nos anos 1920 houve também um retorno do “culto à memória do Imperador”, que havia iniciado com sua morte, em 1891 (SCHWARCZ, 1998:496). O primeiro sinal de força desse movimento foi o decreto assinado em setembro de 1920, que revogava o banimento da Família Imperial ao mesmo tempo em que autorizava o traslado dos despojos de D. Pedro e D. Teresa Cristina de volta ao Brasil. O documento criava também o Museu Histórico Nacional, “cujo acervo era basicamente voltado ao Império, ou melhor, dedicado ao ‘culto da saudade’” (SCHWARCZ, 1998:502).

A notícia da revogação do banimento da Família Imperial ganhou destaque nas páginas da *Tribuna*, e o posicionamento político da folha, que se declarava republicana e conservadora, não impediu seu discurso a favor do retorno dos herdeiros de D. Pedro II: “A *Tribuna de Petrópolis*, órgão declaradamente republicano, rejubila-se, porém, da parte, modesta e sincera, que tomou ao lado dos que propugnaram pela vitória de uma das maiores aspirações do Brasil inteiro” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1920).

Nos anos seguintes, por diversas ocasiões, a memória do Imperador estava cada vez mais presente na cidade de Petrópolis. A chegada dos corpos do casal imperial em terras brasileiras só aconteceu em 1922. Antes disso, falecera a Princesa Isabel em novembro de 1921, e iniciara-se a construção do mausoléu que receberia os corpos de D. Pedro II e da Imperatriz na Catedral São Pedro de Alcântara, em Petrópolis. O Conde D’Eu, por sua vez, faleceu a bordo do navio que o transportava para o Brasil junto com os corpos, deixando sozinho na viagem para o Brasil seu filho Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança.

A morte da Princesa Isabel, em novembro de 1921, foi noticiada nas páginas da *Tribuna de Petrópolis* com longa retrospectiva de sua vida e de seus feitos, na primeira página. Esses dois acontecimentos – a revogação do banimento e a morte da Princesa Isabel – configuram-se como as duas notícias de maior destaque relacionadas à Família Imperial na primeira fase da história da *Tribuna* – quando comandada por Arthur Barbosa.

O jornal preocupou-se em relacionar ambos os fatos à rotina da cidade, destacando o estreito relacionamento dos herdeiros de D. Pedro II com Petrópolis. No texto sobre a morte da Princesa Isabel, lê-se: “A princesa Isabel, como herdeira de D. Pedro II, era a atual proprietária da Fazenda Imperial de Petrópolis. Teve sempre um excepcional interesse pelas coisas petropolitanas” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1921a). O artigo segue com citação dos lugares freqüentados pela Princesa quando morava em Petrópolis, sua residência e seus feitos na cidade. A memória da Princesa Isabel era, portanto, reconstruída a partir de sua relação com Petrópolis.

O ano de 1925 foi também especial na construção da memória do Imperador no Brasil graças às comemorações do centenário de seu nascimento. Petrópolis recebeu neste ano a estátua que até hoje se encontra na Praça D. Pedro, no coração do centro histórico. As polêmicas que envolveram as comemorações desse centenário, rememorando a força da Monarquia no contexto nacional, giravam em torno de questões maiores, que envolviam o enfraquecimento das oligarquias paulista e mineira.

Conforme afirma Schwarcz, “o crescimento industrial e a urbanização punham em cena novos grupos sociais – setores médios, a burguesia industrial, o proletariado -, até então aliados do poder” (SCHWARCZ, 1998:507). Nessa nova camada social em ascensão, encontrava-se o novo público leitor da imprensa. A imprensa nacional passava por um período crítico em seu relacionamento com os poderes políticos, muitas vezes subordinando-se às autoridades em busca de financiamento para sua sobrevivência. A década de 1920 antecipa também o período de fortes conturbações políticas no país:

A imprensa brasileira vai viver, daí por diante, uma nova fase, difícil, conturbada, pontilhada de movimentos militares de rebeldia, agitada por campanhas políticas de extrema violência – tudo aquilo que, no fim das contas, prepara a Revolução de 1930, divisor do desenvolvimento histórico brasileiro, marco em nossa existência” (SODRÉ, 1966:408-409).

Em Petrópolis, não seria diferente, e por isso o discurso político não mais parecia ser característico do jornal. Arriscar-se a contrair inimizades com os governantes equivalia a colocar em risco a existência jornal.

Ao comemorar 19 anos de existência, a *Tribuna de Petrópolis* parte para uma abordagem diferente a respeito de sua própria história, relativizando as paixões políticas e destacando o fazer jornalístico:

(...) a *Tribuna de Petrópolis* tem procurado corresponder à simpatia pública, que nunca lhe faltou, agindo sempre com a máxima independência, no terreno das ideias e na defesa da República, e, sobretudo pugnando por todas as causas que visem o engrandecimento da terra fluminense, principalmente o do município de Petrópolis (...). Sem ódios, sem paixões, abordamos os assuntos, certos sempre de que estamos servindo às boas causas (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1921b).

A afirmação de “máxima independência” no terreno das ideias pode ser questionada, tendo em vista seu passado recente diretamente entrelaçado com as mudanças políticas ocorridas na cidade e no Estado. O discurso do jornal passa de uma defesa a nível municipal para ser porta-voz também dos interesses de todo o Estado fluminense.

Ao afirmar a abordagem dos assuntos “sem ódio e sem paixão”, o texto parece ignorar os ruidosos períodos dos primeiros anos em que as paixões políticas afloravam em cada linha de seus editoriais. Assim, a partir da década de 1920, observam-se mudanças na estrutura da *Tribuna de Petrópolis* que visam a um afastamento da paixão política e a uma redefinição de suas características no discurso local. A quantidade de anúncios publicitários aumenta consideravelmente, e o jornal passa a apresentar páginas inteiras de propagandas de serviços disponíveis não só de Petrópolis, mas também do Rio de Janeiro.

Em 1922, durante o governo de Artur Bernardes, Arthur Barbosa foi preso graças a suas críticas contundentes e oposicionistas ao governo e a favor do movimento tenentista. Assim, durante os anos de 1923 e 1925, a *Tribuna* foi arrendada a Alcindo Sodré e Carlos Rizzini – que também viriam a fundar *O Comercio* (1911) e o *Jornal de Petrópolis* (1924), enquanto Arthur Barbosa permanecia preso na Ilha Grande.

Em 01 de janeiro de 1923, o editorial anuncia o afastamento de Arthur Barbosa, defendendo a postura do diretor que “jamais permitiu que a *Tribuna* se afastasse do caminho da honra e do dever” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1923). Os motivos do afastamento não estão claros, mas o texto prima por enaltecer a figura de Barbosa e a ele relacionar as vitórias e triunfos de mais de 20 anos de jornal, além de institucionalizar a personalidade do diretor como norte da tomada de decisões da nova administração:

O nosso grande amigo e mentor está hoje afastado da atividade jornalística, mas nem por isso nos deixamos guiar por nós mesmos, pois, são ainda os seus exemplos de coragem, de abnegação e de esperança que nos indicam a orientação e norteiam o nosso programa de trabalhar pela grandeza de Petrópolis e pelo progresso de nossa amada Pátria (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1923).

Na primeira edição do ano de 1925, uma breve retrospectiva da história do jornal destaca novamente a trajetória de Barbosa à frente da *Tribuna*, e também trata de seu afastamento, embora sem explicar os motivos que o teriam levado a abrir mão da direção. Assinado por “João de Petrópolis”, clara alusão ao cronista carioca João do Rio, o texto trata dos acontecimentos passados e do recente arrendamento, com destaque para a atuação jornalística de Arthur Barbosa no período de sua prisão:

Na sede atual da folha, Arthur Barbosa colocou-se voluntariamente na reserva, muito embora não depusesse definitivamente a pena brilhante, que, despreocupada agora das emoções do jornalismo combatente, passou a dedicar-se à delicada missão de cronista e de comentador sutil da vida e dos fatos locais (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1925a).

O jornal exalta também o breve período em que Alcindo Sodré assumiu o cargo de diretor da *Tribuna*, que teria dado continuidade à obra jornalística “sempre com o único escopo de engrandecer esta cidade admiravelmente bela, grandiosamente encantadora e extraordinariamente procurada” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1925a).

No período em que a *Tribuna* esteve sob a direção de Alcindo Sodré, o jornal assume uma postura menos política e mais lúdica, com destaque para a influência da cultura parisiense em seus conteúdos e anúncios publicitários. A coluna “Petrópolis Elegante” (Figura 5) é ilustrada com imagens de um casal visivelmente “afrancesado”. Há anúncios, como o de Mme. Marjolaine, escritos inteiramente em francês, divulgando o comércio de “*très jolis modèles de robes d’été et chapeaux*” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1925b). Percebem-se indícios da formação de um novo público leitor, que estaria mais interessado no modo de vida burguês do que na linguagem política dos primeiros anos do jornal.



Figura 5 – Petrópolis Elegante e a influência européia
Fonte: Tribuna de Petrópolis, 06 fev. 1925

Ao retornar para o jornal após 1925, Arthur Barbosa, já com a saúde fragilizada, passou a buscar uma nova sede para a *Tribuna*, fato que se consolidou apenas em janeiro de 1929, quando a população petropolitana celebrou a inauguração da sede própria, construída na Rua Alencar Lima (Figura 6), endereço atual do jornal (FROIS, 1957). A inauguração da sede definitiva da *Tribuna* foi apresentada no jornal como um fato “quase inédito nos anais do jornalismo” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1929).

A notícia da inauguração aproveita para exaltar os feitos do jornal, ao declarar que “em todas as campanhas, nestes longos 27 anos, estivemos sempre ao lado dos que tinham razão, e é esse o grande motivo da grande consagração feita anteontem [data da inauguração] a este jornal” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1929). Destaca-se também a intensa participação dos moradores nos festejos da nova sede:

Tornou-se impossível tomar o nome das pessoas presentes, tal a quantidade calculada em alguns milhares. Tudo isso nos comoveu profundamente, porque tivemos certeza de que o grande povo dessa grande terra tem sabido compreender os nossos esforços (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1929).

Embora só tenha se desligado do jornal em 1943, a inauguração da sede da *Tribuna de Petrópolis* em seu endereço atual foi o último grande feito de Arthur Barbosa à frente do jornal. Após este acontecimento, o jornal aprofundou sua crise financeira, que se arrastou por alguns anos, até sua falência ser decretada na década de 1940.



Figura 6 – Inauguração da sede da *Tribuna de Petrópolis*
FONTE: Tribuna de Petrópolis
100 anos em Revista, 2002

2.2 D. Pedro Gastão e o tortuoso caminho da inadimplência

Durante a década de 1930, a *Tribuna* viu sua hegemonia no jornalismo local ser ameaçada pelo *Jornal de Petrópolis*, fundado em 1924 pelos antigos arrendatários da *Tribuna*, Alcindo Sodré e Carlos Rizzini. O duelo informativo entre os dois periódicos iniciou-se em meio às transformações sofridas pelo país após o movimento de 1930.

Há registros de que os embates entre os dois veículos colaboraram para a qualidade do conteúdo informativo de ambos, alçando, assim, tanto a *Tribuna* quanto o *Jornal de Petrópolis* a um novo patamar de profissionalismo na comunicação. A concorrência entre os jornais teria se constituído “no ponto maior do jornalismo petropolitano, ora liderado por um ou por outro, revelando-se que, após a Segunda Guerra Mundial, ambas as equipes são consideradas as melhores no jornalismo interiorano do Estado do Rio” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2002:21).

Entretanto, uma rápida observação das edições do período apresenta um jornal formado basicamente por anúncios e classificados, com informações e notícias apenas na primeira página. Tal observação contradiz o discurso de excelência construído posteriormente na construção da memória do jornal, estratégia que pode ter sido utilizada para amenizar a real situação de inadimplência que a *Tribuna* enfrentava.

Os motivos reais da crise financeira do jornal não estão explicitados em suas páginas, mas, com a tomada de poder por Getúlio Vargas em 1930, os periódicos, de maneira geral, sofreram com a censura e o controle das publicações. A imprensa se transformava a partir das consequências políticas que se agravaram até o Estado Novo. Entre os anos de 1937 e 1945, o governo fechou grande número de jornais e, na luta pela sobrevivência, muitos periódicos tenderam à concentração (SODRÉ, 1966).

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, é sabido que a *Tribuna* enfrentava esta crise financeira⁷. A situação se agravava na medida em que a saúde já fragilizada de Arthur Barbosa também se deteriorava. Por isso, passou a integrar o jornal a figura pública que viria a modificar seus rumos e que, provavelmente, foi a responsável por garantir sua sobrevivência. Em 1940, o príncipe D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança assume o cargo de síndico da inadimplência, responsável pelo controle financeiro do jornal.

⁷ A crise financeira da *Tribuna de Petrópolis* nas décadas de 1930 e 1940 não consta em suas edições comemorativas ou nas edições publicadas no período, mas foi confirmada tanto pelo seu atual gerente comercial, Sylvio Carvalho, quanto pelo seu diretor, Francisco Orleans e Bragança, em depoimento à autora.

Nascido em 1913 na França, durante o exílio da Família Imperial, D. Pedro Gastão chegou ao Brasil em 1922, após a revogação do banimento dos herdeiros de D. Pedro II. Fixou residência em Petrópolis a partir do ano de 1935. Conhecido e querido graças ao empenho na defesa das tradições e da cultura petropolitana, D. Pedro Gastão é lembrado por seu envolvimento com a memória imperial na cidade, tendo sido o responsável pela doação de parte do arquivo particular da família ao Museu Imperial em 1948.

D. Pedro Gastão envolvia-se pessoalmente em atividades culturais e educacionais na cidade, “sendo grande benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo recebido nos salões do palácio Grão-Pará todos aqueles que o solicitaram, desde jornalistas até jovens fazendo trabalho escolar” (VILLON, 2003:3). Essas características pessoais colaboravam para o desenvolvimento de um relacionamento estreito do príncipe com os moradores da cidade, mas faziam com que D. Pedro Gastão não se interessasse pela tarefa de se dedicar inteiramente à administração de um jornal em crise.

A entrada de D. Pedro Gastão na *Tribuna de Petrópolis* não foi anunciada pelo jornal, mas marcou um suposto afastamento editorial das vinculações políticas, conforme descrito por Silveira Filho em artigo sobre *O Nascimento da Tribuna* (2001). O período também foi marcado pela concorrência com “jornais que eram órgãos de partidos políticos tais como o *Jornal do Povo*, órgão local do getulista PTB e revistas radiofônicas como a *Revista Ilustrada*” (SILVEIRA FILHO, 2001:04).

No mesmo ano em que D. Pedro Gastão se tornava síndico de inadimplência do jornal, falecia seu pai, Dom Pedro de Alcântara. No dia 30 de janeiro de 1940, a *Tribuna* registra com destaque na primeira página a morte do Príncipe do Grão Pará, filho da Princesa Isabel. Tal fato levou o herdeiro a assumir também a chefia da Casa Imperial e dar continuidade às viagens realizadas por seu pai pelo Brasil a fim de estreitar os laços imperiais com o povo brasileiro (VILLON, 2003:3).

Em depoimento à autora, Francisco de Orleans e Bragança, filho de D. Pedro Gastão, confirma que a *Tribuna de Petrópolis* estava à beira da falência quando seu pai foi indicado para assumir o cargo de síndico de inadimplência. Sobre os motivos que teriam levado à crise do jornal, Francisco de Orleans e Bragança faz as seguintes suposições:

O problema dos jornais de antigamente (...) é que eles [os proprietários] se envolvem e não levam isso como uma empresa, levam como um sonho. (...) Você tem uma realidade, que é pagar papel, pagar funcionário, pagar INPS, as leis sociais, os impostos. (...) As pessoas, quando administram um jornal, muitas vezes elas levam a coisa mais para um lado político. (...) É uma paixão. (...). Então eu acho que foi por algum motivo desses que a coisa não deu certo (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Em 1940, a *Tribuna* era praticamente um jornal de classificados, com apenas a primeira página contendo informações noticiosas. Dominavam as páginas internas do jornal anúncios de pequenas dimensões, publicados aleatoriamente e não agrupados por área de interesse (aluguel e venda imóveis, empregos, venda de automóveis), como é usual atualmente. Anúncios publicitários a fim de promover exclusivamente uma marca ou empresa também existiam, mas em menor quantidade e com pouco destaque.

Sobrevivendo graças a esse modelo de publicação, o jornal transformava a prestação desse tipo de serviço à comunidade (classificados) como o objetivo de sua existência. Tal fato revela que a *Tribuna*, mesmo financeiramente desestabilizada, pulverizava sua dependência dos grandes poderes locais (econômicos e políticos), servindo-se mais do pequeno comércio e da prestação de serviços em detrimento das relações com a elite local, representada pelos grandes anunciantes.

Os efeitos da guerra já se faziam sentir em notas que diziam que “Apesar da elevação do custo do papel de imprensa, continuamos a manter o preço de 100 réis de exemplar avulso e o de 30\$ de assinatura anual da Tribuna de Petrópolis” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1940a). Entretanto, em 26 de maio daquele mesmo ano a *Tribuna* publicou um novo comunicado, informando o aumento do valor do exemplar avulso para 200 réis. (Figura 9).

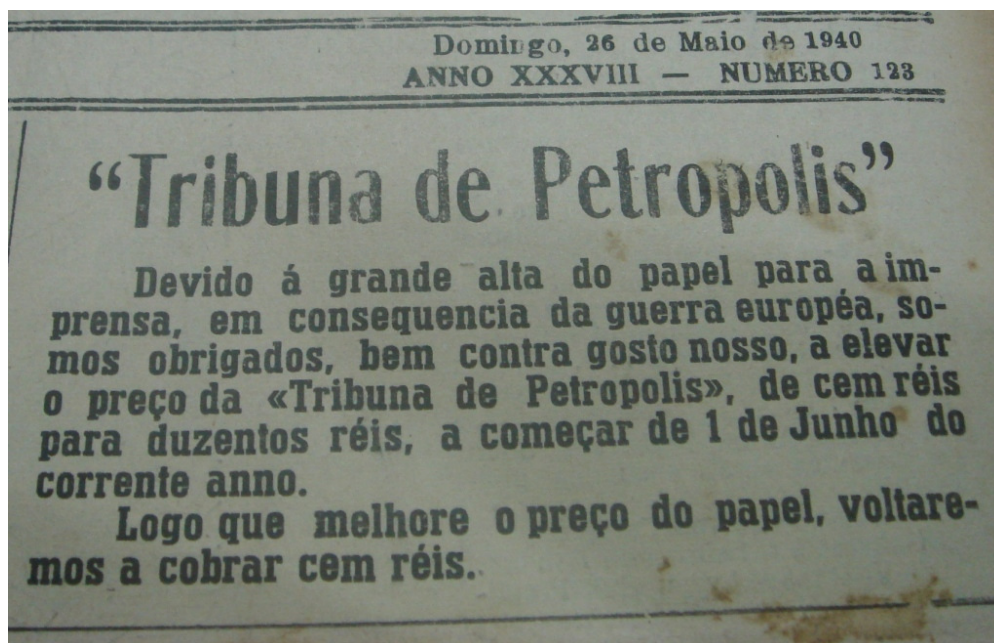


Figura 9 – Aumento do preço do papel
FONTE: Tribuna de Petrópolis, 02 mai. 1940

Sob o comando financeiro de D. Pedro Gastão, anúncios da *Tribuna de Petrópolis* confundem-se com notícias sobre o mundo e a guerra, além de visões sobre a cidade, que se fortalecia como local de veraneio em franco desenvolvimento. Muitos textos publicados sobre a cidade em 1940 não eram de autoria dos jornalistas da *Tribuna*, mas cópias de artigos publicados em jornais de grande circulação da capital, como o *Jornal do Brasil*:

O renascimento de Petrópolis: Com essa mesma epígrafe publicaram, ontem, nossos distintos confrades do *Jornal do Brasil* o tópico que se vai ler:

Quais as circunstâncias que andaram por algum tempo ameaçando o futuro da linda cidade serrana da qual o Rio só dista duas horas de trem e uma de automóvel? (...) Que o fenômeno, porém, se processou anos atrás, é coisa bem sabida, tendo mesmo chegado a produzir um princípio de alarme no círculo dos velhos e irredutíveis frequentadores de Petrópolis durante a estação calmosa. Devem ter desaparecido tal qual haviam aparecido as causas dessa decadência, e o ritmo do progresso petropolitano se reestabeleceu. Como, aliás, podia ser de outra forma, se o aludido progresso é o que possa conceber-se de mais racional e lógico? (...) Aumenta, de dia para dia, em Petrópolis, a febre de construir, e as novas edificações obedecem a um requinte de gosto meio citadino, meio campesino, que se ajusta de modo admirável ao feitio daquela paisagem e às peculiaridades daquele clima. (...) É uma verdadeira metrópole serrana, metrópole de veraneio e de turismo, que ali se está formando. Só falta que as autoridades executem a parte da sua competência nessa obra magnífica dando a Petrópolis, e com feição modelar, os serviços públicos que ela carece, a começar por um abastecimento de água e uma rede de esgoto abrangendo toda a área urbana (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1940c)

A cópia de um texto publicado originalmente no *Jornal do Brasil* é sintomática e pode significar a incapacidade da folha em produzir conteúdo próprio. A atitude sugere também uma forte tendência do jornal em traçar uma identidade para Petrópolis absolutamente filiada às visões “de fora” que se tem da cidade. Ao mesmo tempo, percebe-se nas reivindicações para que “as autoridades executem a parte de sua competência” que a cidade serrana seguia admirável, mas sem planejamento, unindo à sua beleza natural a problemas como a falta de infra-estrutura.

Curiosamente, o *Jornal do Brasil* enfrentava também situação parecida com a da *Tribuna de Petrópolis* após ter se transformado, ao longo da década de 1930, em um “boletim de anúncios”. Com essa estratégia, o *Jornal do Brasil* havia perdido sua importância como órgão de notícia e, “mantendo suas primeiras páginas inteiramente ocupadas por anúncios, o jornal recebeu nessa época o apelido pejorativo de “jornal das cozinheiras”” (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO, 2010).

A apropriação de textos do *Jornal do Brasil* revela também, portanto, que a *Tribuna* provavelmente não tinha estrutura em sua redação e também não conseguia estabelecer vínculos com jornais de destaque em relação ao conteúdo noticioso.

Assim, diferentemente de seus primeiros anos, nos quais a *Tribuna* se orgulhava de falar em nome de sua sociedade petropolitana, no início da década de 1940 o jornal parece se entregar às facilidades de deixar-se falar pela voz da imprensa carioca. Consequentemente, a *Tribuna de Petrópolis* se vê presa a uma crise de identidade, ancorada em um processo de produção jornalística que nem de longe lembrava suas primeiras lutas políticas em nome da defesa dos interesses locais.

Retomando a teoria de Castells (2007), a *Tribuna* passa a se firmar sob uma *identidade legitimadora*, só que reproduzida, ou seja, replicada de outra instituição de imprensa – no caso, o *Jornal do Brasil* – com o intuito de reforçar outro tipo de discurso sobre a cidade. Realiza-se a reapropriação do discurso com o objetivo de reforçar a imagem observada pelo jornalismo local, mas buscando destacar aspectos positivos na voz daqueles que teriam “mais propriedade” para falar sobre Petrópolis do que seus moradores.

Outro texto extraído das páginas do *Jornal do Brasil* e reproduzido na *Tribuna de Petrópolis*, de autoria de Assis Memória, refere-se a Petrópolis como “a famosa Versalhes, ou melhor, a célebre Saint Cloud do nosso Segundo Reinado” (MEMÓRIA, 1940). A identidade de Petrópolis como Cidade Imperial, imaginada e planejada como um sonho do Imperador ressurge como uma “cidade-museu”, conservada para servir de referência aos cidadãos que não viveram o Império, mas querem se aproximar de sua aura majestosa.

Com a criação do Museu Imperial, em 29 de março de 1940, por decreto-lei assinado pelo presidente Getúlio Vargas, Petrópolis passa novamente a ser referencial do importante período da história do país, conforme descreve o artigo de Memória:

Os costumes austeros, as modas protocolares, onde cartolas altas, reluzentes, negregavam, hirtas, pomposas, ao lado de chapéus e capacetes medievais. E, dominando tudo, o célebre “papo de tucano” e o faiscante manto imperial. Uma página animada de história aquela ascensão a Petrópolis. (...). Aqueles vários prédios, em forma arcaica de chalé, ou em obsoleto estilo colonial pesado (...), volviam em monumentos históricos, em museus autênticos com uma tradição a recordar, com um episódio a reviver (MEMÓRIA, 1940).

Reforçava-se, assim, o culto à memória do Império, em um jornal situado na Cidade Imperial, cujo príncipe herdeiro havia se tornado síndico da inadimplência. Além disso, sabe-se que uma das principais motivações de D. Pedro Gastão era o desejo de dominar o veículo a fim de utilizá-lo simbolicamente em defesa dos ideais da Família Imperial. De acordo com Francisco de Orleans e Bragança, os primeiros anos da *Tribuna de Petrópolis* sob a administração de seu pai tiveram por meta principal a mera sobrevivência do veículo, sem grandes inovações ou investimentos:

Meu pai virou síndico e começou a administrar isso, mas a paixão dele não era o jornal. Era a manutenção pura e simples do jornal. Fez o jornal, vamos botar ele na rua e tá bom. Meu pai não se dedicava a isso. Ele se dedicava a outras coisas⁸ e manteve o jornal funcionando. O jornal não dava dinheiro (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Entretanto, anos mais tarde, quando adquiriu de fato jornal, D. Pedro Gastão esperava fazer um uso político maior da folha. Francisco de Orleans e Bragança credita à necessidade de se posicionar perante a sociedade petropolitana, em nome da Família Imperial, como o principal motivo da compra do veículo pelo pai:

[O motivo da compra] era por causa de sermos da Família Imperial e da gente, muitas vezes, ser atacado aqui em Petrópolis. Naquela época, havia muito ainda ranço de negócio de monarquia e tudo. Então, o pessoal, quando dava alguma coisa errada, dizia: é culpa da monarquia. E meu pai via isso, por isso ele virou síndico. Então ele mantinha isso aqui, tipo: “Eu tenho um porrete dentro de casa para dar bordoadas em quem quiser entrar dentro da minha casa, mas eu não me dedico, eu não gosto de dar porretada na cabeça dos outros” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

2.3 A primeira reforma gráfica

Embora tenha se tornado síndico em 1940, D. Pedro Gastão não adquiriu a *Tribuna de Petrópolis* imediatamente, mantendo-a sob a chefia de Arthur Barbosa até 1943, quando o periódico foi vendido a Augusto Martinez Toja. Logo em seguida foi criada a empresa Tribuna de Petrópolis Ltda, com direção de Vicente Amorim e Claudionor de Souza Adão. Em 1947, ano da morte de Arthur Barbosa, os diretores da *Tribuna* foram substituídos por Guilherme Auler (redação) e Mario Aloísio (direção) (SILVEIRA FILHO, 2010:94).

Todas essas rápidas mudanças de proprietários refletiram em um jornal informativamente vazio, que saía às ruas pelo simples objetivo de se manter em circulação e veicular anúncios - serviço que a esta altura já se tornava o carro chefe da *Tribuna de Petrópolis*. A importância dos anunciantes para a sobrevivência do jornal é destaque na edição comemorativa de 40 anos do jornal, publicada em 01 de janeiro de 1942:

Estes longos anos foram, em começo, cheios de sacrifícios. Só a tenacidade do proprietário e diretor da folha, criando a imprensa diária nessa cidade, pode contribuir para a vitória do matutino petropolitano; vitória que se deve em grande parte ao comércio e à indústria da cidade que vem sempre amparando a nossa folha com carinho e estima, fazendo da Tribuna de Petrópolis o seu diário predileto. Não fosse esse amparo e o auxílio do povo, que procura diariamente a folha, e não atingiríamos ao grau de prosperidade que desfrutamos (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1942).

⁸ D. Pedro Gastão era conhecido como representante da cultura brasileira e da tradição do Império, destacando-se na “preservação das áreas verdes e do patrimônio arquitetônico e cultural de Petrópolis” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2008).

No mesmo artigo, encontram-se indícios das dificuldades financeiras enfrentadas pelo periódico, em referências diretas ao elevado custo do papel, já mencionado:

O desenvolvimento da nossa folha na atualidade é dessas que surpreende aos que conhecem a vida da imprensa do interior do país, especialmente com as dificuldades causadas pelo alto custo do papel de impressão, muito aumentado depois da guerra. (...) Felizmente, a nossa folha, devido ao apoio da população do nosso município e de outros muitos do Estado, mantém uma boa circulação, que cresce diariamente (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1942).

Seguindo uma tradição que havia se iniciado em seus primeiros anos, a *Tribuna* utiliza suas edições comemorativas para prestar contas à sociedade, lembrando a caminhada percorrida pelo veículo ao mesmo tempo em que destaca seus grandes feitos. Mas, ao contrário dos momentos de paixão política dos primeiros anos, a *Tribuna* passa a dar mais espaço para questões comerciais, diretamente ligadas à sobrevivência do jornal.

Ao se dirigir aos anunciantes em seu texto comemorativo, o jornal estabelece que já não se encontra mais caracterizado como uma imprensa artesanal. Sendo uma empresa de comunicação, depende do comércio, da indústria e dos serviços locais para existir. Esse desenvolvimento da imprensa em Petrópolis acompanhava o caminho natural percorrido pela imprensa no Brasil no século XX, mas com certo atraso.

A imprensa brasileira passou para a era capitalista de forma gradativa, de modo que também as funções dos profissionais da área confundiam-se e dificultavam a organização interna dos jornais:

De um lado, embora já a imprensa brasileira tivesse ingressado na etapa capitalista, sendo o jornal sempre empresa industrial e comercial, apenas dava nela os primeiros passos, peculiares, aliás, ao predomínio do capital comercial no conjunto das relações capitalistas em desenvolvimento no país, - que se traduzia, para o pessoal que trabalhava nos periódicos, numa ainda insipiente divisão de trabalho e, portanto, em profissionalização apenas relativa; de outro lado, (...), havia interesses contraditórios entre proprietários de jornal e jornalistas, e estes de alguma forma tinham condição proletária, embora participassem dela sob alguns aspectos (SODRÉ, 1966:353).

Francisco de Orleans e Bragança admite que, no momento em que seu pai se envolvia com a administração da *Tribuna*, o jornal ainda não possuía estrutura empresarial, fato que colaborava para o acúmulo de dívidas e, conseqüentemente, diminuía seu prestígio e credibilidade junto à população: “Antigamente o redator do jornal era o gerente, ou seja, fazia tudo. Aqui o cara assinava cheque de pagamento do funcionário, fazia manchete, só faltava revisar, fazia tudo” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).



Figura 10 – Tribuna de Petrópolis em 1942

Fonte: Tribuna de Petrópolis – 100 anos em Revista, 2002

Com a inauguração do Museu Imperial em 1943, a *Tribuna* fortalece o processo de rememoração do Império, destacando as celebrações que envolveram a abertura do Museu. Arelado ao discurso de reavivamento da Monarquia, estavam também às saudações a Getúlio Vargas, que em seu gesto patriótico contribuiu para que Petrópolis ganhasse seu principal ponto turístico, local que viria a movimentar ainda mais o potencial de visitação da cidade. A inauguração do Museu coincidiu com as comemorações do centenário de fundação da cidade, motivo pelo qual a *Tribuna* publicou uma edição especial em 16 de março daquele ano. O texto da primeira página do jornal é sintomático das novas relações que o jornal e a cidade estabeleciam com o passado Imperial:

E o Brasil, que em toda a América foi o único que possuiu a forma monárquica de governo, não tem razão para envergonhar-se desse passado, mas antes, sobejam razões para sentir que esse passado, com honra e glória, soube cumprir a sua missão. O Museu Imperial reunirá assim a lembrança de uma época de quase um século de vida nacional, época em que os nossos maiores bem puderam desempenhar o seu papel, preparando o surto de progresso que hoje estamos podendo realizar, assim como o esforço e o patriotismo dos atuais brasileiros, prepararam, para seus filhos, melhores e ainda mais gloriosos dias para o Brasil (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1943a).

Semanas após a inauguração do Museu e das comemorações do centenário da cidade, a *Tribuna de Petrópolis* publicou um instigante artigo intitulado “Elogio da imprensa petropolitana”, no qual seu autor, Oswaldo Miranda, busca situar a imprensa local nos importantes marcos do aniversário da cidade. Motivado pela vontade de fazer justiça frente ao pretense “esquecimento” de homenagens à imprensa, Miranda trata em seu texto do “quadro harmonioso do jornalismo citadino no centésimo ano da terra” (MIRANDA, 1943):

A imprensa local de hoje é composta de órgãos já de boa existência e se subsistem e se transpuseram dez, vinte ou trinta anos é porque neles prolífica, em paralelo com a inteligência, o espírito de tenacidade. Fazer imprensa em Petrópolis é tarefa difícil, não porque os anunciantes ou os leitores não apóiem a obra com o apoio incondicional, o que é notório, mas pela proximidade a que nos achamos do Rio e pela facilidade com que sobem a serra os colegas cariocas, paulistas, mineiros ou de tantos centros brasileiros onde a “sexta arma” encontra bom campo para se expandir e é melhor abastecida. Existe, pois, uma espécie de concorrência involuntária (...). Em Mato Grosso e na Alta Paulista as bancas só em apresentaram folhas locais em exposição. As do Rio e São Paulo o jornalista conserva-as num cantinho, para fregueses certos que se contentam com notícias atrasadas de três a cinco dias. (...) Em Petrópolis, a menor das poucas bancas é um dilúvio de publicações e o transeunte que não tem o seu “café da manhã” escolhe aquilo que mais o impressiona (MIRANDA, 1943).

Em sua defesa da imprensa local, Miranda, falando também em nome da *Tribuna de Petrópolis*, acaba por contradizer o próprio discurso institucional que o jornal vinha mantendo anteriormente, primordialmente marcado por elogios e agradecimentos. Defende os problemas estruturais do jornal, como se as dificuldades enfrentadas o tornassem legitimamente local e, por isso, mais petropolitano.

Uma nova estrutura viria a se estabelecer logo em seguida: a partir da segunda metade do ano de 1943 observam-se pequenas mudanças visuais na *Tribuna de Petrópolis*. O jornal passa a integrar em sua primeira página a publicação de charges sobre a II Guerra Mundial – em sua maioria, cedidas pela *British News Service* (Figura 11). Aumenta também a utilização de fotografias para ilustrar matérias sobre o conflito.



Figura 11 – Primeira charge publicada na *Tribuna*
 FONTE: Tribuna de Petrópolis, 01 ago. 1943

Foi no número 182 do jornal, na edição de 11 de agosto de 1943, que Arthur Barbosa aparece pela última vez como diretor da *Tribuna de Petrópolis*. No dia seguinte, Barbosa tem seu nome estampado na capa apenas como redator, e no expediente encontram-se relacionados novos profissionais: A. de Castro Neves Filho como gerente, José Machado como sub-gerente e Vicente Amorim como redator responsável.

O jornal não apresenta nenhuma explicação sobre essas as mudanças administrativas. Poucos dias depois, em 15 de agosto, mais inovações visuais são implementadas, com fonte menor no título do jornal e uma diagramação com mais espaço entre os textos. No dia 25/08, o jornal anuncia “a nova fase da *Tribuna de Petrópolis*” com fotografias que ilustram a chegada de novas máquinas gráficas à oficina (Figura 12).



Figura 12 – A nova fase da *Tribuna de Petrópolis*
 FONTE: Tribuna de Petrópolis, 25 ago. 1943

Em 3 de setembro, um artigo breve intitulado “A imprensa e a história” fornece algumas informações sobre as mudanças ocorridas no interior da *Tribuna*, mas sem esclarecer motivações ou personagens por trás dos feitos anunciados. Depois de afirmar que os esforços dos homens de imprensa petropolitanos precisam ser lembrados, embora tenham sido modestos, o artigo relata:

Mais uma vez sofre esta cidade uma remodelação nos seus meios jornalísticos, com a reforma que sofrem as oficinas da *Tribuna de Petrópolis*, agora sob a orientação de homens que desejam realizar os sonhos dos saudosos colegas Armando Martins e Álvaro Moraes (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1943b).

Álvaro Moraes, falecido em 1943, havia trabalhado na folha como secretário, enquanto Armando Martins, também falecido no mesmo ano, iniciou a vida no jornalismo como tipógrafo, sendo depois redator e gerente da *Tribuna de Petrópolis*. A escolha de palavras nos permite interpretar este trecho como uma tentativa de inaugurar uma nova fase do jornal, mas sem grandes promessas ou auto-promoção. Meses depois, na edição comemorativa de 41 anos da fundação do jornal, encontra-se a seguinte declaração;

Hoje, que novas energias e melhor aparelhamento técnico nos permitiram desdobrar o âmbito de atividades e proporcionar à nossa cidade um órgão melhorado, a caminho já da realização que ela merece, é com confiança que encaramos o futuro, no propósito firme, de que nada nos demoverá, de cooperar, dentro da esfera que nos couber, para o engrandecimento desta terra generosa e boa, que ao esforço de seus filhos deve o melhor de seu progresso, e também para o prestígio e prosperidade do nosso Estado, a que, como fluminenses, nos cumpre dedicar-nos (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1943c).

A década de 1940 foi, portanto, um momento crucial para a sobrevivência da *Tribuna de Petrópolis* na imprensa local. As mudanças ocorridas após a entrada de D. Pedro Gastão no corpo administrativo do jornal traçaram os próximos passos que viriam a garantir seu reposicionamento diante da sociedade. Observa-se no ano de 1943, especialmente, uma retomada do perfil jornalístico, com aumento progressivo do número de reportagens, especialmente relatos sobre a guerra.

O investimento em novo maquinário permitiu que o jornal passasse a ter 8 páginas nas edições diárias – antes, o número de páginas somente aumentava nas edições especiais – e a *Tribuna* parecia acompanhar o desenvolvimento da indústria petropolitana, que atingia seu apogeu. Em reportagem publicada em dezembro de 1943, o jornal relata que “Petrópolis acompanha ‘pari pasu’ o ritmo da industrialização, fator de riquezas, inclusive no comércio” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1943d), destacando casas de luxo que traziam para os petropolitanos marcas internacionais como Chanel, Guerlain, entre outras.

Na primeira edição do ano de 1944, a retrospectiva destaca “os seis meses de incessantes trabalhos e de lutas árduas, mas gloriosas, na *Tribuna de Petrópolis*, em sua nova fase” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1944). O jornal já anuncia que as modificações substanciais, como o novo e mais atraente aspecto visual, a amplificação do conteúdo noticioso, o intermédio de agências de notícias, assim como o aumento do número de páginas marcam a entrada da *Tribuna* na era do jornal-empresa.

O jornal vivia uma fase de despolitização, característica comum à imprensa dos moldes capitalistas, “não porque deixasse de falar de política, mas porque o espaço da política passou a ser partilhado com um número maior de outras seções” (TASCHNER, 1992:43). Também aumentava a variedade de temas, o que indicava um interesse em agradar à diversidade do público leitor. A *Tribuna de Petrópolis* se tornava-se um jornal moderno, de maior tiragem, marcado pela “independência de atitudes, linguagem esportiva e elegante, fim construtor e colaborador, sem condições, com o poder público nas boas causas em benefício da coletividade” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1944).

Ainda na primeira edição de 1944, a *Tribuna* cita os diversos colaboradores que passaram a integrar a nova estrutura da empresa, e agradece àqueles que por lá passaram e deixaram suas marcas. Entretanto, o nome de D. Pedro Gastão não consta em nenhuma das duas listas, o que poderia indicar que o jornal havia superado sua primeira grande crise de inadimplência e por isso não mais necessitava da supervisão do príncipe. Mas, ao contrário, o nome de D. Pedro Gastão volta a ser estampado nas páginas da *Tribuna* na década de 1950, novamente como síndico de inadimplência.



Figura 13 – Tribuna de Petrópolis em 1952
FONTE: Tribuna de Petrópolis – 100 anos em Revista, 2002

Petrópolis era então vista como uma cidade no “apogeu de sua glória”, mas cujas lembranças de um passado glorioso deixavam saudosos aqueles que viveram os anos de maior destaque da “Versailles Brasileira” no cenário econômico, político e social do Brasil. Essas referências encontram-se explicitamente publicadas em edições da *Tribuna de Petrópolis* durante a década de 1950, na qual destaca-se também um interesse em relatar o pouco caso do poder público para com a cidade em desenvolvimento:

O verão culminou, recordando-lhe o passado de gratas reminiscências, quando a vida era o verdadeiro encanto da serra, sem os atropelos que o progresso proporciona e o descaso com que os governos olham a coisa pública, apenas de soslaio, porque o interesse racional pelo bem estar da comunidade não é mais tratado como na época da austeridade dos costumes que fizeram a nossa grandeza, projetando o Brasil no mundo civilizado, com a sua cultura em todas as modalidades da vida e fazendo Petrópolis a Versailles ou mesmo a Potsdam brasileira (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1954).

Um ano mais tarde, os efeitos negativos do desenvolvimento desordenado já podem ser medidos no artigo “Petrópolis, terra de ninguém”, publicado na edição de retrospectiva do ano de 1954, em 01 de janeiro de 1955. De autoria desconhecida, o texto retrata a realidade de Petrópolis transformada em “paraíso da sujeira”: “Hoje, quando olhamos saudosos as páginas do livro do passado, encontramos uma Petrópolis inteiramente modificada. Para pior, não resta dúvida” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1955).

A degradação de Petrópolis acompanhava também a dificuldade da *Tribuna* em se reerguer como veículo de imprensa. Os investimentos em maquinário pareciam não ter sido suficientes para alavancar a qualidade informativa do jornal, que novamente se tornava uma folha de classificados, imprimindo 7 de suas 8 páginas inteiras com anúncios. O destaque dado à seção de classificados reforça a tendência do jornal de depender dessa prestação de serviços, ao mesmo tempo em que delimita o perfil do leitor.

A superação triunfal da *Tribuna de Petrópolis* anunciada nos idos de 1944 não tardou a ceder ao primeiro sinal de instabilidade do mercado de comunicação no país. Com o surgimento dos meios de comunicação de massa, a ascensão do rádio e as primeiras transmissões na televisão, o desafio da sobrevivência dos jornais impressos parecia ainda maior. Embora as narrativas sobre a história da *Tribuna* destaquem que na década de 1950 os esforços de D. Pedro Gastão fizeram com que o jornal superasse a crise, a *Tribuna* não conseguiu voltar a ocupar uma posição relevante na sociedade petropolitana.

Ao completar 50 anos de circulação diária, em 1958, a *Tribuna de Petrópolis* anuncia o aumento de páginas do jornal, de 8 para 12, e destaca, em texto assinado por seu diretor-presidente Guilherme Auler: “Esse ‘milagre’ de trabalho, que surpreende a muitos e empolga a todos, nasce da TRADIÇÃO do seu jornal, que representa para todos nós uma partícula de nossas vidas” (AULER, 1958:1).

O trecho é especialmente interessante pelo destaque dado ao termo tradição, que “designa, ao mesmo tempo, um legado cultural ou, se preferirmos, um objeto, o produto da atividade humana, e a sua reprodução ou transmissão no tempo: o processo por meio do qual esse produto é socialmente elaborado” (COUTINHO, 2005).

As tradições referem-se a “construções ideológicas em uma realidade prática”, distinção que caracteriza a trajetória da *Tribuna de Petrópolis* como um processo de desenvolvimento de uma autêntica identidade para a imprensa local. A autenticidade da *Tribuna de Petrópolis* pode ser entendida também como uma adequação entre uma ‘forma histórica’ e um ‘conteúdo histórico’ que possui representatividade sócio-cultural (COUTINHO, 2005). Para atingir essa autenticidade, é preciso que essa forma (a imprensa) e esse conteúdo históricos estabeleçam uma relação com a sociedade.

Mesmo completando 50 anos em circulação, a relação da *Tribuna de Petrópolis* com seus leitores ainda não era típica de uma relação baseada na tradição. Mas nos anos seguintes, o jornal passou por transformações que favoreceram a identificação da população local com um jornal que passava a representar a genuína vida petropolitana. E foi graças a D. Pedro Gastão e a Francisco de Orleans e Bragança que essas mudanças ocorreram.

2.4 Da falência à recuperação

A edição comemorativa de 108 anos do jornal, publicada em outubro de 2010, informa que, mesmo após uma década de superação da crise dos anos 1950, a falência da *Tribuna de Petrópolis* foi oficialmente decretada na década seguinte. De acordo com o texto, “nos anos 60, após violenta crise, a empresa se encontra falida e é adquirida por um grupo de empresários tendo D. Pedro Gastão como presidente, que contou com a colaboração de Alcindo Roberto Gomes e Paim de Carvalho para organizar a empresa” (SILVEIRA FILHO, 2010:94).

Esta terceira fase da história do jornal concentra-se ainda mais na figura de D. Pedro Gastão, que posteriormente dará espaço para que seu filho, Francisco de Orleans e Bragança, assuma o controle da empresa. Mais do que lucrar com o empreendimento, o motivo da aquisição da *Tribuna de Petrópolis* pela Família Imperial encontrava-se em questões políticas e trazia à tona a estreita relação do jornalismo com o poder simbólico.

D. Pedro Gastão tinha como objetivo aproveitar-se dos longos anos em circulação e da forte presença da *Tribuna de Petrópolis* em meios comerciais e de serviços para ter um veículo que falasse em seu nome, defendendo os princípios e as crenças da Família Imperial⁹. Entretanto, sabe-se que D. Pedro Gastão preferia se dedicar a outras missões culturais na cidade do que administrar o veículo, além de representar o ramo de Petrópolis da Família Imperial em viagens pelo país e no exterior.

Com isso, a administração da *Tribuna* limitava-se à manutenção da existência do jornal. Movido pela inércia de sua ampla gama de classificados, o jornal se tornava um grande bloco de anúncios, com páginas inteiras dedicadas para este fim. O atual diretor comercial da *Tribuna*, Sylvio Carvalho, recorda-se, em depoimento à autora, de como o jornal era visto em meados da década de 1960 pelos profissionais da comunicação e pelos concorrentes: “A *Tribuna* era um jornal conservador e especialmente dedicado aos pequenos anúncios. Às vezes esses anúncios ocupavam a primeira página do jornal toda. Tinha só um espaço pequeno para ter notícias da serra” (CARVALHO DA SILVA, 2010).

O jornal não apresentou grandes mudanças nos anos subsequentes, até que em 1977, a *Tribuna de Petrópolis* passou a ser uma empresa de sociedade por cotas de responsabilidade limitada, e Francisco de Orleans e Bragança assumiu a gerência. Dois anos mais tarde, em 1979, D. Francisco assumiu a direção, posição que ocupa ainda hoje. Seu envolvimento partiu de uma solicitação de D. Pedro Gastão, preocupado com dívidas acumuladas devido ao não pagamento de direitos trabalhistas. Esses acontecimentos estão de acordo com uma tendência nacional na imprensa, conforme explica Lattman-Weltman:

Até os anos 1970, a empresa jornalística era controlada por seu proprietário (ou por sua família), o que lhe dava a possibilidade de um total domínio sobre a orientação política e o noticiário. As transformações, acompanhadas de novos métodos racionais de gestão, incentivaram uma renovação na direção empresarial e na direção das redações. A partir das décadas de 1970 e 1980, o poder nas empresas adquiriu outra dimensão: não estava mais na mão de um só dono. O controle acionário passou a ser exercido por um número maior de membros da família, e quem dirigia eram os herdeiros da segunda geração ou novos proprietários (LATTMAN-WELTMAN, 1996:76).

⁹ De acordo com depoimento de D. Francisco de Orleans e Bragança à autora, devidamente citado na página 60 do presente trabalho.

A partir do final da década de 1970, portanto, com a chegada de Francisco de Orleans e Bragança à presidência da *Tribuna de Petrópolis*, o jornal deu continuidade ao processo de adequação à era capitalista, deixando progressivamente de ser um veículo informativamente instável e exclusivamente dependente de seus classificados para se tornar um negócio. Assim como nas demais etapas de desenvolvimento, a *Tribuna de Petrópolis*, sendo um jornal de interior, desenvolveu-se como jornal-empresa com alguns anos de atraso em relação à grande imprensa nacional. Sodré (1966) descreve o momento do surgimento das grandes empresas de comunicação no Brasil ainda nos anos 1950:

A empresa jornalística, mesmo tomada isoladamente, tem já dimensões e complexidades tais que o capital para montá-la está ao alcance de poucos. No Brasil, por isso, desapareceu a pequena imprensa; só a grande existe. Não há novos jornais; o que há, e raramente, é a compra dos já existentes; o que acontece, na normalidade dos casos, nem é a compra do jornal, mas a da sua opinião (SODRÉ, 1966:447).

O atraso no processo de crescimento da *Tribuna de Petrópolis* pode ser explicado pelo fato de o jornal ter enfrentado um período longo de crise e também por ser um veículo de interior. Francisco de Orleans e Bragança é apontado como um empresário de vanguarda, tido como o grande responsável pelas revoluções tecnológicas da empresa. Como diretor, Francisco direcionou todos os seus esforços para transformar a *Tribuna de Petrópolis* em uma empresa lucrativa. Para isso, superou o paradigma do jornalismo político passional dos primeiros anos do jornal e também a crise que impedia que o jornal se desenvolvesse para além de seus classificados, passando a encará-lo como negócio.

Nesse sentido, conforme muito bem define Taschner (1992), a *Tribuna* finalmente alcançava um lugar em sua trajetória no qual “não se trata mais de um jornal cuja organização tem forma de empresa, trata-se de uma empresa que tem atividade jornalística. Ela é o sujeito, e não mais o jornal. Este é o produto da atividade da empresa” (TASCHNER, 1992:67). A informação se torna um produto valioso.

Quando questionado sobre seu envolvimento com a redação da *Tribuna*, Francisco de Orleans e Bragança assume seu direcionamento nos “modos de dizer” do jornal: “Não sou eu que escrevo, mas eu que indico como escrever. Aliás, acho que todo dono de jornal pode até dizer que não faz isso, mas é assim que funciona” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010). Assim, a partir do final da década de 1970, as escolhas editoriais do jornal passaram a ser pautadas pela relevância do conteúdo local, e pela aproximação das notícias com a realidade cotidiana da sociedade petropolitana, a fim de que o veículo se aproximasse do dia-a-dia de seus leitores.

Mas não se pode separar a *produção do discurso* jornalístico da *administração* do jornal-empresa. Ao mesmo tempo em que se constrói uma postura administrativa por meio de um veículo de comunicação, constrói-se também um discurso de identidade local, já que os processos de formação de identidades se desenvolvem a partir de relações de comunicação. Nesse processo, existe uma prática seletiva a respeito do que deve ser escrito e do que será suprimido. Esse processo de seletividade jornalística na *Tribuna de Petrópolis* passa a ser declaradamente controlado pelo seu diretor, Francisco de Orleans e Bragança, a partir do momento em que assume a administração do jornal. Com isso, tanto a sobrevivência do jornal quanto seu posicionamento e papel na sociedade petropolitana passam a ser definidos na seleção de notícias de suas páginas diárias.

É notório o aumento de notícias, anúncios e fotografias relacionadas à Família Imperial da década de 1970 em diante. Primeiramente focadas nos afazeres de D. Pedro Gastão (Figura 15), as notícias que envolviam os herdeiros de Pedro II são, em sua maioria, recortes da vida social dessa “corte petropolitana”, anúncios de suas viagens, projetos e realizações.

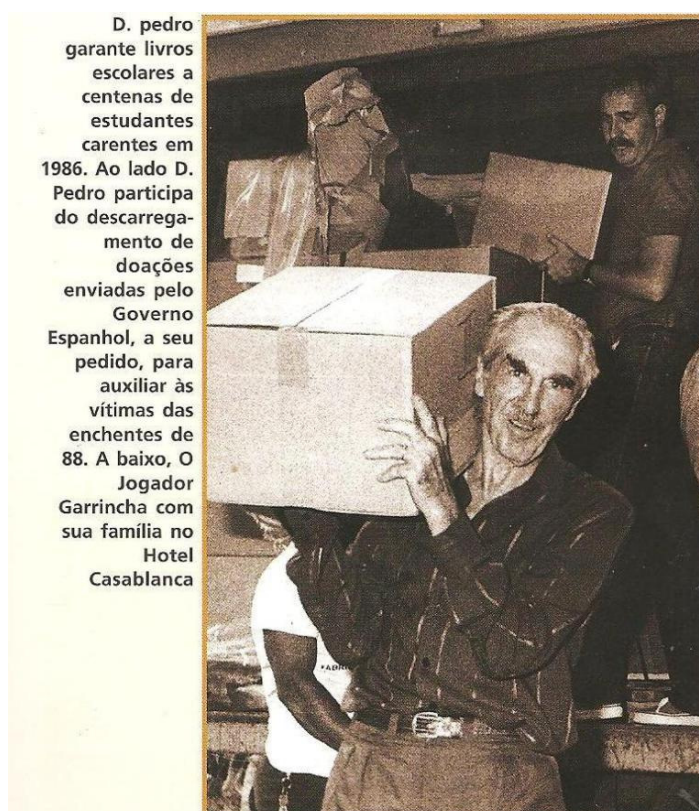


Figura 15 – D. Pedro Gastão, o príncipe dos petropolitanos
 FONTE: Tribuna de Petrópolis – 100 anos em Revista, 2002

Não faltam homenagens a entes queridos da Família Imperial que, por motivo de falecimento ou doença, passam a ser conhecidos da população através de notas publicadas geralmente na primeira página. Um bom exemplo – e um dos primeiros localizados nas edições da *Tribuna de Petrópolis* – é o anúncio de uma missa pela alma do Duque de Bragança, primo e cunhado de D. Pedro Gastão, na edição de 01 de janeiro de 1977 (Figura 16).

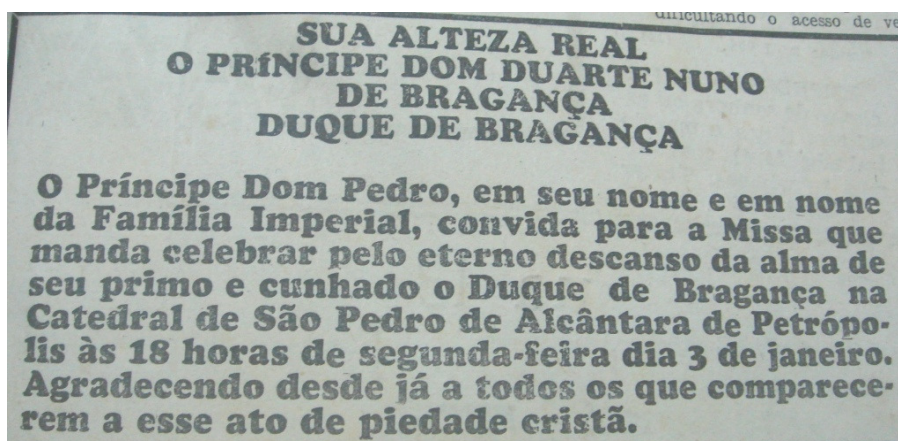


Figura 16 – Anúncios de falecimento: sempre publicados na primeira página
FONTE: Tribuna de Petrópolis, 01 jan. 1977

Assim, além de informar sobre a realidade da cidade, o funcionamento e as realizações dos órgãos públicos, a *Tribuna* presta-se também ao serviço de trazer à sociedade petropolitana novamente a aura imperial que marcou profundamente a identidade da cidade na sua fundação e em anos subsequentes.

Nos meses e anos seguintes, datas que inicialmente não teriam relação direta com a Família Imperial passam a incluir a figura de D. Pedro Gastão como personalidade singular e notória nos acontecimentos da cidade. No aniversário do historiador petropolitano Gabriel Kópke Fróes, a foto (Figura 17) que ilustra a matéria tem a seguinte legenda: “O Sr. Gabriel Kopke Fróes ao lado de S.A. o Príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança, seu grande amigo e admirador, durante sua posse, há tempos, na Academia Petropolitana de Letras” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1977).

Esse tipo de referência não somente não foi encontrado em edições anteriores da *Tribuna* como, ao acompanharmos a trajetória do jornal até os dias atuais, tendeu a aumentar conforme o jornal se firmava definitivamente como “o jornal do Príncipe”. Sua Alteza, o Príncipe D. Pedro, foi se tornando, ao longo dos anos, figura cativa na sociedade petropolitana e no jornal que coordenava, fato que elevou os valores simbólicos da Monarquia a um nível muito mais próximo para os moradores da cidade.



Figura 17 – O protagonismo de D. Pedro Gastão
 FONTE: Tribuna de Petrópolis, 15 mar. 1977

Se D. Pedro Gastão viajava, se participava de reuniões na Academia Petropolitana de Letras ou no Instituto Histórico de Petrópolis – do qual era Associado Honorário –, tudo era notícia. E essa passa a ser a principal característica do jornalismo local na figura da *Tribuna de Petrópolis*: era um jornal de interesse para os petropolitanos, cujos acontecimentos sociais sempre giravam em torno de figuras conhecidas da população e, por isso, a Família Imperial ganhava destaque especial. Ao invés de dar espaço para políticos ou personalidades de fora da cidade, o jornal passava a destacar as personalidades locais e suas contribuições para o desenvolvimento de Petrópolis.

Toda essa construção da notícia relaciona-se a uma representação social da realidade, articulada dentro de uma instituição – a imprensa. Realidade esta construída a partir da prática do jornalismo, formatada como narrativa, difundida e convertida como “realidade pública” (FELLIPI, 2008:9).

Nessa lógica, as escolhas editoriais e as decisões institucionais passam a pertencer não apenas a seus editores e diretores, mas pela relação do jornal com a sociedade na qual circula. Assim, as notícias não são passíveis de serem reproduzidas como representação pura e neutra da realidade. Ao contrário, a construção discursiva do jornalismo está cercada de aspectos que desconstróem as noções de “objetividade” e “imparcialidade”.

Tem-se, portanto, que a sociedade petropolitana da época certamente colaborou e abraçou a causa do “retorno simbólico da Monarquia”. Seja por curiosidade ou por outros interesses, o leitor da *Tribuna* aceitou bem a presença da Família Imperial em seu jornal mais antigo em circulação. Ao mesmo tempo em que o jornal é capaz de fortalecer alguns aspectos e priorizar determinadas identidades em detrimento de outras, os conflitos e as tensões que envolvem os atores responsáveis pelo desenvolvimento de uma identidade não devem ser ignorados. Especialmente porque, conforme afirma Fellipi (2008:18):

O jornal não controla de todo os sentidos que circulam nos discursos que veicula. Mesmo no esforço de fechamento de fronteiras dos sentidos, a multiculturalidade e a multiplicidade de sentidos lhe escapa por entre as centenas de enunciadores presentes em cada edição.

A partir dessa afirmação, tem-se que o controle exercido pela direção do jornal da figura de seu novo corpo administrativo não se traduz em uma única leitura dos acontecimentos da cidade, já que o sentido do texto está mais relacionado ao processo de leitura e interpretação do que às técnicas jornalísticas empregadas para assegurar que a informação se torne notícia. Por isso é preciso relativizar o controle exercido pela direção da *Tribuna de Petrópolis* em sua linha editorial com a relação estabelecida entre o produto-jornal e seus consumidores.

Francisco de Orleans e Bragança, em depoimento à autora, defendeu que um dos motivos do sucesso destes mais de 100 anos em circulação estaria intimamente ligado às narrativas cotidianas da realidade petropolitana. Ao contrário dos jornais estaduais e nacionais, os pequenos veículos locais teriam mercado para se desenvolver porque a população local ainda confia e interage mais com as publicações locais impressas do que os novos meios de comunicação digitais, como a internet, na qual é mais raro encontrar notícias e informações precisas e atualizadas sobre cidades do interior e seu cotidiano.

Assim, o aumento considerável de informações e notícias sobre as atividades da Família Imperial, e o foco em um jornalismo realmente local, pautado pela economia e vida social de Petrópolis, torna-se o maior trunfo de sobrevivência da *Tribuna* após a chegada de Francisco de Orleans e Bragança à direção.

Teria sido, portando, a partir de uma reformulação da relação do jornal com a cidade de Petrópolis que a *Tribuna* teria garantido sua permanência e consolidação no jornalismo local. Administrada como empresa e rapidamente transformada em um empreendimento focado na Petrópolis “real”, a *Tribuna* se reergue das crises financeiras e inaugura uma nova fase do jornalismo local.



Figura 18 – *Tribuna de Petrópolis* em 1972
FONTE: *Tribuna de Petrópolis* – 100 anos em Revista, 2002

CAPÍTULO 3 – De 1970 aos anos 2000: A era Francisco de Orleans e Bragança

3.1 Um jornal para os petropolitanos

Em outubro de 1980, a *Tribuna de Petrópolis* completava 78 anos. Seu editorial fortalecia a relação de intimidade que a nova administração procurava estabelecer com os moradores e com a cidade de Petrópolis. Rememorando a caminhada percorrida até ali, afirmava que, com o passar do tempo, a folha “iria se constituir num dos grandes arautos dos interesses da cidade que lhe emprestou o nome, porque para essa finalidade ela era fundada” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1980). Entretanto, sabe-se que a finalidade da fundação da *Tribuna* foi dar voz aos anseios de grupos políticos enfraquecidos nos primeiros anos do século XX. Tratar dos interesses da cidade era um objetivo somente na medida em que esses correspondiam às vontades dos grupos políticos que a comandava.

No mesmo texto, já se encontra expressa outra característica surgida a partir da administração de D. Pedro Gastão: um retorno à exaltação dos homens por traz da folha, assim como a menção constante à herança imperial que seu diretor carregava no nome. Se antes Arthur Barbosa era figura cativa nas edições comemorativas do jornal, este papel agora era ocupado pelos Orleans e Bragança:

Com a mentalidade jovem de hoje, demonstrada por nosso diretor D. Francisco de Orleans e Bragança, que modificou inteiramente a fisionomia do jornal, contando com uma equipe que com ele encampou a empreitada de fazer um matutino jovem, moderno e vibrante para servir cada vez mais a esta terra, esperamos ainda mais crescer, aprimorar nossa feitura, para continuar honrando as tradições de um dos mais importantes órgãos de comunicação petropolitano (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1980).

Assim, uma *Tribuna* “moderna, jovem e vibrante” inicia a década de 1980, passando por transformações que, graças aos conhecimentos do príncipe economista, iriam trilhar o caminho percorrido até o centenário, em 2002. Com tino para negócios e visão estratégica, Francisco de Orleans e Bragança soube aproveitar o nome e os anos de caminhada do jornal para valorizar o produto que tinha em mãos. Longe do jornalismo artesanal que um dia representara, a *Tribuna* agora entrava definitivamente na categoria de jornal-empresa, orientado pela lógica do lucro. O embate com seus concorrentes passa a ser pautado também pela conquista de leitores e anunciantes dos mais diversificados interesses, e o investimento em tecnologia e inovações é a palavra de ordem.

A tentativa de atrair o maior número possível de leitores tinha como objetivo final maximizar as vendas e, com isso, os lucros. Assim, a *Tribuna de Petrópolis* veio fortalecendo seu discurso de vanguarda para a realidade de um jornal local, colocando-se em papel de destaque não só nos investimentos internos, como também na adequação de seus produtos e serviços aos desejos do público.

Durante os anos 1990, o processo de informação que já estava estabilizado nas grandes empresas jornalísticas chegou à *Tribuna*, levando-a a investir também em uma repaginada visual em 1995, obra do artista gráfico Felipe Taborda. No ano seguinte, atendendo às reivindicações dos leitores, o jornal passou a contar também com um serviço de agências de notícias nacionais e internacionais, aumentando o foco do noticiário para além da realidade local em Petrópolis (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2009).

Em depoimento à autora, o atual diretor afirma que o momento que mais marcou o jornal em anos recentes foi a mudança da máquina plana de impressão para a rotativa, na década de 1980. Com a melhora da qualidade de impressão, a postura interna dos colaboradores tornou-se mais profissional e a relação da *Tribuna* com seu público teve um ganho em credibilidade.

Esse público da *Tribuna* passou a ser formado, de acordo com seu diretor, pelos cidadãos que se interessam pelos serviços disponíveis nos classificados e também pelo conteúdo relacionado ao seu próprio bairro e vizinhança. Assim, a seleção de pautas e o eixo editorial sob o comando de Francisco de Orleans e Bragança variam dentro da lógica de que a *Tribuna de Petrópolis* é um jornal feito por petropolitanos, para petropolitanos, com o objetivo de tratar dos assuntos da cidade e de pessoas relacionadas à cidade. Nas palavras do diretor: “O nosso título é o quê? *Tribuna de Petrópolis*. Então, tudo o que tem a ver com Petrópolis nós vamos publicar” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Curiosamente, Francisco de Orleans e Bragança admite que a cidade, a seu ver, vive um intenso conflito e uma eterna crise de identidade com sua herança Imperial:

D. Pedro II vinha a Petrópolis e ele (...) fazia com que as pessoas locais participassem do dia-a-dia do Palácio Imperial. Mas não muito. Porque sempre tinha briga, lógico. Ia um, o outro que não ia ficava furioso. (...) O Getúlio vinha muito para Petrópolis, ele fazia a mesma coisa. Ele vinha para Petrópolis, havia um círculo de amizade dele em volta. (...) Petropolitanos simplesmente assistiam a algo que acontecia na sua cidade. Recentemente, com o Fernando Henrique Cardoso, que veio duas vezes a Petrópolis, aconteceu muito isso, e a cidade se recente disso. Acontece o movimento, mas ninguém da cidade é convidado. Então, Petrópolis tem um ressentimento (...), que as pessoas usam a cidade de Petrópolis, mas não usam seus petropolitanos. (...) As novelas são gravadas em Petrópolis, mas não tem ator petropolitano. (...) Não existe uma empatia, uma interação entre o que está acontecendo com a população local. (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Para contrapor esse ressentimento e essa crise de identidade dos petropolitanos, o diretor do jornal admite que procura retratar nas páginas da *Tribuna* a cidade do morador:

A maioria das nossas matérias são sobre o dia-a-dia da nossa cidade. É sobre o dia-a-dia desse morador que está o dia inteiro trabalhando aqui, convivendo com essa situação de buracos, de ônibus, ou do que seja. A gente faz questão de publicar sempre. (...) A gente faz um jornal positivo. Nosso jornal, quando tem matérias negativas, são negativas a favor da cidade” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Assim, a Petrópolis retratada na *Tribuna de Petrópolis* dos últimos 30 anos, seria, na visão de Francisco de Orleans e Bragança, a cidade real, genuína, com suas belezas e defeitos, mas vista sob uma ótica positiva que amenizaria fatos trágicos e chocantes. Seu atual gerente comercial, Sylvio Carvalho, também defende essa visão da “cidade real”, mas com foco nos aspectos positivos:

A *Tribuna* está muito ligada à cidade, muito mesmo. Acho que 90%. (...) A posição da *Tribuna* sempre foi, em primeiro lugar, a cidade. Os costumes. O estímulo ao esporte. Veículo, de certa maneira, usado pelos intelectuais para publicar seus artigos. Então, a *Tribuna* é um jornal voltado para a cidade, senão ele não seria a *Tribuna de Petrópolis*. (...) A *Tribuna* também nunca passou a mão por cima de escândalos que pudessem prejudicar a cidade. A gente também não escancara nada, a gente não faz isso de forma a desmoralizar ninguém. Respeita a pessoa, a função, mas é crítico quando precisa ser crítico e elogia quando deve elogiar. Nós preferimos elogiar sempre porque Petrópolis ainda é uma cidade... Merece, a cidade. A gente ficar explorando só policial, sangue, acidente, (...) você está fazendo fugir o nosso turismo. Tem que valorizar o que tem (CARVALHO DA SILVA, 2010).

De acordo com os depoimentos de Sylvio Carvalho e Francisco de Orleans e Bragança, esta não seria uma característica recente do jornal, mas uma tendência que foi construída desde a fundação da *Tribuna*, que antes era trabalhada pelos profissionais da imprensa de modo mais vigoroso e passional. Na atual realidade, o objetivo é fazer do jornal um espaço agradável de celebração dos aspectos que enaltecem a Cidade Imperial. Para isso, Carvalho destaca que foi preciso se abster das notícias policiais: “Registramos o que é importante, mas não falamos de escândalos, sensacionalismos, nada disso. Nada, nada, não exploramos a miséria, nada disso” (CARVALHO DA SILVA, 2010).

Além de espelhar a realidade da cidade no que ela tem mais de banal e necessário para o morador comum, a *Tribuna* também passou a se posicionar de modo a se beneficiar de um forte conteúdo simbólico agregado à herança familiar de seu diretor. Popularmente, a *Tribuna* é também conhecida como “o jornal do Príncipe”, e embora não seja o único herdeiro da Família Imperial morador de Petrópolis, D. Francisco é figura representativa da aura Imperial que circunda a cidade desde sua fundação no século XIX.

1982

PREÇO
Cv\$ 30,00
16 Páginas

BRASIL TEM O APOIO PARA TEGAR A COPA

Organizações de futebol internacional que atuam na Copa do Mundo de 1990, de que o Brasil é o país-sede, estão se reunindo em São Paulo para discutir o apoio financeiro necessário para a realização da Copa do Mundo de 1990.

Tribuna de Petrópolis



MULHER TRUCIDADA PELOS TRAFICANTES DE MACONHA

Uma mulher trucidada pelos traficantes de maconha. A vítima, Maria Cristina, foi encontrada morta em sua casa, vítima de uma brutal agressão.

GOVERNO MUNICIPAL JÁ CONCLUIU A PONTE DA ESTRADA DAS ARCAS



Presidente do Tribunal não adiará o próximo júri

O presidente do Tribunal de Justiça, João Roberto, afirmou que não adiará o próximo júri, apesar das pressões da comunidade.

Joana é atração no Quitandinha

A atriz Joana, conhecida por seu papel em 'O Gato da Botoca', será a atração principal no espetáculo de teatro em Quitandinha.

QUINA FAZ MILIONÁRIO

Um cidadão comum se tornou milionário ao acertar a quina da loteria, ganhando mais de R\$ 1 milhão.

ÚLTIMO DIA DA POUPANÇA PROVOCOU ENORME FILA



Ação Educativa da Creche São José do Itamarati

A creche realizou uma ação educativa para as crianças, com atividades lúdicas e educativas.

Sindicato denuncia crimes cometidos contra comerciantes

O Sindicato dos Comerciantes denunciou crimes cometidos contra comerciantes, incluindo assaltos e fraudes.

Decurso de prazo poderá aprovar a Anistia Fiscal

O decurso do prazo para a aprovação da Anistia Fiscal pode ocorrer, dependendo da decisão do Congresso.

BRASIL TEM O APOIO PARA TEGAR A COPA

Organizações de futebol internacional que atuam na Copa do Mundo de 1990, de que o Brasil é o país-sede, estão se reunindo em São Paulo para discutir o apoio financeiro necessário para a realização da Copa do Mundo de 1990.

MULHER TRUCIDADA PELOS TRAFICANTES DE MACONHA

Uma mulher trucidada pelos traficantes de maconha. A vítima, Maria Cristina, foi encontrada morta em sua casa, vítima de uma brutal agressão.

GOVERNO MUNICIPAL JÁ CONCLUIU A PONTE DA ESTRADA DAS ARCAS

O governo municipal concluiu a ponte da Estrada das Arcas, melhorando a infraestrutura local.

Presidente do Tribunal não adiará o próximo júri

O presidente do Tribunal de Justiça, João Roberto, afirmou que não adiará o próximo júri, apesar das pressões da comunidade.

Joana é atração no Quitandinha

A atriz Joana, conhecida por seu papel em 'O Gato da Botoca', será a atração principal no espetáculo de teatro em Quitandinha.

QUINA FAZ MILIONÁRIO

Um cidadão comum se tornou milionário ao acertar a quina da loteria, ganhando mais de R\$ 1 milhão.

ÚLTIMO DIA DA POUPANÇA PROVOCOU ENORME FILA

No último dia da poupança, houve uma enorme fila de pessoas esperando para sacar o dinheiro.

Ação Educativa da Creche São José do Itamarati

A creche realizou uma ação educativa para as crianças, com atividades lúdicas e educativas.

Sindicato denuncia crimes cometidos contra comerciantes

O Sindicato dos Comerciantes denunciou crimes cometidos contra comerciantes, incluindo assaltos e fraudes.

Decurso de prazo poderá aprovar a Anistia Fiscal

O decurso do prazo para a aprovação da Anistia Fiscal pode ocorrer, dependendo da decisão do Congresso.

Figura 19 – Tribuna de Petrópolis em 1982
 FONTE: Tribuna de Petrópolis – 100 anos em Revista, 2002

Assim como seu pai, D. Pedro Gastão, Francisco de Orleans e Bragança é uma figura pública da cidade, que é visto circulando tranquilamente pelo Centro Histórico e frequentemente representa a Família Imperial em eventos públicos, comemorações e homenagens aos herdeiros do Imperador. Sobre esse aspecto de representação e do seu posicionamento de figura pública, ele afirma saber diferenciar de sua posição de diretor:

Quando me chamam (...), é engraçado, (...) eu vislumbro ali duas coisas: não é o Francisco que está ali, não sou eu. Quem está ali é o descendente de D. Pedro II. Então isso para mim é uma coisa que é clara, entende? Então, eu não me acho superior por ser da Família Imperial. Não me acho igual, nem inferior. Acho que cada um tem o seu lugar no mundo (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Embora declare que não se acha superior por ser da Família Imperial, D. Francisco carrega consigo um potencial histórico que não pode ser ignorado e admite que a *Tribuna de Petrópolis* beneficia-se diretamente do simbolismo de seus laços familiares. O “jornal do Príncipe” constrói, portanto, uma relação com a sociedade petropolitana que vai além do conteúdo informativo e de sua carga noticiosa. Passa a ser também um meio de comunicação direta com a realeza sobrevivente no país e com as opiniões daqueles que trazem a Petrópolis do Imperador de volta à realidade.

Mas, ao mesmo tempo em que se diz guiado pela máxima “O que D. Pedro II faria em meu lugar”, D. Francisco de Orleans e Bragança admite não acreditar no retorno da Monarquia ao país: “Não sou monarquista, não é porque eu sou anti-monarquista. (...) Mas eu já não acredito que a Monarquia funcione no Brasil. Ela funciona num país que já tem tradição monárquica” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

A postura do jornal com relação ao noticiário referente à Família Imperial e às questões da Monarquia é explicada por seu diretor como uma abordagem discreta e isenta, noticiando o acontecido sem envolvimento opinativo. Um ótimo exemplo para avaliar essa postura pode ser encontrado na leitura da edição de 23 de abril de 1993, ano do plebiscito sobre a forma e o sistema de governo no Brasil, em que o jornal anunciou em manchete: “República e Presidencialismo saem vencedores. Monarquia teve mais de 32 mil votos”, com uma foto do Príncipe D. Gastão na capa (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1993).



Figura 20 – O plebiscito de 1993

FONTE: Tribuna de Petrópolis, 23 de abr. de 1993

Esta edição apresenta um caráter recorrente da *Tribuna* ao ressaltar com fotos a proximidade da Família Imperial com os moradores da cidade, mesmo os mais humildes. A imagem retrata D. Pedro Gastão na saída do local de votação, com a seguinte legenda:

O Príncipe Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança transformou-se na grande vedete do plebiscito de quarta-feira. Depois de votar, no Museu Imperial, ele foi cercado pela Imprensa e acabou recebendo homenagens de Célio Medeiros dos Santos, que se disse monarquista pois ‘a escravidão não voltará mesmo’. Dom Pedro disse que Célio ‘é meu amigo aqui da rua’ (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1993).

O amigo de D. Pedro Gastão em questão era um senhor negro, que aparece ao lado de um sorridente príncipe herdeiro, em uma clara representação da proximidade que o jornal pretendia estabelecer entre o jornal, a Família Imperial e os petropolitanos. Ao mesmo tempo em que a postura do jornal é de isenção, trabalha um simbolismo que vai além da busca pelo equilíbrio de informações.

A *Tribuna de Petrópolis* aproveita diversas chances para manter viva a memória da Família Imperial por meio da comunicação destacada de eventos solenes, homenagens de falecimento ou nascimento, datas comemorativas referentes ao calendário monárquico e demais envolvimento dos herdeiros na vida da cidade. No final da década de 1990 e até início dos anos 2000, a coroa imperial era símbolo do jornal, estampada em todas as edições com a frase “O jornal da Cidade Imperial” logo abaixo (Figura 21).



Figura 21 – A coroa representa o jornal da Cidade Imperial
FONTE: Tribuna de Petrópolis, 16 mar. 2000

A coluna social da *Tribuna*, intitulada *Les Partisans*, não raro exhibe fotografias do diretor e de seus familiares em momentos de destaque em meio à sociedade petropolitana. E quando do falecimento de D. Pedro Gastão, em 2007 (Figura 22), o jornal publicou a notícia com destaque na primeira página, além de acompanhar um caderno especial em sua homenagem, com detalhes de sua vida antes de adquirir a *Tribuna* e exaltando os feitos do Príncipe herdeiro em prol da cultura e do meio ambiente.



Figura 22 – Cópia em P&B da capa da *Tribuna* quando da morte de D. Pedro Gastão
FONTE: Tribuna de Petrópolis, 28 dez. 2007

Como todas as relações entre imprensa e sociedade, essa postura da *Tribuna de Petrópolis* corre dois constantes riscos de interpretação, conforme alerta Lattman-Weltman (1994). O primeiro seria a tentativa de “tomar a imprensa como fenômeno inteiramente independente de determinadas estruturas que também condicionam a produção de sentido(s) na realidade sociocultural” (LATTMAN-WELTMAN, 1994:122), resultando, assim, em uma reificação pura e simples do discurso ideológico de quem está no comando do jornal – mesmo que esse discurso seja o de um não-posicionamento.

Por isso, pensar a *Tribuna de Petrópolis* como um jornal apolítico, voltado exclusivamente para os interesses locais, leva ao risco de formatação de uma visão parcial do papel da imprensa local na sociedade. Afinal, um veículo comandado por um herdeiro da Família Imperial no Brasil não poderia manter-se isento ao retratar questões da economia local, ou defender os direitos dos moradores.

Um segundo risco seria o de se “pensar as mídias sob a ótica reducionista das supostas demandas de reprodução do ‘sistema’, seja este uma noção abstrata de sociedade ou o ‘modo de produção determinante’” (LATTMAN-WELTMAN, 1994:122). Neste caso, perde-se o entendimento de que a imprensa é, também, um fenômeno complexo de envolvimento de esferas da economia, da política e do poder simbólico, e não mero instrumento de manipulação das massas.

Assim, também não se deve enxergar a caminhada da *Tribuna de Petrópolis* sob o comando dos Orleans e Bragança como uma manobra política de dominação e controle da sociedade petropolitana a partir dos valores monárquicos que um dia reinaram na região. É preciso ter em mente que a escolha de uma linha editorial que privilegia esses aspectos coloca-se também dentro de uma lógica de mercado. Mais do que noticiar o que faz a Família Imperial, a *Tribuna* veicula também um modo de ver característico a respeito da cidade e da sociedade petropolitana, e corrobora para a manutenção de um status político, social, cultural e turístico que interessa à cidade e aos moradores.

Ainda segundo o autor:

A publicização de discursos particulares envolve não apenas a veiculação de informação fática, substancial, ou seja, de relatos sobre os acontecimentos; mas também a propagação de valores e premissas pelas quais os próprios ‘fatos’ poderão ou, nos momentos de maior ideologização, deverão ser julgados, assim como a propagação de enquadramentos, contextos e temáticas no qual tais fatos poderão ser inseridos e fazer sentido (LATTMAN-WELTMAN, 1994).

No caso do plebiscito de 1993, o texto da matéria de capa afirma que “a Monarquia acabou surpreendendo muita gente”, e que em Petrópolis, 32 mil votos se fizeram a favor do Império, “o que corresponde a 18,55% dos eleitores [da cidade]” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1993). A mensagem buscava informar, sem muito alarde, que, sim, ainda existem monarquistas em Petrópolis, e eles são um número significativo da população.

Neste embate constante de interesses privados (motivados pelo lucro) e públicos (função social de um veículo de comunicação), a estratégia da *Tribuna* passava também pelos interesses políticos que mantinham a economia petropolitana funcionando graças ao turismo na região. Mesmo assim, a postura da empresa ainda se baseia na “imparcialidade” da abordagem jornalística de assuntos políticos.

Conforme defendeu Sylvio Carvalho em depoimento, para a direção isso não significa uma ausência de posicionamento: “Nós *registramos* a política, mas não temos paixão. Você não tem uma campanha vigorosa aqui, uma campanha forte, em defesa de um candidato a prefeito, todos têm seu espaço. [A *Tribuna*] não levanta a bandeira do sujeito, não, mas... Se posiciona”. (CARVALHO DA SILVA, 2010).

3.2 O Grupo Tribuna e a estratégia de sobrevivência do jornal local

Em 1983, outra figura importante para a história recente do jornal se junta ao quadro de funcionários: Sylvio Carvalho, atual gerente comercial, foi convidado para ser editor da *Tribuna* quando o antigo editor, Ivaldo Costa, adquiriu o *Jornal de Cascatinha*. Em depoimento à autora, o jornalista relembra a modernização do parque gráfico e o início da diversificação do serviço da *Tribuna* no período: “Já se fazia alguma composição com máquina de escrever, máquina *composer*. (...) E aí nós passamos a fazer uma página semanal da mulher (...). Fomos renovando, criando uma nova imagem da *Tribuna*” (CARVALHO DA SILVA, 2010).

Mais uma vez, era a preocupação em atrair e manter um número cada vez maior de leitores interessados que levava a *Tribuna* a direcionar seus investimentos em novos cadernos e seções no jornal. Segundo Taschner (1992:75), essa era uma característica essencial da “verdadeira” era capitalista. É a construção de produto, a adequação do conteúdo aos interesses daqueles que seriam responsáveis pela manutenção do jornal em circulação e conseqüente crescimento do interesse dos anunciantes: os leitores.

A preocupação em mudar a cara do jornal vinha atrelada ao interesse de expandir os domínios da comunicação na região. Assim, quando o Sistema Globo de Rádio divulgou a intenção de vender sua *Rádio Imperial*, Sylvio Carvalho orientou Francisco para que adquirisse a mesma: “Eu falei com o Francisco ‘Vamos comprar a Rádio Imperial porque você vai ficar com a rádio e com o jornal, que são dois veículos fantásticos do povão, da população em geral, agrada a gregos e troianos’” (CARVALHO DA SILVA, 2010).

Após negociação com a diretoria do Sistema Globo de Rádio, Francisco de Orleans e Bragança adquiriu a Rádio Imperial em 1983, e deu a Sylvio Carvalho a responsabilidade de comandá-la. Segundo Carvalho, um dos motivos que colaboraram para o processo de aquisição da rádio teria sido “os pontos de vista equilibrados sobre política e religião” que o grupo Globo partilhava com a Família Imperial.

Entretanto, pouco tempo depois, durante a campanha eleitoral para a reeleição de Paulo Rattes, ainda em 1983, Sylvio Carvalho e Francisco de Orleans e Bragança tiveram um desentendimento que resultou na saída de Carvalho da rádio. Em seu programa, Carvalho empenhava-se nas críticas a Rattes, que por sua vez mantinha contato com o herdeiro da Família Imperial. Ao ser comunicado que não poderia mais realizar seus comentários políticos da maneira como vinha fazendo, Sylvio resumiu em uma frase a dinâmica das relações do jornalismo com a política: “Até as cabeças coroadas se deixam vender” (CARVALHO E SILVA, 2010). Afastado da *Tribuna* e da Rádio Imperial, durante toda a década de 1990, Sylvio Carvalho deu continuidade a outras atividades no jornalismo local, enquanto Francisco de Orleans e Bragança seguia investindo na *Tribuna* para que ela se tornasse o jornal de Petrópolis por excelência.

Mesmo durante os anos de profunda crise financeira, os classificados da *Tribuna de Petrópolis* eram a principal fonte de recursos do jornal. Atualmente, a venda de anúncios continua responsável pela maior parcela de arrecadação do veículo, fato que Francisco de Orleans e Bragança credita muito mais à tradição do jornal neste tipo de serviço para a cidade do que no trabalho do departamento comercial:

Eu diria que a Tribuna está viva até hoje por causa dos classificados. (...) Todo negócio tem uma inércia. Quando você começa o negócio ele não anda. (...) Porque ele não tomou velocidade. A inércia do jornal é muito forte. Você com um jornal de cento e tantos anos, cento e oito anos, isso tem uma inércia, isso pesa muito. (...) O jornal circula muito e com essa circulação vão os classificados, eu acho que hoje, vamos dizer, que seria quase 50% da circulação é devido à redação, e 50% é devido aos anúncios (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Sylvio Carvalho, como gerente comercial, reforça as impressões do diretor:

A especialidade do jornal, especialidade em anúncios, é classificado. Os outros vêm em consequência disso. Porque nós somos procurados por grandes empresas para anunciar aqui, porque sabem que o jornal é um jornal lido por todas as massas, todo o grau de população. É de emprego, vendendo casa, e carro... Um jornal bom para a cidade. E muito bom para anunciante (CARVALHO DA SILVA, 2010).

A força dos classificados na administração do jornal é tão significativa que no ano de 2003 a direção assumiu o risco de utilizar parte da primeira página do jornal apenas para anúncios. A metade superior permanecia dedicada às notícias. Tal estratégia pode ser localizada também em uma edição do ano de 1979. Mas a ideia de destacar os classificados na primeira página não resultou nos ganhos esperados: “Foi um fracasso. Mas eu acho que pelo menos eu tentei. Valeu a pena, foram três meses” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010), conta Francisco.

Entretanto, nem só de classificados sobrevive um jornal. Por isso, nos anos recentes, com a aquisição de outras empresas do ramo de comunicação, formou-se o *Grupo Tribuna*, que também possui a Tribuna FM, braço radiofônico da empresa, e a Sumaúma Editora e Gráfica Ltda, fundada em 2001. Embora sejam empresas distintas, todas possuem D. Francisco de Orleans e Bragança como sócio majoritário e responsável pela administração e direção de cada empreendimento.

Em sua configuração atual, além da publicação da *Tribuna de Petrópolis*, o *Grupo Tribuna* publica mensalmente a *Revista Casa & Campo*, dedicada a temáticas refinadas do segmento turístico na cidade, voltada para a região dos Distritos. Anualmente, publica também a revista *Tribuna Festas*, que trata do mercado de casamentos, festas e eventos na região, que já se encontra em sua quinta edição. Cadernos especiais de aniversário da cidade e comemorações frequentemente ganham edições especiais e ilustradas (Figura 24).

Criada em 1989 para ser uma rádio de rock progressivo, a rádio *Tribuna FM* é atualmente um canal de música popular. Já a *Gráfica Sumaúma* é um empreendimento independente da gráfica do jornal, que presta serviços comerciais a empresas da cidade e de fora da região serrana. As empresas do *Grupo Tribuna* que são responsáveis, juntas, pelo equilíbrio orçamentário do jornal.

Questionado sobre o fato de a administração das três empresas ser feita em conjunto, D. Francisco assume: “A gente mistura, eu misturo... Dizem que tá errado. Para mim, não tá” (COSTA, 2010). Com essa afirmação, o diretor revela que, para além de um bom produto jornalístico ou de uma boa relação com a sociedade petropolitana, a sobrevivência da *Tribuna de Petrópolis* nos últimos 30 anos está diretamente relacionada à administração conjunta do jornal com as demais empresas do *Grupo Tribuna*:

Por exemplo, a Tribuna, nós vamos entrar numa época agora que é de vacas gordas, que é o Natal. Para a gráfica, é um horror. Então, a Tribuna empresta dinheiro para a gráfica. Depois tem outras épocas, por exemplo, Carnaval, é ruim para todo mundo, menos para a rádio. A rádio empresta dinheiro. Depois tem, por exemplo, junho, julho, é péssimo para a rádio. Aí o jornal cobre. (...) Eu faço isso, mas tudo, claro, contabilizado. Mas os funcionários, por exemplo, a faturista nossa, eu não preciso ter um funcionário, um faturista para a rádio, um faturista para a Tribuna e um faturista para a Sumaúma. Isso é besteira. Você vai ter três empregados? Centraliza tudo em um. Uma pessoa, se precisar botar mais pessoas, vou colocar até três, mas tudo trabalhando junto (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Para garantir o sucesso do esquema de administração conjunta, o departamento comercial exerce um papel importantíssimo na alocação de recursos de anúncios e classificados do jornal para as demais empresas:

A gente faz pacote. (...) A gente quer dar um atrativo para que as pessoas venham ao fazer serviço gráfico e, de repente, o cara que quer fazer serviço gráfico nunca pensaria em anunciar numa rádio. (...) A gente consegue pescar clientes de uma empresa para a outra” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Além da transferência de clientes e da administração conjunta da verba das três empresas, o jornal ocupa também um papel importante na divulgação dos serviços da gráfica e da rádio, noticiando os investimentos e as aquisições tecnológicas com destaque para o pioneirismo de D. Francisco na administração do *Grupo Tribuna*. O mesmo acontece nos demais veículos. Até mesmo o site da *Tribuna* – o E-Tribuna.com.br – destaca a possibilidade de anunciar na rádio, no jornal ou no próprio portal.

Algumas declarações que podem ser encontradas no jornal quando de anúncio de novos investimentos são: “Mais que uma máquina, a Agfa está oferecendo ao Grupo Tribuna um novo processo de impressão, que agrega valor ao produto final” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2004:7), “Nos últimos anos, o Grupo Tribuna vem investindo em seu parque gráfico e em novas tecnologias. Este é um caminho sem volta. Estamos apostando na qualidade de nossos produtos e, para isso, decidimos investir nessa tecnologia de ponta” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2004:7).

Diversidade e modernização

Outubro 2010



A bem sucedida administração de Francisco de Orleans e Bragança foi marcada por importantes mudanças no parque gráfico da empresa, adquirindo modernos processos de impressão off-set, registrando o retorno do famoso Segundo Caderno e dinamizando a área comercial. Posteriormente estas mudanças se efetivaram também no padrão e formato do jornal e em sua composição, introduzindo também a informatização na empresa.

A passagem do século encontra a Tribuna de Petrópolis com inúmeros cadernos e colunas: o caderno de Itaipava, praticamente um pequeno jornal dedicado ao distrito que economicamente mais cresceu na cidade e outros como o Mulher, Lazer, Informática, Tribuninha, destinada ao público infantil, Automóveis e ainda uma série de edições especiais. Sem perder uma de suas importantes características, os classificados, a Tribuna demonstra uma diversificação competente frente aos grandes jornais das capitais e torna-se única no interior do estado.

Outra fantástica conquista da direção de Francisco de Orleans e Bragança foi a impressão em cores, destacando a Tribuna de Petrópolis entre os poucos jornais do estado que utilizavam o processo. A reorganização dos cadernos de classificados passa a ser feita segundo o que há de mais moderno na classificação de anúncios comerciais, inclusive criando um banco de anúncios à disposição de seus clientes e de seus interesses e um classiligue.

A empresa se dinamizou com a criação da Rádio Tribuna FM, o braço radiofônico da empresa, e a Sumaúma Editora e Gráfica Ltda. Nos últimos anos, a Tribuna de Petrópolis também se inseriu no jornalismo digital, onde divulga através do site as manchetes, notícias, crônicas, artigos e toda uma alegoria informativa que compõe suas edições, trazendo inclusive um arquivo semanal. ■

*Texto do historiador e pesquisador Oazinguito Ferreira da Silveira Filho

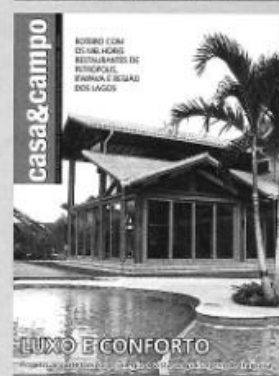


Figura 24 – Os cadernos do Grupo Tribuna – diversidade e modernidade
FONTE: Tribuna de Petrópolis, 09 out. 2010 (Cópia em P&B)

Essa autorreferência sobre a evolução e desenvolvimento do jornal presta-se também a um serviço de valorização do capital simbólico perante a população, que passa a enxergar a *Tribuna de Petrópolis* não só como um apanhado de notícias sobre os bairros e distritos, mas como uma empresa moderna, parte de um grupo cujo diretor preocupa-se com os investimentos que refletem direta e indiretamente na realidade local, na economia da cidade e em diversos mercados que sobrevivem, em parte, graças à circulação do jornal.

3.3 O centenário, as edições especiais e o futuro do jornal local

Depois de alguns anos afastado do jornal, Sylvio Carvalho foi convidado pelo próprio Francisco de Orleans e Bragança a retornar para a *Tribuna* no final de 1999, dessa vez em outro cargo. Pautado pelas comemorações da virada do século, Sylvio organizou um caderno especial com a retrospectiva dos grandes acontecimentos do milênio.

A partir dessa edição comemorativa do novo século, Sylvio Carvalho continuou exercendo sua grande paixão, o jornalismo, como responsável pelos projetos especiais do *Grupo Tribuna*. Em depoimento à autora, Carvalho falou com satisfação da autoria desses projetos especiais: “Depois teve os 500 anos do Brasil, os 100 anos da *Tribuna*, que fui eu que fiz. Eram quatro fascículos de 25 páginas cada um. Aniversário da cidade, eu sempre fui fazendo. Depois eu resolvi fazer essas revistas [*Tribuna Festas*]” (CARVALHO DA SILVA, 2010). Além das datas comemorativas, ganhavam também cadernos especiais personalidades que marcaram a história, como Santos Dumont e Getúlio Vargas.

A *Tribuna de Petrópolis* percebeu que essas edições, além de expandirem sua gama de conteúdo cultural e histórico, serviam também para ampliar sua captação de recursos via anunciantes. Ao vender espaço publicitário para um projeto especial temático, o jornal dava aos comerciantes locais a oportunidade de também “homenagear” e “enaltecer” os ilustres petropolitanos e brasileiros daquelas páginas. Assim, os cadernos especiais tornaram-se também uma fonte de lucros para o jornal.

A revista anual *Tribuna Festas*, por exemplo, atende a uma demanda crescente na cidade no setor de eventos. Petrópolis tem se configurado também como um destino preferido para eventos sociais, fato que resultou em uma explosão de serviços e profissionais atuando na cidade nos. Observando esse novo mercado local em expansão, a *Tribuna Festas* atende não só às expectativas do público leitor que busca realizar seus eventos na cidade como também agrada a anunciantes ávidos por fechar novos negócios.

Assim como a maioria das publicações especiais em datas comemorativas, a ideia de publicar um volume especial no aniversário de 100 anos da *Tribuna de Petrópolis* partiu de Sylvio Carvalho. A edição *Tribuna de Petrópolis – 100 anos em revista*, publicada em quatro fascículos colecionáveis, apresenta um resumo da história do jornal e dos principais acontecimentos locais, nacionais e internacionais em um século de circulação do periódico.

Esta edição comemorativa situa o discurso da *Tribuna de Petrópolis* a respeito da narrativa de sua própria história e apresenta indícios de diversos aspectos da dinâmica de sobrevivência do veículo na cidade. Entretanto, nenhum momento crucial de sua trajetória é aprofundado, limitando-se o editor a fazer um resumo histórico dos principais acontecimentos ocorridos em Petrópolis, no Brasil e no mundo ao longo dos 100 anos.

O entendimento da história de Petrópolis a partir dessa edição comemorativa apresenta um panorama de atores, ocasiões e instituições que receberam abordagem privilegiada no centenário do jornal. Mas, mais do que isso, conta a história do jornal a partir de uma narrativa auto-construída muito mais intensa do que antes vista em suas edições comemorativas de anos anteriores.

Por percorrer um período muito extenso da história do jornal, a edição da *Tribuna em Revista* pincela inúmeros momentos históricos e destaca alguns grupos e cidadãos representativos dos caminhos percorridos pelo jornal. A relação de Getúlio Vargas com a cidade ganha uma matéria especial, assim como aspectos históricos da cidade. As comemorações do centenário, os espaços públicos mais famosos, a inauguração do Museu Imperial e as mudanças do Brasão de Petrópolis são apenas alguns dos temas selecionados para ganharem páginas inteiras dedicadas a eles.

Um aspecto interessante é a *Galeria de Jornalistas, Editores e Colaboradores da Tribuna de Petrópolis*, que seleciona 20 dos principais profissionais de imprensa que passaram pelo jornal e apresenta um breve resumo de suas colaborações e anos de atuação. Na biografia de muitos deles percebe-se a estreita relação dos cargos de imprensa com a vida pública política. Pelo menos sete assumiram cargos no Município ou no Estado depois de colaborarem com a *Tribuna de Petrópolis*.

Na ocasião das comemorações do centenário, foi também celebrada uma missa solene na Catedral São Pedro de Alcântara. Esse marco na imprensa brasileira é apresentado como uma demonstração do empreendedorismo de seu proprietário. A *Tribuna* chegou aos 100 anos com uma equipe de 150 profissionais, entre fotógrafos, jornalistas, diagramadores, programadores visuais, digitadores, gráficos e radialistas.

2002

HOJE NA TRIBUNA

AUTOMÓVEIS



Potência maior e preço impulsionam a Celta, que agora é o carro mais vendido da General Motors no Brasil. Carros e equipamentos são submetidos a baterias de testes antes, durante e depois da produção. Cross Lander do Brasil começa a produzir o CL-244, Ferrari produz apenas 349 unidades do ano. Preço? R\$ 2,5 milhões.

Tribuna

DE PETRÓPOLIS

1902 - 2002

Quarta-feira, 09 de outubro de 2002
Ano C • Nº 303
www.e-tribuna.com.br
R\$ 0,70

R\$ 3,00

Já nas bancas o fichário para você guardar a sua revista do centenário da Tribuna de Petrópolis.

Não Perca !!!

Vendedor de automóveis roubados preso pela PM

Tiago de Oliveira tentava vender um Golf GTI roubado em São Paulo e a polícia constatou que o carro estava com a numeração alterada. **Página 5**

PROMOÇÃO

COMPANHIA DA CRIANÇA



Dia das Crianças

Vale brinde: 1 kit p/meninas 1 kit p/meninos

Veja como na pag 10

Apreensão de pássaros na cidade

Uma grande operação envolvendo agentes do IEF (Instituto Estadual de Floresta), Secretaria de Meio Ambiente e Guarda Municipal (GM) fez uma grande varredura na cidade, em busca de aves silvestres mantidas de maneira ilegal em cativeiro, tendo como resultado mais de 80 aves apreendidas, além de galinhas e sapos. Ricardo Leal, diretor da Reserva Biológica de Anil, que esteve à frente do trabalho, de ontem foi fruto de várias denúncias, feitas diretamente à Reserva ou à Secretaria de Meio Ambiente. **Página 4**

PROMOÇÃO

Dia das Crianças



20 Vale compras R\$ 20,00

Veja como participar na pag. 10

FUTEBOL DE SALÃO



Com um gol de Diogo faltando 20 segundos para o final, o Petrópolis venceu o Botafogo por 5 a 4 na prorrogação (2 a 2 no tempo normal) e se tornou a primeira equipe do interior a conquistar o título do Campeonato Estadual de Futsal do Rio de Janeiro. **Página 12**

O TEMPO HOJE

PETRÓPOLIS	RIO DE JANEIRO
Clares em grande parte do dia	Clares em grande parte do dia
UMIDADE: 82%	UMIDADE: 82%
CHUVA: Prob.: 0%	CHUVA: Prob.: 0%
VZ.: 3 km/h	VZ.: 5 km/h
18°/23°	21°/29°

CLASSIFICADOS

ATLÉTICO BARRA - Campinas, São Paulo, fundada em 1914. Tel: 011-3341-1560. 2002: 10º lugar.	ATLÉTICO BARRA - Petrópolis, fundada em 1914. Tel: 2445-7880. 2002: 11º lugar.
ATLÉTICO BARRA - Petrópolis, fundada em 1914. Tel: 2445-7880. 2002: 12º lugar.	ATLÉTICO BARRA - Petrópolis, fundada em 1914. Tel: 2445-7880. 2002: 13º lugar.
ATLÉTICO BARRA - Petrópolis, fundada em 1914. Tel: 2445-7880. 2002: 14º lugar.	ATLÉTICO BARRA - Petrópolis, fundada em 1914. Tel: 2445-7880. 2002: 15º lugar.

Mais ofertas no caderno de Classificados.

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA CÂMARA MUNICIPAL

Campestre vai sediar Copa Unimed de Tênis

Acontece no próximo fim de semana no Clube Campestre de Nogueira, a 2ª Copa Unimed Petrópolis de Tênis. O evento visa homenagear os 30 anos da cooperativa e o Dia do Médico. **Página 11**

Jornal espanhol destaca as eleições brasileiras

O jornal espanhol El País, um dos mais importantes de Europa, dedicou a primeira

KEMP





Figura 25 – Tribuna de Petrópolis m 2002
 FONTE: Tribuna de Petrópolis – 100 anos em Revista, 2002

Nos últimos capítulos da edição dos 100 anos, o jornal dedicou algumas páginas para resumir o momento atual pelo qual estava passando. O texto sobre a *Tribuna* em 2002 enaltece a caminhada do periódico:

Com os avanços da tecnologia, chegar aos 100 anos de atividades não é mais novidade para nenhuma empresa. Mas chegar aos 100 anos atuando em conjunto com a comunidade, criando empregos e ajudando no setor econômico do município não é para qualquer empresa (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2002:204).

Acima de tudo, a edição comemorativa dos 100 anos demonstra um extenso e cuidadoso trabalho de pesquisa em arquivo, que conseguiu resumir em cerca 200 páginas todos os anos de publicação do jornal. Essa auto-narrativa não entra no mérito analítico, mas é um ponto de partida interessante para a compreensão da caminhada do jornal entre 1902 e 2002. Fora isso, o aspecto comercial merece ter destaque por ter reunido não só as grandes empresas da cidade em torno das comemorações mas também órgãos públicos, como a Prefeitura, ou órgãos pertencentes à própria Família Imperial, como a Companhia Imobiliária de Petrópolis.

Nos últimos anos, uma das principais modernizações da *Tribuna de Petrópolis* consistiu na criação de seu site de notícias on-line, em 1998, o <http://www.e-tribuna.com.br/>. Intitulado “O maior e melhor jornal da serra”, o site limita-se a replicar as informações publicadas na edição do dia, com pouco dinamismo e atualização. O jornal inaugurou em 2010 uma página no site de relacionamentos Facebook e um perfil no microblog Twitter. Essas tentativa de modernização e adaptação às novas formas de comunicação são relevantes para a realidade do jornal local, mas pecam no processo de desenvolvimento, muito automático e robotizado.

Questionado sobre a decisão de colocar o jornal on-line, Francisco de Orleans e Bragança admite que o futuro do jornalismo na internet é para ele uma incógnita, e relembra que o surgimento do rádio e da TV trouxeram os mesmos fantasmas do desaparecimento do impresso, cada um em sua época. Mesmo assim, o jornal impresso permaneceu. Pessoalmente, o atual diretor da *Tribuna* se diz interessado nesse tipo de novidade, mas receia que o avanço acelerado do jornalismo na internet possa comprometer a qualidade do produto final: “Eu não gosto muito de ver isso avançando de repente, eu acho que é preocupante para os jornais. Para a rádio, não. Para a gráfica, também não. Mas para jornal é um negócio preocupante” (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

A estratégia da *Tribuna* para lidar com o avanço das novas tecnologias se baseia em uma decisão de seu diretor de aproximar ainda mais a cobertura do jornal dos problemas das comunidades, especialmente de grupos da população que ainda não se encontram inteiramente dedicados ao consumo de notícias no ambiente virtual. O objetivo atual do veículo é buscar adequação de seu conteúdo para as mídias sem desestruturar o conteúdo produzido para a versão impressa, que é prioridade tanto de investimentos tecnológicos quanto na qualidade do conteúdo:

Por que você acha que eu to fazendo a gráfica? Porque eu quero melhorar cada vez mais o produto jornal. Por que a gente tem a revista? Para melhorar cada vez mais o produto jornal. A revista é do jornal, então eu estou agregando valor ao jornal. A minha ideia é ir por esse caminho, você vai ter que buscar outras soluções. Não adianta fazer aquele jornalão, quadradão, tranquilo (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Aproveitar a inércia dos anúncios, investir em tecnologia e continuar inovando – para os padrões do jornalismo local – é um dos aspectos fundamentais da sobrevivência da *Tribuna de Petrópolis* nos últimos 30 anos. Com um volume de assinantes que gira aproximadamente em torno de 2 mil¹⁰ e uma tiragem de 5 mil exemplares de terça a sexta-feira e 10 mil exemplares aos domingos¹¹, a *Tribuna* não apresenta sinais de falência ou crises, e segue representando o jornalismo local como o mais representativo veículo impresso, não só de Petrópolis, mas da Região Serrana.

¹⁰ Informação fornecida pelo Departamento de Marketing da *Tribuna de Petrópolis* em agosto de 2010.

¹¹ O jornal não circula às segundas-feiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do ditado popular, nem todo jornal de hoje embrulha o peixe de amanhã. A preservação de jornais impressos em arquivos ou o processo de digitalização de seus exemplares parece-me atitude ainda mais relevante e prioritária após a conclusão deste trabalho. Quantas “Petrópolis” existiram nas páginas da *Tribuna* e quantos petropolitanos não seriam conhecidos ou homenageados se todos os jornais do dia anterior não tivessem sido preservados? Pessoalmente, foi muito gratificante descobrir nas edições mais antigas da *Tribuna de Petrópolis* o “modo de fazer” jornalismo do início do século XIX, e perceber como as mudanças econômicas, sociais e políticas do país e da cidade afetavam diretamente a caracterização do jornal.

Ao longo do século, o jornal recontou sua história e reelaborou sua trajetória para se adequar ao momento histórico pelo qual passava. As diversas versões dessas “histórias da *Tribuna*” contadas nas edições comemorativas foram descobertas interessantes e demonstram as mudanças ocorridas na visão institucional que os colaboradores do jornal tinham sobre si. Toda a trajetória da *Tribuna* demonstra claramente que o conteúdo e a leitura da imprensa é fruto das circunstâncias, e que uma verdade de 100 anos atrás certamente é reinterpretada de outra forma no século XXI.

Essa história de 108 anos reflete as relações de poder e manutenção de identidades tão caras à imprensa, ano após ano. O que mais surpreende, além da longa existência do periódico, é também a maneira como a Família Imperial, que tanto marcou a história da cidade, acabou por se tornar o eixo de sobrevivência do jornal centenário em anos recentes.

Centralizando suas vitórias e conquistas nas figuras de seus principais administradores, a *Tribuna de Petrópolis* contribuiu para a construção de um imaginário das personalidades que fizeram a história da cidade. Seja Arthur Barbosa, D. Pedro Gastão ou Francisco de Orleans e Bragança, todos deixaram suas contribuições por uma imprensa que representasse os interesses locais e de seus administradores.

Mas, especialmente a partir da década de 1970, é notório que o processo de formação da memória e a construção da identidade da Cidade Imperial teve um peso estratégico, graças à abordagem predominantemente positiva quanto às contribuições que essa identidade trouxe para a cidade. Nesse contexto, a atuação dos membros da família Imperial foi fundamental para reforçar esse status, especialmente como uma estratégia de marketing e divulgação turística do município.

Entretanto, a sobrevivência financeira do jornal não pode ser atribuída unicamente a essas escolhas editoriais que privilegiaram a relação da *Tribuna* com as heranças do Império. Foi, por exemplo, através de uma estratégia administrativa e de investimentos em modernização de seu parque gráfico que o jornal conseguiu tirar maior proveito de seu já tradicional caderno de Classificados, e assim gerar mais lucros. Assim também, a criação de outras empresas do *Grupo Tribuna* tornou-se o eixo central dos motivos para o sucesso da folha. Amparadas umas às outras, essas empresas garantiram que a tradição do jornal permanecesse e representaram grande evolução para o mercado local de comunicação.

A *Tribuna de Petrópolis* vivenciou diversas lógicas e operou variadas funções atribuídas aos veículos de comunicação. Na sua fundação, cumpriu o papel de porta-voz de um grupo político que, por sua vez, também representava a voz de um partido. Essa força política pode não ter perdurado pelos anos seguintes, mas certamente determinou o perfil inicial da folha e garantiu que ela superasse os enfrentamentos políticos que sofria, graças a sua postura ofensiva.

O período intermediário, entretanto, demonstra os reflexos que a instabilidade política no país trouxe para os veículos de imprensa, assim como sugere que as dificuldades financeiras são muito mais fruto das circunstâncias globais (alta do preço do papel, por exemplo) do que da simples capacidade administrativa dos donos de jornais. No caso da *Tribuna*, isso se confirma especialmente pelo fato de o jornal ter declarado falência mesmo após a permanência de D. Pedro Gastão como síndico de inadimplência do jornal.

Finalmente, a administração de Francisco de Orleans e Bragança aponta para o caminho da autonomia política e para o direcionamento rumo à aglutinação e formação de *holdings*. Como solução para a questão financeira, esta estratégia administrativa acaba por garantir a sobrevivência do jornal independente de seu passado turbulento, ou de sua tradição na luta política fluminense. Garante também, que o jornal possa se declarar independente de amarras políticas, uma vez que suas fontes de lucro e recursos não estão exclusivamente ligadas a grupos políticos no poder ou a grandes anunciantes locais. Assim, a *Tribuna* deixou de ser um jornal em formato de empresa para se tornar um *empreendimento cujo produto final vem a ser um jornal*.

Essa análise de trajetória nos permite inferir também que as finalidades de criação e manutenção de um veículo impresso nem sempre respondem a lógicas objetivas, ou seja, não necessariamente buscavam o lucro e o posicionamento mercadológico. Mas, conforme o país se estruturava e se fortalecia economicamente, era muito mais provável que o jornal-empresa bem administrado fosse aquele a se manter em circulação por mais tempo.

Assim, mesmo que o envolvimento de seus proprietários tenha sido fundamental para a superação das crises, a sobrevivência da *Tribuna de Petrópolis* poderia não ter acontecido se não fossem outras circunstâncias favoráveis do país em cada período.

Este trabalho não pretende ter esgotado as análises possíveis para a trajetória do jornal, muito menos supõe que o caso da *Tribuna de Petrópolis* represente a totalidade dos casos de sobrevivência longa de jornais impressos, sejam eles de capital ou do interior. Entretanto, a análise singular da *Tribuna de Petrópolis* cumpriu seu objetivo principal, o de desenvolver um trabalho sobre a história de um jornal levando-se em consideração suas orientações políticas, econômicas e institucionais ao longo de um século.

Assim, de modo geral, o que se apreende deste estudo são as inúmeras variáveis humanas, sociais, econômicas e políticas que influenciam a existência de um veículo de imprensa, e a identificação dos artifícios e estratégias que levam um jornal a se manter em circulação. A *Tribuna*, por ter se assumido claramente como um empreendimento capitalista nos anos mais recentes, garantiu a credibilidade necessária para gerar identificação com seu público leitor, gerando também interesse na compra do seu produto e conseqüente investimento de anunciantes. Ao mesmo tempo, a necessidade de adaptação às novas realidades mostrou-se essencial para que o jornal seguisse adiante.

Para finalizar, utilizo-me de alguns trechos das entrevistas realizadas com o gerente comercial Sylvio Carvalho e com o diretor da *Tribuna*, Francisco Orleans e Bragança, quanto a suas próprias percepções e expectativas sobre o passado e o futuro do jornal.

Para Sylvio Carvalho, o jornal sobreviveu “porque tem raiz”. E por raiz entende-se uma capacidade de traçar uma caminhada sólida, de ter se tornado um jornal respeitado, que “não vive mudando de direção, de propriedade”. De fato, apesar de pequenas mudanças durante os anos de crise, a *Tribuna de Petrópolis* pode depositar em seus três principais proprietários os esforços de superação de dificuldades. E é possível que, enquanto o jornal continuar sob a direção de Francisco de Orleans e Bragança, pouca coisa mude no reino da imprensa local.

Sylvio Carvalho defende que “a *Tribuna* não faz nada que possa denegrir a sua tradição, a sua imagem”. E nessa caminhada recente, pautada pela política de boa vizinhança, o jornal vem se mantendo em crescente circulação em Petrópolis. Sem escândalos, sem coberturas tendenciosas e sem levantar bandeiras – características defendidas veementemente em depoimento à autora.

Já nas palavras de Francisco de Orleans e Bragança, a realidade da *Tribuna* se explica por meio de uma lógica capitalista. Na visão do empresário, a *Tribuna* existe até hoje porque em um dado momento ela passou a ser vista como um empreendimento. O diretor afirma que, muitas vezes, o problema das empresas de comunicação é não saberem assumir suas verdadeiras identidades: se são empresas – dispostas a obter lucro e vantagens no mercado – ou se são instrumentos de uma luta social simbólica:

Qual é a tua função, é uma função social ou é uma função monetária? Você não sabe direito, entende? Quando você trabalha em um hospital, é o mesmo dilema. Você salva vida ou você ganha dinheiro? É complicado isso. (...) Você tem que ter isso muito bem colocado na sua cabeça, inclusive para você ter um jornal de credibilidade, que nem um hospital de credibilidade (ORLEANS E BRAGANÇA, 2010).

Na batalha para construir sua própria identidade, a *Tribuna de Petrópolis* se assumiu como empresa de comunicação, e a partir daí traçou suas estratégias, identificou suas oportunidades, direcionou investimentos e soube aproveitar o potencial do imaginário local para determinar a relação que estabeleceria com a cidade: um jornal Imperial, comandado por um “príncipe herdeiro”, para defender as causas do povo petropolitano.

APÊNDICE A – CRONOLOGIA

Século XIX	1830-1850	1860	1870	1880	1890
História de Petrópolis	<p>1830 A Fazenda do Córrego Seco é adquirida por D. Pedro I</p> <p>16/03/1843 Fundação de Petrópolis</p> <p>1845 Chegada dos primeiros colonos alemães a Petrópolis</p> <p>1857 Petrópolis passa de povoado a cidade</p>			<p>1880 Período de intensa atividade das indústrias têxteis em Petrópolis</p> <p>01/04/1888 Libertação dos escravos petropolitanos pela Princesa Isabel</p>	<p>1892 Petrópolis passa a ser comandada pela Câmara Municipal</p>
Imprensa em Petrópolis	<p>1857 Fundação d'<i>O Mercantil</i></p> <p>1858 Fundação d'<i>O Paraíba</i></p> <p>1858 Fundação d'<i>A Brasília</i>, jornal dos colonos alemães</p>	<p>1862 Fim d'<i>A Brasília</i>, de propriedade de colonos alemães</p> <p>1864 Fundação do jornal <i>Germânia</i>, também alemão</p> <p>17/05/1868 Nasce Arthur Barbosa</p>	<p>1874 O <i>Germânia</i> passa a ser publicado na capital, com o título <i>Algemeine Deutsche Zeitung</i></p>	<p>1888 O <i>Germânia</i> (agora chamado <i>Algemeine Deutsche Zeitung</i>) encerra sua circulação no Rio de Janeiro</p>	<p>1891 O <i>Mercantil</i> acaba</p> <p>1892 Surge a <i>Gazeta de Petrópolis</i></p>
História Fluminense e do Brasil	<p>1831 Abdicação de D. Pedro I</p> <p>1834 Morte de D. Pedro I</p> <p>1840 A Fazenda do Córrego Seco é doada como presente da nação a D. Pedro II</p>		<p>1870 Começam a surgir os primeiros sintomas da crise do Segundo Reinado</p>	<p>1888 Fundação do Partido Republicano Fluminense</p> <p>1889 Francisco Portela é eleito presidente do Estado do Rio de Janeiro</p> <p>15/11/1889 Proclamação da República</p>	<p>1891 Morte de D. Pedro II</p> <p>1892 José Tomás da Porciúncula é eleito presidente do Estado do RJ</p> <p>1893 Eclosão da Revolta da Armada</p> <p>1894 Petrópolis se torna capital do Estado do RJ</p> <p>1897 Alberto Torres é eleito Presidente do Estado do RJ</p> <p>1899 Fundação do Partido Republicano do Estado do RJ</p>

Século XX	1900	1910	1920	1930	1940
História de Petrópolis	<p>1903 Petrópolis deixa de ser capital do Estado</p> <p>1903 Ataque à Câmara Municipal de Petrópolis</p>	<p>1911 Inauguração do monumento a D. Pedro II em praça homônima em Petrópolis.</p> <p>1913-1915 Arthur Barbosa é eleito Chefe do Executivo Municipal</p> <p>1917 Criada a Prefeitura Municipal de Petrópolis</p>	<p>14/07/1922 Arthur Barbosa é preso durante o governo de Artur Bernardes e levado para a capital federal</p>	<p>5 dez 1939 Inauguração da capela mortuária em Petrópolis com a presença de Getúlio Vargas</p>	<p>1940 Criação do Museu Imperial</p> <p>1943 Inauguração do Museu Imperial</p>
Imprensa em Petrópolis	<p>1902 Fundação da <i>Tribuna de Petrópolis</i>, substituindo <i>O Povo</i></p> <p>1904 Fim da <i>Gazeta de Petrópolis</i></p> <p>1908 A <i>Tribuna de Petrópolis</i> se torna um jornal diário</p>	<p>1910 Primeira crise financeira, após saída de Hermogênio Silva, apoiador do jornal, do governo</p> <p>1911 Fundação de <i>O Comércio</i></p>	<p>1923-1925 Tribuna arrendada a Alcindo Sodré e Carlos Rizzini.</p> <p>1924 Fundação do <i>Jornal de Petrópolis</i></p> <p>12 jan 1929 Mudança da Tribuna de Petrópolis para sua sede definitiva na Rua Alencar Lima.</p>		<p>1940 D. Pedro Gastão assume o cargo de síndico da inadimplência da <i>Tribuna</i>. Morre D. Pedro de Alcântara</p> <p>1943 Arthur Barbosa vende a <i>Tribuna</i> para Augusto Martinez Toja. Primeira reforma gráfica do jornal</p> <p>1947 Arthur Barbosa morre aos 80 anos. Guilherme Auler assume a redação da <i>Tribuna</i>.</p>
História Fluminense e do Brasil	<p>1900 Quintino Bocaiúva é eleito presidente do Estado</p> <p>04/08/1902 Promulgação da lei que retorna a capital do Estado para Niterói</p> <p>1903 Niterói volta a ser capital do Estado; ano da Reforma de Pereira Passos.</p> <p>Dez/1903 Nilo Peçanha é eleito presidente do Estado do RJ</p> <p>1904 Revolta da Vacina</p>	<p>1912 Morrem o Barão do Rio Branco e Quintino Bocaiúva</p> <p>1913 Nascimento de D. Pedro Gastão</p> <p>1914 Início da I Guerra Mundial</p> <p>1916 Venceslau Brás aprova proposta do IHGB e acorda que os corpos de D. Pedro de Alcântara e d. Teresa Cristina retornariam ao Brasil em 1922.</p> <p>1917 Brasil entra na I Guerra Mundial.</p>	<p>3 set 1920 Decreto revoga o banimento da família real no Brasil</p> <p>1921 Morte da Princesa Isabel</p> <p>1922 Chegada dos corpos do casal Imperial.</p> <p>1925 Centenário de nascimento do D. Pedro II</p>	<p>3 nov 1930 Getúlio Vargas recebe o poder da junta governativa</p>	<p>1948 D. Pedro Gastão doa parte do acervo da Família Imperial ao Museu Imperial</p>

Século XX	1950	1960	1970	1980	1990
História de Petrópolis				28 mar 1981 Petrópolis é oficialmente declarada “Cidade Imperial”	1993 Plebiscito sobre a forma de governo
Imprensa em Petrópolis	1955 Fundação do <i>Diário de Petrópolis</i> .	1960 Mesmo com os esforços de D. Pedro Gastão, a <i>Tribuna</i> declara falência	1977 a <i>Tribuna</i> de Petrópolis passa a ser uma empresa de sociedade por cotas de responsabilidade limitada. D. Francisco de Orleans e Bragança assume a gerência do jornal 1979 D. Francisco assume a presidência	1983 A <i>Tribuna</i> compra do Sistema Globo de Rádio a <i>Rádio Imperial</i> 1985 O processo de impressão da <i>Tribuna</i> muda da máquina plana para a rotativa 1989 Surge a <i>Rádio Tribuna FM</i>	1995 A <i>Tribuna</i> passa por uma grande reforma gráfica, nas mãos do designer Felipe Taborda 1996 A <i>Tribuna</i> passa a contar com o serviço de agências de notícias 1998 Criação do portal E-Tribuna 1999 Primeira publicação de caderno especial na <i>Tribuna</i> , sobre a virada do milênio

Século XXI	2000	2010
História de Petrópolis		2007 Morte de D. Pedro Gastão na Espanha
Imprensa em Petrópolis	2001 Fundação da Gráfica Sumaúma 2002 Centenário da <i>Tribuna</i> de Petrópolis	2010 Início das atividades da <i>Tribuna</i> nas redes sociais (Facebook / Twitter)

Nota da autora: Esta cronologia não teve por objetivo dar conta de todos os acontecimentos e momentos históricos relevantes do período de existência da *Tribuna de Petrópolis*, de 1902 a 2010. Sua finalidade foi a organização temporal da trajetória do jornal a fim de orientar a organização dos capítulos e o desenvolvimento dos argumentos da pesquisa. Entretanto, sua inclusão no trabalho pareceu importante para facilitar a visualização das datas escolhidas para análise na dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Cristiane D'Ávila Lyra; GOMES, Renato Cordeiro (Orientador). *Fantasia na Serra: Representações de Petrópolis na mídia impressa*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado – Depto de Com. Social, PUC – RJ, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 11ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Volume II. O Poder da Identidade. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CASTRO, Silvia Pantoja S. FEIJÓ, Vera Lúcia. A desestabilização do Nilismo. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.); Mônica Almeida Kornis... [et al]. *A República na velha província: oligarquias e crise no Estado do Rio de Janeiro (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1989.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão midiática. In: *A miséria do mundo*. Pierre Bourdieu (coord.). Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da tradição. In: *Comunicação e cultura das minorias*. PAIVA, Raquel/ BARBALHO, Alexandre (orgs.). São Paulo: Paulus, 2005.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo, Edusp, 2002.

FELLIPI, Ângela Cristina Trevisan. *Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. Série Conhecimento 46. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. 126 p. Disponível em: <http://www.unisc.br/deptos/editora/ebook004.htm>. Acesso em 20/12/2010. Acesso em 19 fev. 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Em busca da idade do ouro*. As elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930). Ed. UFRJ / Ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.); Mônica Almeida Kornis... [et al]. *A República na velha província: oligarquias e crise no Estado do Rio de Janeiro (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1989.

FRITZSCHE, Peter. *Reading Berlin 1900*. Harvard University Press. Cambridge, Massachussets, 1998.

LAMARÃO, Sérgio T. M. A cisão do PRF e a formação do PRRJ. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.); Mônica Almeida Kornis... [et al]. *A República na velha província: oligarquias e crise no Estado do Rio de Janeiro (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1989.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa e Sociedade: A economia do discurso público. In: *ARCHE*, ano III, no 8, p. 119-133, 1994.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa Carioca nos anos 50: os “anos dourados”. In: ABREU, Alzira Alves (org.). *A Imprensa em Transição: O jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1996.

LEMOS, Luis do Couto Neto e. Francisco Portela, o Governador de Deodoro. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.); Mônica Almeida Kornis... [et al]. *A República na velha província: oligarquias e crise no Estado do Rio de Janeiro (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1989.

LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. *Petrópolis: progresso e tradição nos trabalhos da memória*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da PUC-Rio. 2001.

RABAÇO, Henrique José. *História de Petrópolis*. Antecedentes históricos e a povoação. Petrópolis. Universidade Católica de Petrópolis, 1985.

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: A social history of American Newspapers*. USA. Basic Books, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo. Cia das Letras, 1998.

SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. Para ser uma cidade Republicana. In: *Histórica*. Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo. 2009, nº 36. Disponível em <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao36/materia04/texto04.pdf>>. Acesso em 11 jul 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1966.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento*. Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1992.

TAULOIS, Antônio Eugênio. *História de Petrópolis*. Universidade Católica de Petrópolis. Instituto Histórico de Petrópolis, 2007. Disponível em: <<http://www.petropolis.rj.gov.br/>> Acesso em 10 jul 2010.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. Leis e Costumes. De certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2005.

Entrevistas e depoimentos:

- ORLEANS E BRAGANÇA, Francisco de. Entrevista concedida à autora na sede da Tribuna de Petrópolis em 08 dez. 2010.
- CARVALHO DA SILVA, Sylvio. Entrevista concedida à autora no escritório do Departamento Comercial da Tribuna de Petrópolis em 28 out. 2010.

Sites consultados:

- Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - <http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>
- Museu Imperial de Petrópolis - <http://www.museuimperial.gov.br>
- Petrópolis no século XX – <http://petropolisnoseculoxx.zip.net/index.html>
- Instituto Histórico de Petrópolis - <http://www.ihp.org.br/ihp/site/>

Fontes primárias:

AULER, Guilherme. 50 anos de circulação diária. In: *Tribuna de Petrópolis*. Ano LVI, nº 1. 01 jan. 1958.

FERRAZ, Carlos. Cartas ao General Quintino I. In: *Tribuna de Petrópolis*. Ano 1, nº 5. 23 out. 1902a.

FERRAZ, Carlos. Cartas ao General Quintino III. In: *Tribuna de Petrópolis*. Ano 1, nº 7. 30 out. 1902b.

FERRAZ, Carlos. Cartas ao General Quintino V. In: *Tribuna de Petrópolis*. Ano 1, nº 9. 06 nov. 1902c.

FERRAZ, Carlos. Modos de ver – O nosso. *Tribuna de Petrópolis*. 13 nov. Ano 1, nº 11 1902d.

FRÓES, José Kopke. *Tribuna de Petrópolis: Edição comemorativa pelos 49 anos do jornal diário*. In: *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 1957.

FRÓES, José Kopke. Petrópolis por ocasião do aparecimento da *Tribuna*. In: *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 12 out. 1952

MACHADO, Álvaro. Parabéns. In: *Tribuna de Petrópolis*, Mais um ano. Petrópolis, 10 out. 1907, p. 1.

MEMÓRIA, Assis. A Imperial Cidade (extraído do Jornal do Brasil). In: *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 14 mai. 1940.

MIRANDA, Oswaldo. Elogio da imprensa petropolitana. In: *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 01 mai. 1943.

SANTOS, Joaquim Eloy Duarte dos. Dom Pedro II Cidadão do Mundo. Sesquicentenário da elevação de Petrópolis à categoria de cidade. *Tribuna de Petrópolis*, Set 2007.

SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. As origens da imprensa em Petrópolis. In: *Petrópolis no Século XX*. Imprensa Petropolitana: Sesquicentenário. jan 2007. Disponível em <http://profferreira.sites.uol.com.br/ORIGENSIMPREENSAPETROPOLIS.htm>. Acesso em 05 out 2010.

_____. A Tribuna nasce e tem como marco a preocupação social. In: *Tribuna de Petrópolis, 100 anos em Revista*. Petrópolis, out. 2002. Fascículo I, p. 4-10.

_____. O Nascimento da Tribuna. Edição especial de 99 anos de fundação. In: *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, 07 out 2001. P. 02-07.

_____. 108 anos de uma história que atravessa os séculos. In: *Revista Tribuna Festas*. Petrópolis, out 2010. Ano 5, p. 92-99.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *O nosso objetivo*. Petrópolis, 09 out. 1902.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *O ataque à Câmara*. Petrópolis, 19 fev. 1903a.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Vandalismo*. Petrópolis, 22 fev. 1903b.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *O ataque à Câmara*. Petrópolis, 19 mar. 1903c.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Um ano*. Petrópolis, 10 out. 1903d.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *Mais um ano*. Petrópolis, 10 out. 1907.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *Seis annos*. Petrópolis, 09 out. 1908.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *A revogação do banimento da família imperial*. Petrópolis, 05 set. 1920.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *A princesa D. Isabel Condessa D'Eu*. Petrópolis, 21 nov. 1921a.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *A nossa data*. Petrópolis, 01 jan. 1921b.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 01 jan. 1923.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Texto de João de Petrópolis*. Petrópolis, 01 jan. 1925a.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Anúncios em francês*. Petrópolis, 08 fev. 1925b.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Inauguração da sede da Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, 3 de janeiro de 1929.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, 05 jan. 1940a.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, 26 mai. 1940b.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *O renascimento de Petrópolis* (conforme publicado no Jornal do Brasil). Petrópolis, 28 mar 1940c.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Tribuna de Petrópolis*. Edição comemorativa 40 anos. Petrópolis, 01 jan. 1943a.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *A imprensa e a história*. Petrópolis, 03 set. 1943b.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, 09.out. 1943c.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *A pujança do parque industrial de Petrópolis através de uma reportagem*. Petrópolis, 11 dez. 1943d.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Petrópolis*. Petrópolis, 03 jan. 1954.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Frões é um depósito de lições*. Petrópolis, 15 mar. 1977.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Tribuna: 78 anos*. Petrópolis, 09 out. 1980.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Edição comemorativa*. Petrópolis, 10 out 1982.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Especial Tribuna 98 anos*. Petrópolis, 08 out 2000.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Tribuna e Sumaúma apostam em tecnologia*. Petrópolis, 24 out. 2004.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *Missa por D. Pedro Gastão será amanhã*. Petrópolis, 04 jan. 2008.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. *A história da Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, 09 out. 2009.

VILLON, Victor. *Dom Pedro Gastão – 90 anos*. In: Tribuna de Petrópolis. Petrópolis, 19 fev. 2003.